

REIS E RAINHAS NO DESTERRO — Um estudo de caso

Dissertação apresentada

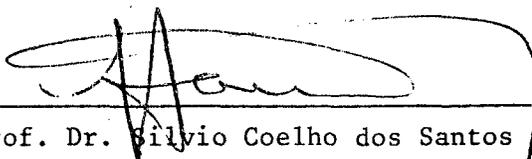
por

REGINA MARIA ERDMANN

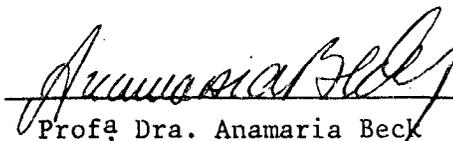
Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores:



Prof. Dr. Gilberto Cardoso Alves Velho



Prof. Dr. Sílvio Coelho dos Santos



Profª Dra. Anamaria Beck

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

REIS E RAINHAS NO DESTERRO - Um estudo de caso

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais da Universidade Federal de
Santa Catarina, para obtenção do Grau
de Mestre em Antropologia.

REGIMA MARIA ERDMANN

Florianópolis, fevereiro de 1981

PARA

Gilberto Velho

Hans Otto Lampert

Jucira V. de Castro

e para mim mesma

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO: NOTAS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO	4
CAPÍTULO I: QUE DESTERRO É ESSE ?	13
CAPÍTULO II: OS REIS E AS RAINHAS DO DESTERRO	41
CAPÍTULO III: A INTEGRAÇÃO ENTRE OS MENORES E SEUS CLIENTES .	85
CONCLUSÕES	119
BIBLIOGRAFIA	136
GLOSSÁRIO	139

APRESENTAÇÃO

A realização dessa etnografia acerca de um grupo de menores do sexo masculino e a interação destes com homossexuais adultos do mesmo sexo, onde os primeiros se constituem numa das opções como parceiros sexuais, é o resultado de pesquisa por mim efetuada na cidade de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina.

O interesse na realização desse trabalho vem desde a formação acadêmica universitária e foi incentivada por amizades de ambos os sexos que se identificavam a si mesmos como homossexuais e bissexuais. O apoio formal dado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, na pessoa do então Coordenador, Professor Doutor Sílvio Coelho dos Santos e na viabilização para integralizar os créditos no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foram fundamentais para a decisão final de efetuar estudos na área do comportamento desviante.

A participação em cursos no Museu Nacional, ministrados pelo Professor Doutor Gilberto Velho e a sua orientação segura e estimulante foram os fatores responsáveis pelo encadeamento e fluência do trabalho de campo e a redação acerca do material coletado e suas conclusões.

O interesse renovado por parte do meu orientador, a cada discussão, me animava na continuação da tarefa e sua orientação eficaz na fundamentação teórica do tema, destruíram os mitos e os fantasmas que eu vislumbrava circulando em torno de todos os mestrandos e encarei esse trabalho como um exercício racionalizador maior e como um elo necessário para a cadeia de quem quer seguir carreira universitária.

Propus-me a analisar um grupo de jovens e seus parceiros homossexuais adultos. A interação desse grupo de menores com determinada categoria de homossexuais masculinos é analisada, procurando detectar o significado da mesma. Verifico também a natureza dessa interação e como os dois grupos a interpretam, como se apresentam e vêem a situação. Especialmente em relação às categorias de homossexuais, procuro detectar como convivem com o seu estigma e se vêem a si mesmos.

Já registrei parcialmente os meus reconhecimentos cordias ao papel do Professor Doutor Gilberto Velho na condução dessa etnografia, mas quero expressar novamente, na íntegra, os meus agradecimentos por toda a orientação e amizade comprovadas.

Agradeço igualmente ao Professor Doutor Silvio Coelho dos Santos que se empenhou pessoalmente para viabilizar a conclusão dos créditos no Museu Nacional, bem como o apoio, incentivo e interesses constantes da Professora Doutora Anamaria Beck, minha orientadora do curso.

Reconheço também minha obrigação para com a Universidade Federal de Santa Catarina e o Departamento de Ciências Sociais que, antecedendo-se às intenções desburocratizantes do governo federal, autorizaram-me prontamente a concluir os cursos no Rio de Janeiro, auxiliando-me inclusive financeiramente através do PICD. Aqui, os meus reconhecimentos ao então Reitor Caspar Erich Stemmer e o Prô-Reitor, Professor Rodi Hickel.

O interesse científico por parte de alguns colegas acerca de um trabalho dessa natureza, foi igualmente um estímulo.

A tarefa foi grandemente facilitada pela atenção, seriedade e eficiência das secretárias e bibliotecárias do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional.

A paciência e dedicação profissional de Janete Jensen Eble na datilografia reiterada da dissertação se evidenciam na apresentação do próprio texto e transcendem os limites técnicos do mesmo. O empenho e o apoio por parte do atual Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, Professor Eduardo José Viola são gratamente reconhecidos.

Não posso dissociar a realização dessa etnografia dos

personagens do mundo homossexual da Ilha de Santa Catarina, bem como a colaboração e as informações obtidas dos menores que já conhecem todos os meandros desse mercado proscrito de sentimentos, emoções e práticas incomuns. Às outras categorias, minha dívida pelo seu desprendimento e generosidade nas informações e depoimentos exaustivos. Sua contribuição é maior do que possam avaliar, tanto para os interesses científicos como para o meu entendimento de comportamentos não sancionados pela sociedade ampla e que me ajudam a fazer diferentes leituras da cultura.

Quero citar ainda nominalmente algumas pessoas que convidaram por um motivo ou outro, especialmente pelo último, com o meu objeto de pesquisa, discutindo-o ou dando seu apoio por várias vias: Patricia Donnelly, Ingo Schulz, Ingeburg Dekker, Milada Y. Kozel, Ernesto Ruiz e Jucira Vieira de Castro, que fez também a revisão do texto.

INTRODUÇÃO

O interesse na realização dessa etnografia acerca de indivíduos homossexuais adultos e o que eu denominei, a priori, de prostituição masculina não adulta, em Florianópolis, Ilha de Santa Catarina, se deve à conjugação de diversos fatores.

O interesse pelo assunto vem desde a formação acadêmica universitária e foi aguçado e incentivado por algumas amizades de ambos os sexos e que se auto-identificavam como homossexuais e bissexuais.

Com o ingresso em estudos pós-universitários, o interesse foi apoiado formalmente e incentivado pelo corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente na pessoa do Coordenador do Programa, Professor Doutor Silvio Coelho dos Santos e pela orientadora do curso, Professora Doutora Anamaria Beck, viabilizando-me a integralização dos créditos no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A participação no curso "Indivíduo e Sociedade" - (Teorias do Desvio), ministrado pelo Professor Doutor Gilberto Velho no segundo semestre de 1979, viabilizou também a sua orientação para o presente trabalho.

O convívio intensivo desde o início de 1977 com pessoas do mundo homossexual de Florianópolis, possibilitou-me o conhecimento e o desvendamento de determinados locais que servem de encontros, sejam bares, restaurantes, lanchonetes, cinemas, praias e outros locais como determinadas ruas e praças, estacionamentos e outros lugares públicos ou semi-públicos. Familiarizei-me igualmente com um vocabulário e um discurso desenvolvido nesse meio, bem como a interpretação e a decodificação de determinados gestos, olhares, sinais e comportamentos considerados particulares desse meio. Durante esse período mencionado, participei e presenciei tudo o que foi possível nesse terreno. Com esse missionarismo de um ano intensivo de contatos e a decodificação dos meios homossexuais, senti-me encorajada para levar a tarefa adiante, especialmente com o apoio e a orientação posterior do trabalho por parte do Professor Gilberto Velho. Coloquei como objetivos da pesquisa, verificar como as categorias diferentes de

homossexuais se vêem a si mesmos, como se dá a interação entre eles, como convivem com o seu estigma e quanto à escolha de parceiros sexuais, como se dá a interação desses grupos distintos.

O material usado para o presente trabalho é o resultado de pesquisa feita por mim e agora apresentada em forma de etnografia acerca de categorias de homossexuais adultos e seus parceiros sexuais, que no caso, uma das opções se apresenta na forma de adolescentes e jovens masculinos, não adultos.

Devo esclarecer alguns pontos acerca da maneira como o trabalho de campo e a coleta de dados foi empreendida. Para uma etnografia desse tipo, optei por histórias de vida obtidas de entrevistas em profundidade, o que me possibilitou abordar muitas facetas da vida do informante. Para evitar, em parte, o problema de se acreditar que o universo "era sem novidade" ou que a "maioria tende a apresentar comportamento tal...", procurei ter a visão mais ampla e completa possível do universo em pauta, aprofundando e concentrando-me em um número de casos que atingissem os objetivos propostos e que fossem significativos em seu conteúdo.

Um trabalho dessa natureza exige a presença reiterada do pesquisador "nos cenários onde ocorre a ação" e dessa maneira, em relação aos homossexuais adultos na sua maioria, o trabalho de campo teve que ser realizado no período noturno, especialmente a partir das dezenove horas, estendendo-se comumente até às vinte e quatro horas. Nos meses mais quentes e no período de férias de fim de ano, o horário se estendia até aproximadamente duas horas da manhã.

Quanto ao meu papel em relação ao objeto, penso que consegui uma observação participante muito boa. Senti isso quando um cliente se dirigiu ao grupo de travestis com quem eu estava no momento, e perguntou-me: "nova no pedaço?". Conforme Julita Lemgruber colocou no seu trabalho de tese (Cemitério dos vivos, 1979) usando os papéis teoricamente possíveis de Junker, acredito que fui "participante - como - observador... tanto o pesquisador quanto o informante estão conscientes de que a relação entre eles é meramente de campo..." (p.5). Mas, no que diz respeito ao envolvimento emocional, estou convencida de que a neutralidade total é impossível e seguindo ainda a relação entre o pesquisador

e seus informantes, como Julita Lemgruber coloca, baseando-se em Gans, o papel que eu assumi foi o de participante total, no qual "... o pesquisador está completamente envolvido emocionalmente em uma situação social e que, apenas quando esta termina, torna-se um pesquisador novamente e anota o que aconteceu..."(p.6). No entanto, devo esclarecer que minha interação foi maior com as categorias de homossexuais adultos, e com estes apenas, eu tive um desempenho como mencionei. Já para com o grupo de menores, tenho que registrar algumas dificuldades no trabalho de campo e aqui, ainda em relação ao envolvimento emocional, os papéis que assumi com referência a esse segundo grupo, foi também o de pesquisador participante, onde eu atuei como alguém que "... participa em uma situação social, mas, pessoalmente, está apenas parcialmente envolvido, de tal forma que ele pode funcionar como um pesquisador (Lemgruber, 1979); chegando inclusive em determinadas situações e momentos, a pesquisador total, no qual me coloquei consciente",... sem qualquer envolvimento na situação em estudo" (Lemgruber, 1979).

O fato de eu ter desempenhado esses papéis para com o grupo dos adolescentes, se deve a vários fatores, que identifiquei como sendo o principal, de faixas etárias distintas. Penso também que outros fatores tais como linguagem, roupas, atitudes e até o sexo, não influenciaram muito, uma vez que quando ia a campo, adaptava, na medida do viável, a minha linguagem, gestos, indumentária, diminuindo ao máximo qualquer distanciamento provocado por tais itens, entre eles e eu. Além disso, para o trabalho com os garotos, fiz-me acompanhar, após notar algumas resistências, de dois alunos meus da graduação de Ciências Sociais e que eram muito jovens, descontraídos, tipo "hippies" e que conseguiram obter todos os dados dos quais tinha havido reservas e reticências. Registro ainda que, apesar de todos os esforços de minha parte, foi inevitável o meu sotaque de "moça de origem" conforme me indagavam e a desconfiança de que era uma agente de serviços comunitários, como assistente social. Esse temor por parte dos meninos se justifica plenamente, uma vez que trabalhos dessa natureza não são incomuns, visando identificar e recolher menores abandonados às instituições aparelhadas para tal. Além disso, muitos desses menores já tinham tido passagens nos registros

policiais em virtude de infrações menores, tais como contra o patrimônio. Outros já tinham sido recolhidos por um ou outro motivo às instalações oficiais de menores, como a Fundação Catarinense do Bem Estar do Menor (FUCABEM) e lá permanecido por semanas ou meses e depois liberados ou se evadido. Assim, os receios e as desconfianças eram bem fundamentadas.

Os dados que então serviram para a análise do trabalho, resultaram das informações que obtive de entrevistas informais, cujos dados eram registrados imediatamente após a retirada do local onde se deram. Optei por não utilizar nenhum instrumento ou aparelho na hora, não só devido à natureza do trabalho e dos informantes, mas também porque, especialmente em relação aos adultos, estes estavam sempre "batalhando", no "mettier", conforme colocações de um travesti. Em relação aos garotos, devido à sua desconfiança, o fato de usar um gravador por exemplo, atemorizá-los-ia ainda mais, e correria o risco de não obter informantes e muito menos informações.

Inúmeras vezes, meu trabalho de campo consistia apenas na observação das categorias dos dois grupos, de um ponto estratégico ou de um local onde não pudesse ser vista, como janelas de edifícios ou carros. Este trabalho preliminar foi importante porque me ajudou a desvendar e decodificar determinados comportamentos, especialmente os relacionados à paquera e a negociação inicial para uma possível e posterior transação final em outro local e horário.

Acho necessário ainda informar como tive acesso ao objeto de pesquisa. Conforme já registrei no início da introdução, eu tinha um círculo significativo de amizades de ambos os sexos, homossexuais e bissexuais e me movia com desenvoltura nesse meio.

A aproximação com a categoria travesti se deu no próprio local de trabalho deles, pois esta era uma categoria com a qual eu não tinha ainda amizades e conhecimentos mais sólidos a não ser as informações obtidas por outros homossexuais e heterossexuais.

Em algumas vezes, como ocorreu com as categorias de travestis, fui diretamente ao local onde estavam, apresentando-me e informando-os acerca do meu trabalho e dos objetivos do mesmo e do seu caráter científico. Para os dois grupos distintos, preci

sei fazer adaptações da maneira de me apresentar e especialmente em relação ao meu trabalho, enfatizando para os garotos que não estava vinculada a nenhuma instituição repressiva ou reguladora (Juizado de Menores, FUCABEM, Abrigo de Menores, Centro de Triage) e só consegui convencê-los quando me fiz acompanhar dos meus dois alunos, que foram interrogados exaustivamente acerca da minha desvinculação com qualquer desses órgãos ou instituições.

Após esse impasse com os mesmos, não tive mais obstáculos significativos em relação à pesquisa.

Com o grupo de adultos, não tive nenhuma dificuldade, desconfianças, agressividade ou sonegação de informações, mesmo quando invadia demasiadamente a sua privacidade. Por parte de alguns travestis, por exemplo, não obtive exatamente o montante mensal dos rendimentos auferidos com suas atividades. Como isso não era um dado fundamental, não insisti e não creio que possa prejudicar sensivelmente a monografia.

A conquista da confiança por parte dos homossexuais foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa e o surgimento de uma certa disputa da minha pessoa em relação a um aprofundamento maior de relacionamento extra-pesquisa, como por exemplo, a solicitação expressa de tornar-se meu amigo, confidente e convidado à minha residência, foi algo inusitado e sadio para mim e a pesquisa em si.

Houve algumas situações nas quais me senti testada quanto a passar informações ou repetir uma *fofoca* ouvida de algum deles quando sozinhos comigo, e o *teste* de outro acerca do mesmo assunto.

A percepção dessas "jogadas" em um trabalho dessa natureza, aguça a conscientização de que "a gente é uma pessoa normal, com ciúmes, muita inveja do pedaço (em dois sentidos). É como outra mulher, faz parte da guerra e da disputa dos homens... coloca aí que somos gente que também sente e sofre... sofre muito..." como disse um travesti.

Uma das preocupações durante todo o trabalho de campo foi com relação à necessidade de proteger a identidade dos informantes e também a minha própria. Assim, todas as referências citadas são códigos criados por mim, apenas para localizar espa-

cialmente os depoimentos, uma vez que eles aparecerão em diferentes citações e ocasiões. Igualmente as referências a determinados locais públicos também são fictícios, apesar de estar consciente que este mecanismo é muito relativo, imperfeito e precário.

Ainda com relação às entrevistas, eu tinha um certo roteiro mental, mas deixava sempre que elas fluíssem de acordo com o informante. Caso um dado era omitido ou não referenciado, deixava-o para a próxima entrevista ou, o que era mais comum, o assunto voltava à tona na própria conversa, quando então eu o retomava. Quase todas as categorias de homossexuais foram reticentes quando à questão do dinheiro. A preocupação de todas elas era no sentido de que meu trabalho esclarecesse, enfatizasse, mostrasse "que nem todo mundo é bicha" e que existem diferenças fundamentais quanto aos objetivos e comportamentos dos travestis, do gilete, do michê ou da bicha, por exemplo. A questão de não serem confundidas com outras categorias é muito importante para algumas ou alguns. Outra solicitação constante era a de procurar esclarecer a questão das crenças e das atitudes de pessoas em relação à sua opção sexual, isto é, o fato de serem homossexuais não implica em imoralidades, em insanidade física ou mental principalmente. Outro fato levantado constantemente por muitos, era o relacionado com seu estigma, refletindo-se no trabalho, nas profissões, em cargos ou nas atitudes e tratamentos preconceituosos e radicais por parte de segmentos da sociedade.

Na medida do viável, as entrevistas objetivavam um histórico de vida de todos os informantes, enfatizando a sua carreira, a situação do homossexual na sociedade brasileira, e, especialmente na florianopolitana, como se dá a interação das várias categorias de homossexuais entre si e com heterossexuais ou quem constitua parceiro sexual, afinal, sua relação com os aparelhos de repressão da sociedade brasileira e o nível de aspiração dos grupos. Tentava captar como se vêem a si mesmos e como convivem com o seu estigma.

Para evitar o problema de comprometimento da amostra, em relação aos dois grupos, entrevistei cerca de trinta pessoas adultas e aproximadamente dezesseis menores, dos quais selecionei um determinado número de ambos os grupos por considerá-los signi

ficativos em seu conteúdo e os quais me propiciavam atingir os objetivos propostos.

No decorrer do trabalho de campo, espontaneamente alguns homossexuais me procuraram e quiseram ser entrevistados também, justificando a importância da pesquisa "por ser científica e não mais uma reportagemzinha sensacionalista com fins jornalísticos e de mercado" como me colocou um estudante universitário.

Outro pós-graduando me colocou que era uma oportunidade de alguém ouvi-lo "seriamente e respeitar o que digo, porque faz parte de toda uma trajetória de vida e experiências vividas mesmo, enfrentando o estigma e a sociedade hipócrita..."

Vali-me também no decorrer do trabalho de pesquisa, de informantes-chaves, tanto no grupo de travestis, no grupo de outros homossexuais, como no dos meninos. No grupo dos travestis, este surgiu naturalmente, por ZK sentir-se o mais assumido de todos eles e o que portanto "era a mais mulher delas todas". Já no grupo dos outros homossexuais por exemplo, casualmente recaiu sobre uma pessoa já de minhas relações, formando de medicina e considerando-se o mais politizado e intelectualizado de um determinado círculo. Paralelamente surgiu outro do meio universitário que se julgava muito crítico e gostava de discutir comigo cinema, teatro e fotografia e via nisso uma interação maior.

Já entre os adolescentes, o informante-chave se localizou num menino que se considerava o mais experiente do grupo em termos de "mercado" e vivências ou experiências com defrontações e também o mais agressivo do grupo entrevistado. Ele mesmo se impôs como informante-chave.

Algumas pessoas foram entrevistadas mais de uma vez e outras, quando julgava que a entrevista estava completa, fazia-o apenas em uma ocasião.

Quanto ao local e ao horário em que as entrevistas foram procedidas, variam de um grupo para o outro. Com os travestis, por exemplo, quase todas as entrevistas foram efetuadas à noite, no próprio local de trabalho deles, ou então, num bar, outro local público e inclusive na minha casa, indiferente se de dia ou de noite, dependendo da disponibilidade do entrevistado. Às vezes eu tinha problemas de consciência, sabendo estar

interferindo no horário de trabalho deles e talvez, inclusive, fazendo-os perder clientes. Deixei claro que não deveriam levar prejuízo devido à entrevista, o que efetivamente com o correr do tempo fizeram, sempre pedindo licença para atender um cliente.

Com as outras categorias de homossexuais, os horários e locais variaram muito, desde bares, restaurantes, na residência dos informantes, na universidade, ou até nas praças e o horário dependeu mais da disponibilidade do informante, mas devido a compromissos dos mesmos, a maioria se deu no horário noturno.

Agora, em relação aos menores, praticamente todas as entrevistas foram feitas no período da tarde, à noite e poucas tarde da noite, pelo fato de serem menores e mais visados pelas autoridades.

As idades dos menores variam entre 14-17 anos; todos são originários de Florianópolis e residem nos subúrbios ou em áreas consideradas de baixa renda. Todos eles estão ou estiveram empregados no mercado informal de trabalho e nenhum concluiu o 1º Grau. A maioria não pensa em fazer carreira como homossexual ou como prostituto e vêem a sua atividade sexual remunerada apenas como passageira e não se consideram nem prostitutos e nem homossexuais. Apenas um deles está decidido a fazer carreira.

Quanto aos homossexuais adultos, suas idades variam de 20-38 anos e o nível de escolaridade da maioria se localiza entre uma formação de 1º e 2º Graus, formação técnica e alguns com formação superior ou estudantes universitários e pós-universitários. Alguns vivem exclusivamente de rendas auferidas com atividades sexuais remuneradas. Outras categorias de homossexuais remuneram ou são ocasionalmente remunerados também, dependendo do papel que desempenham numa relação sexual. Ainda outros, não admitem de forma alguma qualquer tipo de pagamento. Muitos, senão a maioria dos entrevistados são de outros estados ou então do interior do próprio ou cidades vizinhas. Relativamente, poucos do meu universo são de Florianópolis mesmo.

A questão do preconceito racial e de classe, mesmo entre as diversas categorias de homossexuais, existe na Ilha de Santa Catarina, mas não vou tratá-la aqui.

Excetuando-se o grupo da maioria dos travestis, que se

vêm como profissionais em atividades sexuais e que vivem dos ganhos auferidos nessa atividade, os outros estão localizados no setor terciário, em profissões liberais, e outros no setor de serviços ou estudantes universitários.

Todos eles moram em Florianópolis, na Ilha ou no Continente e poucos possuem residência própria, com exceção da categoria entendido.

A questão do homossexualismo feminino também existe e é muito significativa em Florianópolis, mas não farei nenhuma análise aqui, nesse trabalho, acerca desse assunto. Fica, porém, como linha de pesquisa para estudos e análises posteriores.

Existem igualmente muitos outros aspectos acerca do mundo dos homossexuais, pois eu me limito a analisar um grupo de meninos e seus parceiros homossexuais adultos, isto é, indivíduos que se identificam a si mesmos como homossexuais e verifico a natureza de interação desses dois grupos, procurando detectar o significado da mesma, como eles a interpretam, se representam e vêm a situação e também, como convivem com o seu estigma. Restam, portanto, muitas facetas e de modo algum pretendo esgotar o assunto.

CAPÍTULO I

QUE DESTERRO É ESSE?

Para uma melhor compreensão do que é a atual Ilha de Santa Catarina e o seu contexto estadual, com o Estado do mesmo nome e sua capital - Florianópolis - localizada na privilegiada ilha, é necessário fazer um rápido relato histórico da sua evolução.

O Estado de Santa Catarina está localizado na Região Sul, entre Paraná e o Rio Grande do Sul, com uma área de 95.985Km², figurando territorialmente, entre os menores da federação.

De sua população pode-se dizer que atinge cerca de 3.500.000 com quase duzentos municípios. A origem desse contingente humano é dos mais heterogêneos. Ao lado dessas múltiplas origens, coexistem os mais diversificados costumes, dialetos e atividades econômicas. O Estado apresenta um dos menores índices de analfabetismo do país, e mais de 45% de seu contingente populacional está abaixo de 15 anos. Quase metade de sua população vive em áreas urbanas e ao que tudo indica, essa tendência só tende a crescer.

Quanto à paisagem, apresenta um litoral vasto e rico no que diz respeito às possibilidades de exploração turística, e ainda portos e atividades pesqueiras, e estas, seja em forma artesanal e industrial. Ao lado desse litoral se elevam serras que conduzem ao planalto e aos campos com uma paisagem humana e atividade econômica muito diferenciada da do litoral. Apesar de uma topografia bastante acidentada, não é impedimento para a mecanização das atividades agrícolas, especialmente no vale do Itajaí com sua difundida estrutura agrária baseada no minifúndio policultor. Já no Oeste do Estado encontraremos igualmente atividades agrícolas principalmente mecanizadas, e conjugadas com o plantio de milho e a criação de suínos de corte e de galináceos, orientados e destinados aos grandes abatedouros e frigoríficos do Estado e para exportação.

Na região dos campos predominam as atividades pastoris, ao lado da produção de frutas cítricas de clima temperado, cujos produtos finais são encaminhados quase na sua totalidade para os

mercados da Grande São Paulo.

No Sul do Estado nos deparamos com atividades ligadas à extração mineral, onde 75% do carvão mineral do país é ali produzido, juntamente com outros subprodutos e derivados dessa fonte original, que com a atual crise energética, assumem importância fundamental.

Quanto à industrialização, apresenta empreendimentos de pequeno e médio porte, relacionados com a fabricação têxtil, madeireira, papel e celulose, agropecuária, metais leves, de fundição, cerâmica, pesqueiras, construção civil e os relacionados às atividades turísticas.

Para uma melhor compreensão do Estado e da capital, precisamos fazer um retrocesso histórico.

Com a expansão européia nos finais do século XV, as descobertas se sucederam e os respectivos países tomaram posse de suas terras, e na medida que entravam em jogo ameaças quanto à conquista, efetivavam essa posse com a ocupação inicialmente litorânea de fundações pioneiras quase sempre ligadas a bons ancoradouros que se transformaram em portos, entrepostos comerciais e naturalmente as boas "aguadas" para abastecimento e recuperação das suas tripulações.

Em Santa Catarina, as primeiras fundações litorâneas foram licalizadas nas atuais cidades e portos de São Francisco do Sul (Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco), Laguna (Santo Antonio dos Anjos da Laguna) e a Ilha de Santa Catarina (Nossa Senhora do Desterro), hoje Florianópolis em honra ao Marechal Floriano Peixoto, de trágica e triste memória na fuzilaria em massa que lá promoveu durante a Revolução Federalista, em 1893.

A ocupação do planalto deu-se em seguida, especialmente efetuado pelas tropas de gado paulista, como caminho natural do vacum que era buscado no sul do atual estado catarinense passando pelas picadas do planalto, em direção a São Vicente e São Paulo. Originaram-se das antigas pousadas, as hodiernas cidades de Lages em Santa Catarina e Curitiba, no Paraná.

Como a Ilha de Santa Catarina se constituía numa das melhores aguadas do Sul do continente e pelas ótimas condições portuárias e ancoradouros que oferecia, protegida por duas magníficas baías e inúmeras enseadas e ilhas adjacentes, tornou-se logo

local preferido para a recuperação das tripulações de navios das mais variadas origens, quer fossem franceses, ingleses, belgas, alemães, russos, portugueses e espanhóis.

Tornou-se palco de acirradas disputas e contínuas escaramuças por parte de Portugal e Espanha, devido à indeterminação, provavelmente proposital, da indicação das 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde —, não indicando nominalmente a partir de qual das suas ilhas e se as léguas eram marítimas ou terrestres — estabelecidas no Tratado de Tordesilhas. Como esse Tratado, traçado em linha reta, passaria pelas atuais cidades de Belém do Pará e Laguna, em Santa Catarina, a Espanha interpretou que a Ilha lhe pertenceria, e nesse sentido, realmente chegou a ocupá-la por quase dois anos, devolvendo-a a Portugal em 1778, em virtude do Tratado de Santo Ildefonso.

Aparentemente, contudo, como nos dias atuais, os Tratados de posse e limites eram muito flexíveis e elásticos e dependiam muito mais do poderio bélico de suas frotas marítimas, da pirataria oficial ou não e do papa que estivesse no poder espiritual e muito mais efetivamente, no temporal.

Assim, a Ilha de Santa Catarina continuou sendo disputada e cobiçada por muitos reis e impérios e o governo lusitano teve de fortificá-la a tal ponto que se tornou uma das ilhas não sô rodeada de água por todos os lados, mas principalmente de Fortes, canhões, fortalezas, presídios e hospitais militares e guarnições, onde canhões e obuzes apontavam em todas as direções.

Com os povoamentos promovidos pelo Governo de além-mar a ilha recebeu povoadores em sua maioria provindos de outros pedaços de terra no meio do mar: Madeira e Açores, no Oceano Atlântico, bem como expressivos contingentes militares.

Contudo, a Ilha já era habitada pelos índios Carijō (Guarani) que haviam-na denominado Meimbipe (lugar acima do rio) e Jurerê-Mirim (boca pequena) identificando provavelmente o canal que une as Baías Norte e Sul e que separa a Ilha do continente.

Em 1503, Gonçalo Coelho a serviço da casa Portuguesa numa expedição de reconhecimento costeiro do Brasil, descobriu a Ilha dos Patos.

A denominação de Ilha de Santa Catarina, que mais tarde

abrangeria o Estado todo com esse nome, foi dada por Sebastião Caboto, dizem uns em homenagem a sua mulher, Catarina de Medrano, mas querem outros, em homenagem à virgem Santa Catarina de Alexandria.

Em 1675 o bandeirante paulista Francisco Dias Velho trouxe sua família para Ilha, e nela fundou a povoação denominada Nossa Senhora do Desterro.

Em 1894 a cidade passou a chamar-se Florianópolis, em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto, o líder da Revolução Federalista de 1893, de triste e trágica memória.

Um dos mais temidos locais das vizinhanças do Desterro, era a Ilha e Fortaleza de Anhatomirim que são hoje ponto turístico obrigatório, restando as ruínas históricas que testemunharam surdas um passado nada glorioso.

No século seguinte, considerado o das grandes migrações, em especial as de origem germânica, "... coincidiu com o período de grandes crises que antecederam à unificação da Alemanha sob a hegemonia da Prússia, a partir de 1871". (1)

Assim, ao lado de causas políticas e econômicas, existiu realmente uma intensa e bem organizada propaganda por parte das companhias de colonização e dos países interessados nas imigrações. Deste modo, além das guerras de unificação do Império Germânico, crescem-se as reformas em relação à legislação das terras visando beneficiar os camponeses. Essas pretendidas reformas só beneficiaram ainda mais os nobres, ocasionando o primeiro êxodo do campo, aliado à lenta mecanização da agricultura e uma legislação defasada e impeditiva em relação à herança territorial, dos altos impostos e das taxas.

Com o desenvolvimento da revolução industrial a situação dos artífices e artesões nas aldeias e cidades tornou-se insustentável, irrompendo nas grandes emigrações.

Apesar de terem sido promoções governamentais em parte, concedidas a empresas de colonização, sabe-se que as promovidas integralmente por iniciativa imperial, foram um redundante fracasso. As outras, através de companhias de colonização, geralmente

(1) SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim. Porto Alegre, Editora Movimento, 1974, p.18.

estrangeiras ou consorciadas, na sua maioria, se caracterizaram pelo regime de pequenas propriedades policultoras, permanecendo num relativo isolamento e tendo certa autonomia em relação ao governo provincial.

Em pesquisas realizadas pela autora em jornais antigos, em Santa Catarina parcialmente destinadas à tese de mestrado da professora Giralda Seyferth, constatamos que grosseiramente pode-se alinhar os emigrantes europeus, sobretudo os de origem germânica, em três categorias:

- a) intelectuais discordantes da política oficial;
- b) pequenos proprietários rurais ou urbanos;
- c) camponeses com algum ofício.

Giralda Seyferth, de acordo com Synder, divide-a em três classes:

- a) nobreza;
- b) a classe média educada;
- c) o povo (camponeses, artesões, lojistas, servos e o proletariado). (2)

Quanto à primeira categoria de ambas as classificações, em sua maioria destinou-se massivamente aos Estados Unidos da América, Chile e Argentina, bem como grande parte da segunda.

O Brasil recebeu a maioria absoluta de emigrantes da última categoria.

Como inicialmente quase todos os camponeses se dedicaram a atividades agrícolas, seus produtos eram comercializados e trocados por alguns proprietários de "vendas", que a critério seu estipulavam os preços dos produtos e geralmente fornecendo em troca outras mercadorias aos camponeses, sempre em desfavor destes, criando laços de dependência contínua, com o hábil sistema de conta-correntes.

No pequeno estudo do historiador Walter Fernando Piazza — *A "Modernização" e as elites emergentes: a contribuição alemã* — concluiu que se pode fazer uma relação da imigração com o quadro geral da economia catarinense e o processo modernizador, como o

(2) SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre, Editora Movimento, 1974, p.19.

resultado do esforço dessas elites emergentes, mostrando a origem dessas como sendo urbana, tendo tido uma formação intelectual e não raro, experiência profissional no ramo que posteriormente empreenderam aqui no Brasil.

Além disso, mostra que na maioria dos casos, o que fomentava suas atividades, era o contato renovador e contínuo com a pátria-mãe, não importando se através da aquisição constante da nova tecnologia lá produzida, ou ampliando o mercado consumidor, ou ainda pela obtenção de financiamentos ou novos capitais.

Acresce-se a isso, um ininterrupto vínculo cultural com o país de origem por meio de jornais, revistas, periódicos, livros, companhias teatrais e musicais e um sem número de contatos culturais.

Contudo, em pesquisas nossas em jornais antigos e bibliografia especializada, concordamos com a autora Giralda Seyferth, no sentido de que a origem e a acumulação de capitais dessa elite empresarial emergente, não foi exatamente urbana, uma vez que as massas emigrantes, migravam dos campos para as cidades, temporariamente apenas, e em seguida, para outros países.

Além disso, como Piazza constata no seu trabalho, dos seus dezesseis "casos" estudados sobre as elites emergentes de Santa Catarina, e que originaram as grandes indústrias e empresas do Estado, doze deles iniciaram com "vendas", pequenas casas comerciais ou botequins, varejistas ou atacadistas, uma loja de fazendas, secos e molhados...

Dessa maneira, além de dominarem comercialmente as antigas colônias, tornaram-se também líderes comunitários, políticos, conselheiros de toda sorte, mentores intelectuais e culturais.

Outro ponto fundamental é a evidência de que essa elite emergente, não só econômica, mas também cultural e politicamente, ultrapassou logo os simples limites do regionalismo, porque, além dos mercados locais de colocação dos produtos primários ou já transformados, abastecia a capital do Estado e mantinha intercâmbio comercial e cultural intensos com a distante capital federal, o Rio de Janeiro, e mais comunicável com Florianópolis pela influência marítima e por ser a grande e praticamente exclusiva metrópole nacional da época.

Com a emergência dessas elites oriundas das antigas co-

lônias, especialmente Blumenau e Joinville, estas atuam ativamente na política estadual e nacional e se formam centros culturais expressivos do Sul do Brasil, e até hoje, as atividades culturais e artísticas são muito mais intensas nessas duas cidades e outras como Brusque, Itajaí, Criciúma e Lages, do que na capital ilhada.

A Ilha de Santa Catarina tem 410Km^2 , localizada a $27^{\circ}35'22''$ de latitude Sul e $48^{\circ}34'16''$ de longitude W.Gr., com uma densidade demográfica de cerca de 490 habitantes por Km^2 e uma população fixa de aproximadamente 230.000 habitantes ou mais, com uma temperatura média de $27^{\circ}5'$ e máxima de $34^{\circ}5'$, apresenta uma paisagem rica e variada. Ali se alternam formações rochosas com dunas de areias tão brancas de ofuscarem os olhos. Com suas quarenta e três praias, permite opções para a prática de atividades náuticas, esportivas, de recreação e pesqueiras. Seu litoral é recortado e a serra do mar chega a adentrar no mar em alguns lugares, formando costões abruptos e íngremes.

A Ilha de Santa Catarina não possui indústrias, com exceção da pesqueira de pequeno porte e a de construção civil que, como todas no país, encontra-se em crise há anos. Assim, é praticamente uma capital puramente de caráter administrativo, concentrando grande número de estudantes secundaristas e universitários.

Ao lado de uma pequena indústria turística, com infraestrutura ainda precaríssima, a cidade é simplesmente um centro de funcionalismo público.

Apesar das belezas naturais da Ilha e adjacências continentais e toda a sua orla marítima, com um imenso potencial de exploração turística, aparentemente as autoridades governamentais não se sentem muito encorajadas para investimentos maciços no setor, em parte talvez pela própria estrutura dos órgãos de administração do turismo, quer em âmbito federal, estadual ou local. Pela legislação vigente relativa ao setor, os incentivos fiscais, a taxação de impostos, os altos custos operacionais da rede hoteleira e setores de apoio, na chamada baixa temporada, não são animadores, pois obrigam à exploração máxima durante a "temporada" e os custos de manutenção de uma mão-de-obra não especializada e temporária, cria também entraves legais e trabalhistas, e a improvisação se faz presente, refletindo na qualidade dos serviços.

Apesar disso, nos últimos três a quatro anos, têm-se verificado uma verdadeira invasão de populações meridionais, especialmente os do chamado cone Sul, principalmente argentinos, bem como o afluxo cada vez mais incrementado de paulistas, paranaenses e gaúchos.

São para o verão de 1980/81, prevê-se a presença de cerca de 400.000, argentinos na maioria, que deverão entrar no Brasil e visitar especialmente o Sul do País e no roteiro consta, como parada obrigatória, Santa Catarina e a Ilha.

Ao lado das atividades turísticas, espera-se um grande movimento no comércio, pois no dizer de um comerciante blumenauense, "... eles compram tudo, e somos obrigados a cerrar as portas e abastecer duas a três vezes por dia. Acham tudo muito barato e nem conferem as contas..." Essa euforia comercial também se verifica no setor imobiliário, ao ponto de empresas imobiliárias de Santa Catarina terem aberto escritórios de representação em Buenos Aires.

Apesar de toda essa demanda, os comerciantes, empresários e industriais são céticos e cautelosos e acreditam tratar-se apenas de um "boom" passageiro, até que a Argentina se recupere da inflação galopante, pois justificam dizendo que nós brasileiros, fizemos exatamente o mesmo em relação ao cone Sul há quatro, cinco anos atrás. Temem inclusive, em relação ao setor imobiliário, serem obrigados a comprar de volta os imóveis adquiridos por estes, pelo fato de não poderem, eventualmente, saldar o montante do investimento.

O ilhéu em si, de descendência açoriana, é moreno, estatura mediana e baixa, magro, loquaz e de predominância oficialmente católica.

Como o próprio Estado é um caleidoscópio cultural e étnico e dependendo da "dinastia familiar" que detém o poder momentaneamente, esta se faz acompanhar de um imenso corpo de assessores governamentais do interior do Estado, os quais introduzem novos costumes, modos e um linguajar e sotaques característicos de suas regiões. Contudo, ele se acultura depressa e passa e ter nas suas refeições a farinha com peixe, farofa e pirão d'água ou com caldo de peixe ou camarão e a insubstituível caipirinha e ova de tainha. A população que reside na cidade de Florianópolis é das

mais variadas e sempre renovada a cada período governamental. Milhares de jovens estudantes povoam também o panorama que, dependendo da sua situação econômica e origem, trabalham ou não por meio expediente.

Para uma melhor compreensão do papel que o centro da cidade exerce, especialmente em relação do meu objeto de estudo, achei oportuno anexar dois mapas.

O primeiro (*) se refere à localização dos principais bairros de Florianópolis que serão citados com frequência. O segundo (**) está focalizando principalmente o centro da cidade, onde identifiquei os "cenários principais onde ocorrem as ações interessantes".

Assim, com 1 estão identificados as áreas de lazer, como cinemas, teatro, casas de diversões públicas e jogos eletrônicos.

Com 2, assinalei as "áreas de circulação para encontros e contatos iniciais", incluindo aqui, a Praça XV de Novembro, toda a área do aterro da Baía Sul, o Terminal Urbano, a área do Mercado Público, o mictório ao pé da Praça XV, as áreas de estacionamento público, e o calçadão da Rua Felipe Schmidt, incluindo ainda algumas ruas nas adjacências e ao redor da Praça XV, que são também áreas de "paquera, pegação e contatos iniciais".

Com 3, marquei as regiões e áreas "mais fechados", como os inúmeros bares e lanchonetes localizados nas identificações 1 e 2, acima descritos.

Com a numeração 4, estou indicando as "zonas de administração pública" e com o 5, finalmente, assinalo a área do comércio.

Mais recentemente, a partir de 1980 especialmente, tem sido escolhida também uma nova região que tradicionalmente não fazia parte do locais de pegação e contatos preliminares. Trata-se da Beira Mar Norte (Avenida Rubens de Arruda Ramos) que em poucos meses viu instalarem-se numerosos locais, identificados como "telhados", isto é, um misto de lanchonetes, bares, mais ou menos improvisados, no sentido de sua flexibilidade, para, em poucos minutos serem transformados em locais ao ar livre, abertos com centenas de mesas, estender-se simplesmente um encerado como telhado ou puxar-se "paredes" laterais para um abrigo melhor contra as intempéries. São locais então, facilmente aproveitáveis em qualquer

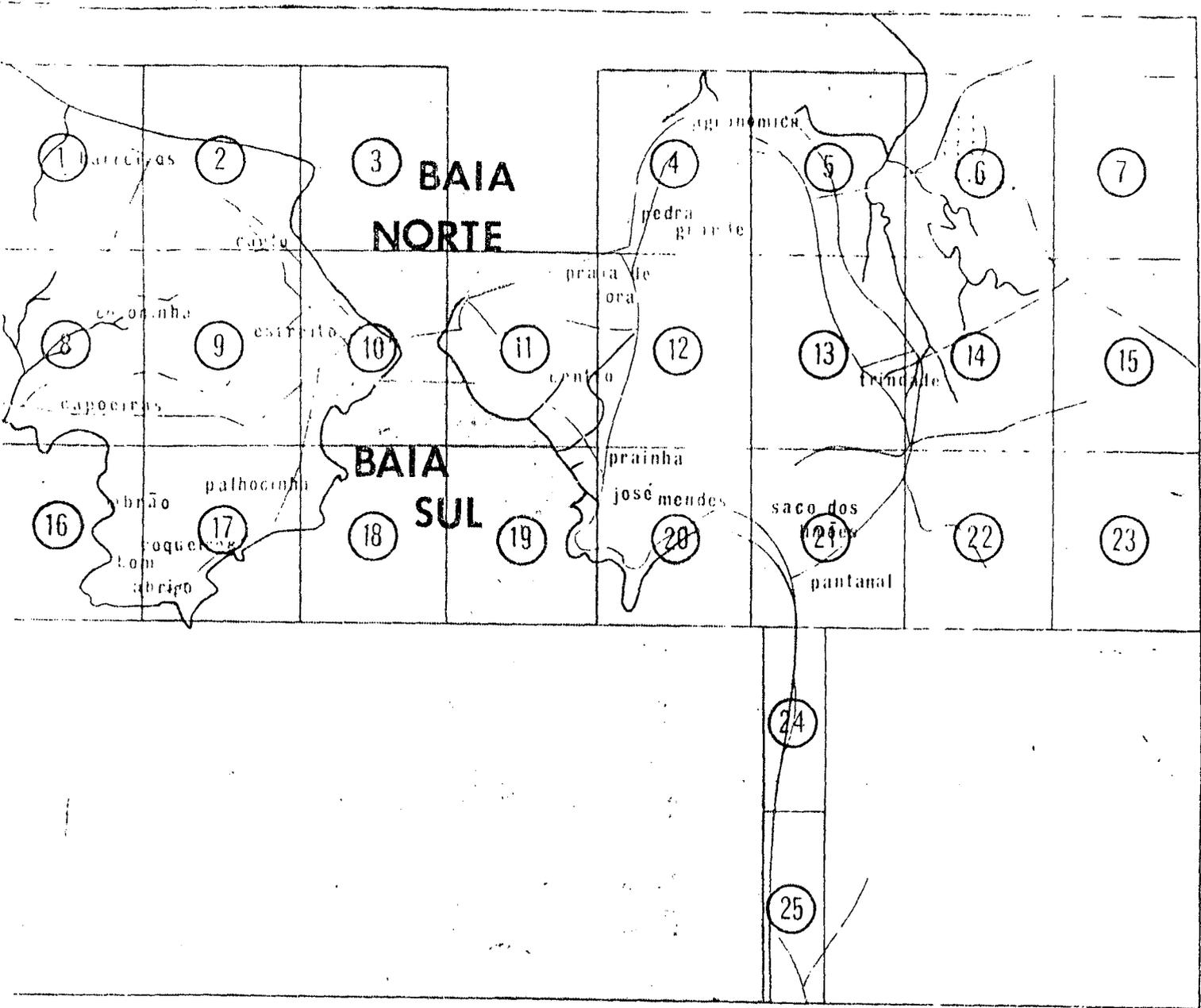
(*) Guia de Turismo e Endereços 79/80 de Santa Catarina, editado pela Telecomunicações de Santa Catarina (TELESC).

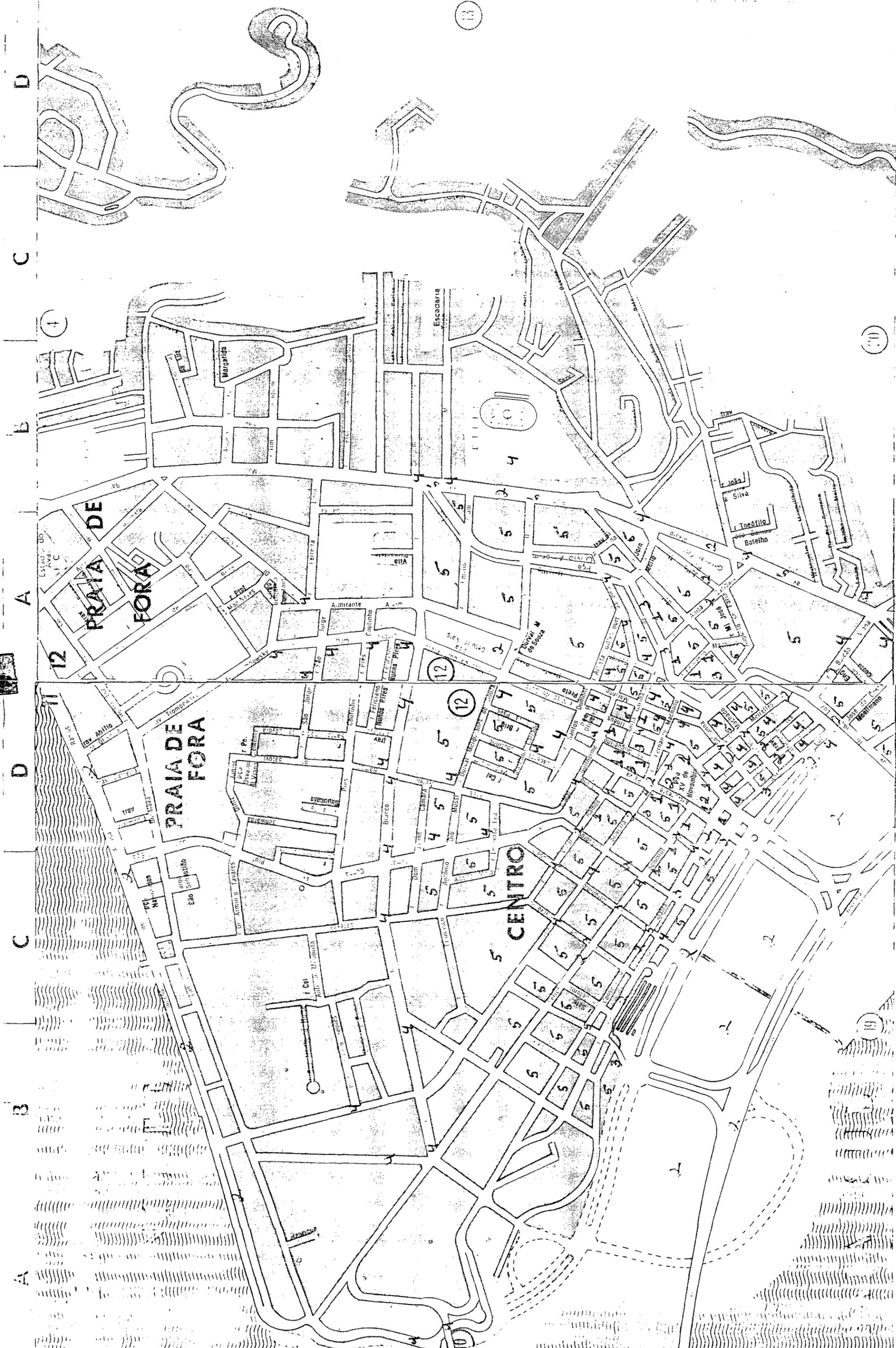
(**) Idem.

estação e como no momento são intruxadamente freqüentados pelos estudantes universitários, por ex., os homossexuais se dirigem igualmente para lá com o objetivo de "caçar". Aparentemente a sua presença reiterada nesses locais animam um grupo que abriu um local que é identificado mais ou menos como de gays ou "bichas".

No decorrer do texto, especialmente o centro da cidade será referenciado aniuadamente.

Espero que a anexação desses dois mapas ajude realmente a entender melhor a rede de relações que se estabelece nele, não são devido à proximidade de todos os locais "interessantes" mas igualmente pela sua posição estratégica.





13

11

12

12

19

A B C D A B C D A B C D

PRAIA DE FORA

PRAIA DE FORA

CENTRO

Escadaria

Margatida

Inesillo

Botelho

Silva

A. mirante

Conde

Feilicardo

Arminio

Blanco

Alameda

Os aluguéis e o custo de vida são muito altos, mas apesar disso, o movimento comercial é bom.

Muitíssimos jovens que vêm para a capital com o intuito de estudar num dos cursos superiores que suas cidades ou regiões ainda não oferecem, permanecem na ilha ao concluírem seus estudos e lá constituem família.

Dentro dessa variedade étnico-cultural, temos a presença de uma população considerável de negros e seus descendentes e cruzamentos. Como em todo o Brasil, essa "minoría" se depara com preconceitos de toda ordem: a ascensão social lhes é extremamente dificultada e a sua aceitação e integração na sociedade é barrada pelas formas mais sutis de discriminação racial, embora, veementemente negada, pois a constituição brasileira proíbe que ela seja praticada. Podemos localizar historicamente a presença do elemento negro, uma vez que a penetração luso-brasileira em direção ao Sul do continente americano deu-se em virtude da própria expansão da coroa portuguesa com o objetivo de assegurar pelas armas, e em locais como a Ilha em questão, pelas fortalezas; soma-se ainda a isso, o expansionismo da economia paulista, exclusivamente com atividades ligadas à criação do gado bovino e buscado nas regiões dos atuais municípios de Araranguá e Laguna. Os caminhos são conhecidos: do Sul do Estado, via campos de Lages, formado em pouso da, daí em direção a Curitiba e destino final de São Vicente e São Paulo. Devido a esse tipo de atividade, o escravo negro não teve um papel importante na colonização do Sul do Brasil.

Mais uma vez o Desterro não se beneficiaria diretamente com o comércio do gado e a presença de mão-de-obra escrava só se faria presente, mesmo reduzida, com o povoamento da Ilha, na metade do século dezessete, promovido pelo governo lusitano com elementos madeirenses e açoritas. Até essa data coube ao elemento indígena, como escravaria, um papel importante no desbravamento da Ilha e na sua defesa.

Os escravos negros só terão um aproveitamento melhor como mão-de-obra, com as mudanças na estrutura sócio-econômica, já quase na metade do século dezoito.

Nessa época a Ilha foi escolhida como ponto de apoio para a penetração lusa no Sul do país, servindo de articulação como ponto fortificado, já visto em linhas anteriores.

Essa perspectiva gerou mudanças sensíveis na vila, que repentinamente viu sua população aumentada com os efetivos militares, especialmente, e esta teve que se adaptar também no sentido das relações entre o homem e o habitat e também nas alterações político-administrativas de dimensões novas.

No aumento da produção, de base agrícola, o braço escravo foi empregado agora largamente.

Como, contudo, foram introduzidos esses elementos novos na paisagem humana?

Com a transferência maciça de militares e membros graduados do aparelho burocrático-administrativo para a Ilha, estes levaram consigo todos os seus serviçais, especialmente os domésticos.

Além disso, sabe-se da presença de negros e mulatos nas tropas que foram aquarteladas em Santa Catarina.

Apesar da fraca comprovação da documentação específica, a Ilha, como desterro natural, recebeu no ano de 1778 degredados deslocados pelo Marquês do Lavradio, com o objetivo de repovoar a capitania, em virtude da invasão e aniquilamento total da Ilha pelos espanhóis, quase dois anos antes.

Assim, a Ilha foi obrigada a receber degredados da Bahia, Rio e Angola e no dizer de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, no seu livro *Cor e Mobilidade Social em Florianópolis*, de 1960, "... passaram a ser enviados para Santa Catarina as sobras indesejáveis da sociedade local... inundando o Desterro ... de pardos forros demandistas, mãs línguas e desacreditadores de pessoas de cabras e brancos que costumavam enfrentar nos bordêis a soldados e marinheiros, turbulentos, desinquietadores de mulheres casadas, criminosos de morte e furto". (3)

De qualquer maneira, essa população teve que se dedicar a um dos três setores básicos da economia local: a pesca; a agricultura e a pequena indústria rural; o comércio e o pequeno artesanato urbano. A pesca sempre teve um papel básico na Ilha, pois quando o viajante G. H. von Langsdorff, na sua viagem ao redor do mundo nos últimos anos do século dezoito e nos primeiros do deze-

(3) CARDOSO, Fernando Henrique e IANNI, Octavio. *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1960.p.22.

nove, demorou-se por cerca de quatro meses no verão de 1803-1804 na Ilha de Santa Catarina, fez um relato pormenorizado da fauna e da flora, dos costumes, atividades econômicas e políticas, das relações raciais e sociais num documento de cerca de cinquenta páginas originais e traduzido na íntegra pela autora, anota a existência de doze armações para a caça e transformação da baleia e indicando a grande quantidade de homens empregados naquele ofício, entre os homens livres e negros.

Numa outra pesquisa efetuada pela autora em julho de 1975 nos arquivos da Irmandade do Nosso Senhor Jesus dos Passos (Hospital de Caridade), constatamos que outros produtos que deveriam ser intensamente cultivados na região eram: milho, feijão, arroz, farinha de mandioca (de guerra), trigo, açúcar mascavo e branco, carne, carne seca, galinha e frango, toucinho, azeite de peixe. O que pudemos inferir, é que o azeite doce, o vinagre, sal, vinho branco e tinto (vinho de missa e de mesa) além da aguardente (do Reino) eram importados. Pesquisamos vinte e seis produtos, apesar de constarem muitos mais, mas só registramos aqueles que eram expressos e registrados indicando a quantidade (libra, arroba, alqueire, unidade) e o preço respectivo. O produto que mais nos chamou a atenção foi a estabilidade incrível do pão, pois este, de 1779 a 1860 manteve-se exatamente com o mesmo preço (0,20R) e nos últimos três anos chegou a baixar (0,17R). Não deve ter havido alterações profundas da economia ilha durante o século dezoito todo. Já no século dezenove haverá um declínio da pesca da baleia, motivado principalmente pela concorrência norte-americana e isto se refletiu na economia, porque afetou a navegação de cabotagem e na falta de azeite, usado na preparação de alguns produtos agrícolas que eram executados durante o período noturno.

Contudo, a pesca comum continuou a ser executada e é fator importante até hoje.

A maioria dos produtos era destinado na sua totalidade ao consumo local, com exceção de raros outros, como a madeira, que teve um período de extração maior e chegou a ser exportada para o Uruguai e a Ilha vai também se beneficiar indiretamente da criação de gado nos planaltos de Lages ao lado da extração da erva-mate. Havia também um relativo intercâmbio comercial marítimo da Ilha com os portos de Santos, Bahia, Pernambuco e especialmente o

Rio de Janeiro, além dos países platinos. O Desterro se beneficiou assim com o desenvolvimento das demais áreas da província e à medida que assumia maior importância como núcleo administrativo e comercial e os comerciantes faziam suas compras na capital do Brasil, formando-se logo uma aristocracia desterrense, os possuidores de frotas de veleiros mercantes que importavam e exportavam as mercadorias vindas do Rio de Janeiro ou do exterior.

Onde se localiza o negro na estrutura ocupacional de uma vila com um forte comércio, ao lado de atividades artesanais consideráveis ?

De acordo com uma tradição agrícola desenvolvida na Ilha, parece que esta absorveu a maioria dessa mão-de-obra, pois até o agricultor pobre comprava escravos, mesmo que fosse para alugá-lo adiante para outros, pois eram aptos para todo trabalho braçal e maquinal.

Com a imigração maciça de europeus a partir de 1850, nota-se um declínio contínuo da população negra, talvez contrabandada para fora da província por seus senhores, a mercados mais promissores como o Rio de Janeiro. Apesar da proximidade geográfica das antigas colônias à Ilha, esta recebeu um número insignificante de alemães e italianos, e pode-se considerá-la uma cidade luso-brasileira.

Com o advento das leis proibitivas do tráfico de escravos negros e a abolição dessa prática em 1888 e com a implantação do sistema republicano no ano seguinte, o panorama se altera profundamente para a nação, mas os negros permaneceram numa situação pior do que antes. Oficialmente cidadãos livres, isto de pouco lhes valeu e até a data do estudo feito em Florianópolis por Octavio Ianni e Fernando H. Cardoso em 1955 e publicado em 1960, constataram estatisticamente inclusive, que o negro e o mulato não haviam conseguido ascender social e economicamente, pois a integração na sociedade era extremamente dificultada e existiam preconceitos raciais e sociais extremados, e a mentalidade ilhoa era propensa inclusive à segregação racial.

O que foi registrado em 1955 pelos dois autores citados, ainda é válido na atualidade: "... o número de mulatos e negros existentes nas camadas intermediárias da população é reduzidíssimo. Na maioria das vezes exercem ocupações ligadas à burocracia

municipal, estadual ou federal..." Diz ainda que "os profissionais liberais do grupo negro são tão poucos que poderiam ser nomeados". (4)

Atualmente, parece que o ingresso nos quadros das polícias militares é mais acessível, vindo isso favorecer mais significativamente aos negros e mulatos, no sentido de ascensão social e na detenção de parcelas de poder na sociedade, além de grande número de negros que entram, tradicionalmente em Santa Catarina nas fileiras da Escola de Aprendizes de Marinheiros.

Apesar de serem trabalhadores livres e assalariados, isto não bastou para vislumbrarem novas oportunidades de especialização e classificação social. São raros os que ascenderam socialmente e a grande massa se encontra nos estratos mais baixos da população, vivendo nas favelas, dependuradas nos morros da capital e adjacências continentais e apesar da importância do carnaval em nossa sociedade, ainda os vemos pejorativamente como sambistas e batuqueiros onde a ideologia racial do branco se expressa por inteiro.

Quanto à organização sócio-espacial de negros e brancos em Florianópolis, encontramos zonas, áreas e bairros nitidamente distintos em relação a status, valorização imobiliária, separação de ambientes e classes.

Em um trabalho que o IPUF (5) elaborou recentemente (1978), visando habilitar o município e sua região funcional urbana aos investimentos de programas do Conselho Nacional de Planejamento Urbano e do BIRD para cidades de porte médio, faz não só um estudo completo das características gerais da cidade, bem como a situação da mão-de-obra e da demografia, igualmente focaliza aspectos setoriais da economia, dimensiona e caracteriza a população pobre da área urbana.

A região de Florianópolis conta com uma área de 6.980Km^2 e composta por dezoito municípios. Contudo, apenas quatro desses

(4) CARDOSO, Fernando Henrique e IANNI, Octavio. Idem, p.117.

(5) Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, Órgão da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Santa Catarina, encarregado da política de planejamento e organização do espaço urbano da cidade.

municípios (Biguaçu, Florianópolis, Palhoça e São José) configuraram o chamado processo de conurbação, mais acentuado entre Florianópolis e São José.

Florianópolis é a principal cidade desta região e sua área urbana estende-se sobre a parte centro-oeste do território da Ilha e sobre a região continental que se encontra a sua frente.

Fatores tais como as altas taxas de crescimento urbano e o asfaltamento da BR-101 juntamente com a especulação imobiliária na porção insular, fazem com que a cidade se expanda em direção ao Continente, formando assim, com o município de São José o fenômeno da conurbação e paulatinamente incorpora também os municípios de Palhoça ao sul e Biguaçu ao norte, configurando um único complexo espacial e funcional, no qual a Rodovia BR-101 desempenha um papel de eixo estruturador.

Além dessa expansão e pressão entre duas baías, entre o mar e a montanha, a cidade também contornou o conhecido Morro da Cruz para ganhar o espaço da grande planície sedimentar que se estende no sopé da sua fachada oriental e se concretiza em bairros residenciais expressivos e valorados.

Como já registramos no início do capítulo, a estratégia de domínio territorial por parte de Portugal e a sua posterior ocupação efetiva e a função imposta à Ilha, somado à relativa pobreza de solo e do efetivo colonizador, são fatores que concorreram para manter a Ilha e sua capital por cerca de dois séculos, inexpressiva economicamente, com reduzidas vinculações com o exterior e praticamente ao nível da economia de subsistência.

Apesar da expansão vicentista sobre o planalto e incursões ao sul do atual Estado através dos chamados "caminhos do gado vacum", o panorama não se altera substancialmente até meados do século dezanove, com os fluxos da imigração européia e o estabelecimento subsequente de pequenos núcleos de colonização, como a de São Pedro de Alcântara, localizada estrategicamente num caminho de gado entre São José no litoral e Lages no planalto. Seguiram-se fundações nos vales do Rio Biguaçu, Cubatão, Alto Capivari e Maruim, na região do aglomerado urbano que nos interessa, além dos estabelecimentos mais ao norte, nos vales do Itajaí-Açu e nas proximidades da Baía de São Francisco.

A bem sucedida experiência colonizadora no Vale do Ita-

já, propiciou o surgimento de uma incipiente industrialização e redimensiona a articulação com Florianópolis, como sede da administração estadual.

O período compreendido entre 1940 e 1970 vai ser decisivo para a estruturação da rede urbana do Estado e a definição de uma divisão regional, na qual os municípios de Blumenau e Joinville concentrarão a produção industrial do Estado e o sul é definido como área de extrativismo mineral, especialmente carvão. O Planalto é liderado pelo município de Lages como centro primário, extrativo e comercial, ao passo que o Oeste, ocupado pela expansão da fronteira agrícola oriunda do Rio Grande do Sul, se especializa no setor primário (milho, trigo e soja) aliada à criação intensiva de suínos e orientação agro-industrial em larga escala, promovida por frigoríficos regionais expressivos, cuja produção final se destina aos importantes mercados consumidores da Grande São Paulo.

Apesar dessa nova configuração econômica e a definição de micro-regiões e capitais regionais, Florianópolis permanece praticamente isolada e não se observam transformações radicais na sua estrutura econômica, em parte devido a sua inadequada localização geográfica em relação aos novos núcleos econômicos, e em parte, devido à função exclusiva como centro político-administrativo e a ausência de um parque industrial.

Além disso, deve-se acrescentar a precária articulação rodoviária da capital com o planalto e Oeste, escoando-se parte da produção aos estados vizinhos. A capital só se beneficia indiretamente com o crescimento econômico do Estado, via tributações, o que lhe permite a ampliação do aparato governamental e de serviços.

Não se pode, contudo, olvidar o papel da Universidade Federal, implantada na década de 1960, atraindo milhares de jovens e técnicos de nível superior de todos os estados da Federação e do exterior.

O setor terciário é também estimulado na década de 1970, com o asfaltamento da BR-470 em direção ao planalto e a interligação do litoral através da BR-101, bem como as ampliações do aeroporto regional, atraindo turistas e fazendo despontar uma incipiente indústria turística e correlata.

Com o alargamento do setor terciário, a demanda residencial e o mercado imobiliário crescem rapidamente, explicando a dinâmica da indústria de construção civil, a disputa do espaço urbano e as pressões sobre populações de baixa renda que ocupam espaços urbanos nas encostas dos morros, dentro da cidade, e se constituem em aglomerados denominados favelas. Há alguns anos, esses mesmos espaços eram desprezados, mas com as atuais facilidades e recursos incorporados da tecnologia à indústria de construção civil, de engenharia e arquitetura, esses espaços são altamente disputados e valorizados, aliando-se não só à proximidade de centro urbano, mas também às paisagens que proporciona.

Assim, Florianópolis continua como cidade de função terciária, com efetiva centralidade sobre a sua região funcional, mas relativamente restrita a nível estadual, onde se observa uma descentralização econômica nítida. Devido à limitada base econômica regional e o rápido processo de urbanização, marginaliza amplos segmentos da população como mostrarei a seguir.

A população da micro-região (6) de Florianópolis, especialmente nas três últimas décadas, vem aumentando gradativamente sua participação no montante da do Estado. Apesar de lentos mas sistemáticos, esses aumentos resultam de alterações e transformações ocorridas na rede urbana estadual, a qual não pode ser desvinculada de um crescimento industrial contínuo e os reflexos deste, em vários níveis.

A micro-região apresentou na década de 1960 uma taxa de crescimento da ordem de 3,2% ao ano e aumentou para 3,3% ao ano em 1970, prevendo-se um aumento da ordem de 3,7% ao ano para 1980 e 1985. Já o processo de urbanização apresenta dados significativos. Com 25,8% da população concentrada nas sedes dos respectivos municípios em 1960, passou para 56,9% em 1970 e 64,6% em 1977, com taxas de crescimento urbano elevadas e com um êxodo rural na década de 1960/70 da ordem de 2,3% ao ano, e que se dirige às cidades.

A concentração e a distribuição espacial da população

(6) A micro-região de Florianópolis é constituída de dezoito municípios e é também chamada de Região Funcional Urbana.

tende a uma polarização por parte do aglomerado urbano (7), na área conurbada (8) e Florianópolis (9). Assim, Florianópolis sozinha concentra 43,6%, a área conurbada 61% e o aglomerado urbano 73% da população total da micro-região. Pode-se observar que o aglomerado urbano revela uma dinâmica de crescimento maior. Enquanto Florianópolis apresenta uma diminuição sensível no seu crescimento relativo (4,8% ao ano na década de 1960/70), as demais áreas mantêm taxas altas de crescimento (5,8% ao ano para a micro região; 5,3% ao ano para o aglomerado urbano; 5,6% ao ano para a área conurbada, para a década 1960/70) e taxas de crescimento geral acima de 4,4% ao ano para os anos de 1977, 1980 e 1985.

Pode-se depreender então que o processo de conurbação será intensificado, o ritmo de crescimento da capital poderá diminuir e certamente haverá uma expansão em direção ao continente que apresenta uma grande área de expansão urbana, em contraposição ao espaço urbanizável na Ilha ser exíguo devido às condições topográficas.

Aparentemente o aumento da urbanização está diminuindo a taxa de reprodução de acordo com os gráficos de pirâmides etárias elaboradas pelo IPUF, para os anos de 1960, 1970 e 1977, onde se observa um estreitamento sensível de pirâmide etária na base, mostrando que a população na faixa etária de 0-10 anos está perdendo peso em relação à população total, e isto vale para Florianópolis, Aglomerado Urbano e Micro-região. A taxa de urbanização vem sendo alimentada também pelas migrações, especialmente em direção a Florianópolis e Aglomerado Urbano, considerando-se imigrante a pessoa com cinco anos ao menos de residência no município. O maior contingente migrante é fornecido pelo próprio estado (80%), seguido dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro (10), São Paulo e Minas Gerais. As agências prestadoras de serviços especializados, bem como a Universidade são fatores de atração de

-
- (7) Por Aglomerado Urbano deve-se entender a soma das áreas municipais de Florianópolis, São José, Biguaçu, Palhoça, Antonio Carlos, Governador Celso Ramos, Santo Amaro da Imperatriz e Águas Mornas.
- (8) Por área Conurbada se entende o processo de conurbação dos municípios de Florianópolis, São José, Biguaçu e Palhoça, embora mais acentuado entre Florianópolis e São José.
- (9) O município de Florianópolis.

profissionais qualificados, especialmente dos estados acima citados.

Enquanto que o imigrante urbano-urbano com qualificação profissional tende a fixar-se na Ilha, o imigrante rural-urbano tende a se fixar mais na periferia da parte continental de Florianópolis ou demais cidades do Aglomerado Urbano.

Em consonância com o acentuado processo de urbanização verificado nas últimas décadas, teremos a distribuição da população economicamente ativa. Assim, com um êxodo rural pronunciado, o setor primário ocupava 38% da população no Aglomerado Urbano em atividades primárias em 1960, ao passo que este índice cai para 14% em 1977.

O setor secundário sempre foi muito limitado em Florianópolis, ocupando apenas 10% da P.E.A. (11) em 1977, é também historicamente limitado na Região, ressaltando-se apenas a indústria de construção civil com um crescimento representativo nos últimos anos, mas concentrado apenas na capital encontrando-se contudo já em retração devido às restrições governamentais ao crédito e financiamento imobiliários nos últimos três anos.

Por outro lado, Florianópolis como sede do complexo político-administrativo, sua função no contexto regional, as limitações do setor primário e secundário, paralelo ao rápido processo de urbanização, implicam numa ampliação significativa no setor terciário.

Deste modo, os empregos governamentais e as atividades no setor terciário, apesar de um comércio ativo mas restrito, este último ocupa somente 8% dos empregos por setor. Desta maneira, uma cidade como a em questão e com as características descritas por setores de ocupação, dependendo praticamente do emprego governamental e de serviços, apresenta altos índices de desemprego e/ou de subemprego.

Assim, havia em 1977, 120.362 pessoas em idade economicamente ativa, (dos 10 aos 65 anos) dos quais trabalhavam efetiva-

(10) Especialmente com as instalações dos escritórios da ELETROSUL, em Florianópolis, que transferiu milhares de funcionários e suas famílias.

(11) População economicamente ativa.

mente somente 57.000, ou seja, menos de 50% da P.E.A. Destes 27% são empregados em empresas estatais e 20% são autônomos. O restante é constituído de estudantes, domésticas, e outros fora do mercado. Quanto ao desemprego, não há dados concretos, mas inferindo dos dados acima, é impossível dissociá-lo do subemprego com proporções elevadas no município e maior ainda no Aglomerado Urbano, estimando-se que cerca de 35% da população ocupada em Florianópolis exerce atividades no setor informal ou apresentam renda média muito baixa, mesmo inferior ao salário mínimo regional. Calcula-se que cerca de 9.000 empregadas domésticas, 4.450 pescadores, cerca de 3.000 rendeiras estejam ocupados nesse setor informal, ao lado de um número expressivo de menores em diversas condições de subemprego e marginalidade. Como centro de serviços mais diversificados, Florianópolis absorve maior número de pessoas do sexo feminino.

No setor de prestação de serviços, as atividades ligadas ao turismo são expressivas. Além de desenvolver uma indústria hoteleira e atividades correlatas que ocupam amplos segmentos da população, observa-se nos últimos anos um fluxo contínuo de turistas originários de países do cone sul do continente, bem como dos estados sulinos da Federação. Deve-se frisar, porém, que a infra-estrutura para explorar o turismo racionalmente ainda é extremamente precária.

Ainda em relação à população e a mão-de-obra, as universidades federal e estadual são importantes fatores de absorção da mão-de-obra qualificada da região e funciona como polo atrator da população na faixa etária dos 15 aos 25 anos. Milhares de jovens secundaristas já se deslocam para a capital com o intuito de aí realizarem total ou parcialmente os estudos, acreditando num nível melhor dos mesmos, objetivando o ingresso em estudos de nível superior. As instituições que proporcionam formação profissional, tais como SENAI e SENAC (12) apresentam uma procura de ambos os sexos que é significativa, pois em 1977, estas agências regionais foram procuradas por um número maior de candidatos que os das agências de formação profissional formal do siste

(12) Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

ma de educação e corrobora com os dados fornecidos acima, quando tratamos de atividades do setor informal.

Caracterizada parcialmente a população de Florianópolis e do Aglomerado Urbano, quanto à ocupação e qualificação de mão-de-obra, com um número considerável de pessoas engajadas em atividades no setor informal, a presença de menores carentes e abandonados, é uma preocupação premente para instituições governamentais, pois os índices de marginalidade infantil, orfãos, abandonados e menores infratores assumem grandes proporções. Quanto ao atendimento da população infantil, existe apenas uma creche pública no município de Florianópolis, com atendimento a 80 crianças na faixa de 0-6 anos.

No Aglomerado Urbano, esse serviço existe. As outras entidades que atendem o menor fazem-no em regime de internato, jardim de infância e semi-internato, onde a matrícula maior encontra-se no setor público com a presença de uma agência da FUNABEM (13).

Como já foi colocado, o Estado apresenta o maior índice de alfabetização da Federação em Florianópolis; o índice chegou a 85% na década 1960/70 e no Aglomerado Urbano, 81%, devendo ser maior no momento. Assim, os programas de alfabetização são os mais variados e amplos, contrastando com a precariedade de formação profissional efetiva, a não ser a do setor informal.

No que diz respeito ao lazer, o índice de área verde por habitante em Florianópolis é mínimo ($0,61m^2/h$) distribuídas principalmente em praças públicas de caráter contemplativo, amenizado pela presença próxima de dezenas de praias que oferecem opções de lazer à população. Registra-se que no momento acha-se em implantação o projeto do parque do Aterro da Baía Sul, próximo ao centro urbano, e destinado portanto mais à população da área conurbada. Praças e parques infantis são praticamente inexistentes em relação à população total (apenas 5 para toda a Florianópolis), bem como teatros e cinemas que somam 4.105 lugares para uma população de cerca de 200.000 sô em Florianópolis.

Os clubes sociais são um dos setores mais ativos, mas em geral privativos ou pertencentes a igrejas locais, atendendo a

(13) FUNABEM - Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, com sua representação estadual, a FUCABEM.

camadas sociais diferenciadas pelo nível de renda.

Na cidade de Florianópolis, já se encontra à disposição da comunidade um CSU (14) tipo A, com área de cerca de 2.400m². Seus dirigentes contudo queixavam-se da inoperosidade e do alheamento da população na utilização efetiva do mesmo. Mais dois desses centros estão projetados para a área conurbada.

Quanto às condições habitacionais em Florianópolis e na área conurbada, acompanham normalmente a estratificação social por níveis de renda. Numa tipologia de domicílios em duráveis, rústicos e improvisados, estes dois últimos tiveram um aumento significativo no período de 1970/77. O déficit habitacional, de acordo com a COHAB/SC (15), estaria em torno de 7.000 unidades, isto é, para populações urbanas de baixa renda, quer dizer, até três salários mínimos regionais mensais, com uma relação habitante/domicílio próximo do índice 5,0.

No entanto, as condições sociais precárias dos vários núcleos habitacionais em Florianópolis, aliado ao baixo índice de oferta de serviços e de infra-estrutura urbana dos bairros que concentram as populações de baixa renda, bem como a instabilidade dos assentamentos, exigem um programa de recuperação desses núcleos, dotando-os de equipamentos e serviços que permitem melhorá-los sensivelmente. Os déficits habitacionais verificados na área conurbada requerem a organização de novas áreas habitacionais destinadas especialmente a estratos de menores níveis de renda.

Apesar das condições habitacionais precárias de ampla faixa da população, não se verifica ainda aqui, uma situação comum das principais metrópoles brasileiras, onde um volume considerável de sub-habitações forma favelas imensas na periferia das cidades.

O que se verifica aqui, após uma fase de expansão da malha urbana, se iniciou no processo de adensamento que vai expulsando paulatinamente as sub-habitações, outrora espalhadas em pequenos núcleos por toda a cidade. Este processo, que de um lado tende a expulsar a população de baixa renda para a periferia, es-

(14) Centro Social Urbano.

(15) Companhia Habitacional do Estado de Santa Catarina.

pecialmente no município de São José, ao longo da BR-101 e bairro Saco Grande na Ilha, de outro lado, faz com que se concentram junto a alguns pequenos núcleos originais tradicionalmente localizados nas encostas do Morro da Cruz ou em áreas de topografia acidentada na área urbana continental. Como já registrado, acreditamos que esse processo se tornará mais agressivo, culminando com a expulsão total dessas populações de baixa renda, devido às disputas imobiliárias desses terrenos localizados nos morros, proporcionando uma paisagem ímpar das baías, do mar, das pontes e dos morros, como já está ocorrendo com o Morro da Cruz, onde os barracos dão lugar aos clubes e mansões. Esse processo de adensamento urbano deverá nivelar os padrões habitacionais, segregando aos poucos, as zonas residenciais por estratos de renda.

Nessa caracterização da ocupação do espaço urbano, não se pode deixar de lado algumas inferências sobre a renda da população em geral. A distribuição da renda familiar mensal da população urbana de Florianópolis se apresenta assim em 1977: 32,5% das famílias percebiam renda mensal de até 3 salários mínimos; 37,6% recebiam de 3-9 salários mínimos mensais e os restantes 29,9%, acima de nove salários mínimos regionais por mês.

De acordo com critérios também adotados pela COHAB, uma família com rendimentos inferiores a 3 salários mínimos mensais, caracteriza a população de baixa renda ou pobre; 32,5% das famílias da cidade de Florianópolis se encaixa nesse estrato, ou seja, um terço da sua população total. Esse quadro transposto para a área conurbada ou mesmo para o Aglomerado Urbano, seu percentual de camada pobre chega perto dos 40% para o Aglomerado e cerca de 35% para a área conurbada. Outros índices para o Aglomerado e a área conurbada, são os seguintes: na categoria de nível médio (3-9 salários mínimos mensais), a área conurbada apresenta 39,7% e o Aglomerado Urbano 38,7%. Nos estratos superiores (acima de 9 salários) a área conurbada apresenta 25,5% e o Aglomerado, 23,2%. Esta análise corrobora então a idéia de uma expulsão gradativa dos grupos de baixa renda para a periferia, isto é, para os municípios do Aglomerado Urbano, em que a maior parte dos trabalhadores com menos remuneração está sediada nos mesmos.

Resta agora localizar espacialmente a população caracterizada como pobre, distinguindo-se três tipos gerais, isto é:

- a que habita áreas de morros, localizados na Ilha ocupando morros com altura média de 150m;

- áreas planas da Ilha, periféricas ao centro, constituídas de antigas zonas rurais que atualmente cumprem a função de núcleos-dormitórios de Florianópolis;

- área continental, ocupada pela expansão de Florianópolis, agregando em termos de baixa renda, os núcleos urbanos de São José, Palhoça e Biguaçu.

A população pobre dos morros (José Mendes, Morro da Caixa D'Água, Stodieck, Agronômica, Costeira, Trindade (16) e Saco dos Limões) soma cerca de 22% da população urbana de baixa renda.

As áreas periféricas ao centro, na Ilha, concentram cerca de 10% da população pobre e fazem parte dos bairros de Saco dos Limões, Itacorobi e Pantanal (17), com uma densidade populacional reduzida por ano, mas se constitui em áreas de expansão.

As áreas continentais concentram cerca de 68% da população pobre do Aglomerado, devido aos preços ainda acessíveis das terras, localização de empregos, armazenagem, abastecimento e pequenos estabelecimentos industriais, com uma tendência de ocupação em torno da BR-101. A densidade dessas áreas varia bastante, com índices maiores nos bairros de Estreito e Capoeiras.

A renda per-capita é extremamente baixa devido à composição média das famílias em torno de 5-7 membros, onde geralmente a penas um dos membros adultos trabalha e a maioria percebe até dois salários mínimos mensais, ocupando-se nos ramos do terciário e da construção civil, justamente os que contêm o maior volume de subempregos e mais sujeitos às oscilações econômicas, somada a uma escolaridade correspondente ao 1º Grau incompleto (69,87%).

Penso que com esse quadro geral da caracterização da população de Florianópolis, do Aglomerado Urbano e da sua área conurbada, consegui dar uma idéia mais clara sobre "outros quadros e paisagens" não muito familiares aos olhos comuns, como as atividades de subempregos de amplas faixas populacionais não-adultas, aliada a atividades de ganhos adicionais, como por exemplo, a prostituição feminina e masculina.

(16) Só parcialmente.

(17) Apresenta alterações significativas devido às instalações dos escritórios da ELETROSUL nesse bairro.

CAPÍTULO II

OS REIS E AS RAINHAS DO DESTERRO

O interesse na realização dessa etnografia acerca de um grupo de jovens não adultos como parceiros sexuais de categorias de homossexuais adultas dos primeiros, foi aguçada mais a partir de março de 1977, quando conheci uma pessoa que veio do exterior e permaneceu em Florianópolis por mais de um ano, voltando ao seu país e retornando à Ilha em janeiro de 1979 e aí ficando até junho do mesmo ano.

Confidenciou-me logo que era homossexual e que estava interessado em conhecer pessoas desse meio, preferencialmente jovens, magros e bonitos, pois para ele beleza física era fundamental. Como já tinha interesse pelo assunto, a integração da pessoa na comunidade florianopolitana teve contudo de fazer-se com certa cautela. Estava preocupada com a proteção de sua identida-de, e tinha motivos para proteger também a minha.

Para as nossas categorias de homossexuais, poderia dizer que se tratava de um "entendido" ou então, de não assumido publicamente. Fomos juntos a todos os lugares públicos e ele se prontificou para me revelar os "segredos do mundo gay". Como tinha também formação teatral e trabalhara vários anos nesse meio artístico, valia-se extremamente de uma linguagem gestual e como me disse, os gestos, os olhares, as expressões de paquera, de-monstrações de interesse e convites sexuais são os mesmos de Londres, Paris, Atenas ou Florianópolis. Enquanto isso eu me familiarizava e aprendia a decodificar esse tipo de linguagem.

Durante todo o ano de 1977 e até abril de 1978, frequentei intensamente os bares, a Praça XV, determinadas ruas próxi-mas à Praça e ao Mercado Público. Inicialmente as pessoas pensavaram que éramos namorados, pois de acordo com os padrões brasileiros, nosso comportamento reproduzia o de casais de namorados brasileiros, comportamento esse que não foi alterado até a volta da pessoa ao seu país. Essa estratégia beneficiava a ambos. A minha presença protegia sua identidade e por outro lado, apresentava lhe pessoas interessantes e como para um bom entendedor nenhuma palavra é preciso, para estas, não era necessário explicar nada.

Participei e presenciei tudo o que foi possível neste terreno.

Com esse missionarismo de um ano intensivo de contatos e a decodificação dos meios homossexuais, senti-me encorajada para levar a tarefa adiante, ou seja, como um dos objetivos, verificar como as categorias diferentes de homossexuais se vêem a si mesmas, como se dá a interação entre eles, como convivem com o seu estigma e quanto à escolha de parceiros sexuais, como se dá a interação desses grupos distintos. Caracterizo o mundo homossexual em Florianópolis, mas me detenho somente na análise de um grupo de menores e a interação destes com homossexuais adultos. Nessa caracterização do mundo homossexual adulto vão aparecer todas as categorias em Florianópolis.

Antes de verificar como se dão essas interações entre os vários grupos, é preciso informar e saber, como perguntou uma das pessoas a quem apresentei meu amigo:

Em que terreno estamos ?

É evidente que aqui uso o termo terreno de outra maneira. Estou tentando localizar melhor onde se encontram os locais públicos para encontros "privados". A Praça XV de Novembro é um dos locais mais abertos e onde todas as pessoas se encontram, pois é praticamente de passagem obrigatória para quem se dirige ao centro comercial ou para quem se encaminha para o Terminal Urbano, não só para se locomover para o Continente, como também para o interior da Ilha. Devido à sua posição centralizadora e estratégica, ela polariza também muitos locais públicos ou semi-públicos, como os muitos bares, lanchonetes, casas de suco, restaurantes e outros locais indeterminados, mistos de tabacaria, miudezas, comestíveis, bebidas diversas, onde se encontram pessoas comuns, mas que a determinadas horas pode ser um local quase exclusivamente de encontro de homossexuais, um lugar de paquera, de pegação, nas imediações da Catedral. Ainda nessas vizinhanças, uma casa de suco atendida por jovens tidos por hippies, que se dizem adeptos da natureza, do verde, da ecologia, "... da onda legal, do sol, corpo bonito, dos sexos sem feminino e masculino, um fuminho bom..." assiduamente freqüentada por várias categorias. Além desses locais públicos, todos ao redor da Praça, existem pelo menos mais dez lugares de encontros, paquera e contatos iniciais. Ainda nas imediações, nada mais do que quatro cinemas,

dois à direita e dois à esquerda da Catedral. De cada lado, um considerado bom e outro "barra pesada e pulgueiro, bem pornô" em dois sentidos pelo menos - o próprio filme e grande parte dos espectadores que "vai assistir e fazer pornô" como afiançou um indivíduo e eu mesma tive inúmeras oportunidades de presenciar.

Como a Praça XV historicamente significou o núcleo de desenvolvimento da antiga Vila de Nossa Senhora do Desterro, ela até hoje conserva muitas ruas estreitas e vielas com velhos casarões de estilo colonial e portugueses, contribuindo para que ali se desenrolem hoje, nos becos e cantos escuros, mal iluminados, negociações e transações sexuais sem conta.

Acrescento igualmente o mictório público ao pé da praça principal e palco de "exposição" e entendimentos por parte dos interessados para posterior possível relação sexual em outro local. Ainda na identificação dos locais, é de suma importância a região do Mercado Público e imediações como o Aterro da Baía Sul em fase de conclusão de ajardinamento, o próprio Terminal Urbano, as ruas Conselheiro Mafra, Francisco Tolentino (mais conhecida como rua do Mercado), Vidal Ramos, a Felipe Schmidt e no outro lado e acima da Praça, as ruas Victor Meirelles, Saldanha Maranhão, João Pinto, Tiradentes, Fernando Machado, Rua dos Ilhéus, Arcipreste Paiva e Araújo Figueiredo. Claro que a Praça XV e os seus arredores não são os únicos lugares públicos de encontro e de interação das várias categorias de homossexuais em Florianópolis. Existe toda uma hierarquia de lugares, dependendo dos horários, dos dias da semana, dos tipos de pessoas que vão interagir e da natureza da ação que terá lugar. É evidente que então, dentro dessa hierarquização, alguns locais apresentam maiores riscos para revelações e descobertas comprometedoras das identidades perante outros papéis que os indivíduos desempenham nas outras atividades na vida diária, já que muitos são funcionários públicos, estudantes, profissionais liberais e autônomos. Como determinados locais da cidade já são conhecidos como sendo intensamente frequentados por uma ou outra categoria, ou várias simultaneamente ou em horários diferentes, a estigmatização pode ser maior exatamente pelo fato do próprio local em si já ser altamente estigmatizado e marcado. Assim, muitos desses lugares já rotulados, como algumas partes da Praça XV, alguns trechos das

ruas exatamente adjacentes ao Mercado Público, servem então muito mais, como ponto de encontro, de paquera, de negociação inicial, para a transação final se realizar em outro local mais protegido. A eleição de locais não tão abertos pode recair em determinados cinemas que sabidamente são freqüentados por uma clientela definida, já com o objetivo de uma possível transação sexual, escolhendo-se alguns lugares na platéia para isso ou o próprio banheiro do cinema. Tendo ou não lugar "a gente ferve sempre", segundo RD, estudante universitário e oriundo de Porto Alegre. "Não temos um bar gay fixo, exclusivo. Porisso, temos ruas inteiras. Sabe, ali não sei bem, acho que desce na Catedral, a rua do cine e arredores... A boêmia tá mesmo ali e vai bicha, estudante, profissionais liberais, jornalistas, homens ou não. Vai de tudo, é um carnaval, desde as bichas mais sofisticadas até empregadinha doméstica. Tem também muito garoto de viração, taxiboy, xaropão, bêbado. Vem gente de fora, médico, modelo fotográfico, jornalista, já disse né, tudo bicha, vem de São Paulo, Curitiba, Rio, Blumenau. Que festa! É lá que acontecem as melhores festas de carnaval da ilha, eu já passei três aqui".

Durante o verão, a eleição de algumas praias, como nos últimos quatro anos, com o desenvolvimento de alguns esportes náuticos, especialmente o surf, a praia da Joaquina na Ilha tem sido a preferida por ser propícia a esse tipo de esporte, pois é uma praia de mar aberto ou grosso, como o chamam. Mais recentemente outras praias de mar mais calmo como o da Lagoa da Conceição, tem sido freqüentada intensamente pelos praticantes de outro esporte marítimo, o windsurf. A possibilidade de "pintar alguma coisa" é certa, como me confidenciou um maduro advogado homossexual, que segundo ele, "tem garoto novinho, cabeça aberta, não tem essa de gênero, corpo bonito, fácil..."

Além de tudo isso, devo lembrar também a presença de muitos estacionamentos públicos, administrados parcialmente pela prefeitura municipal, ou por particulares que empregam para tal, centenas de rapazes adolescentes e jovens, os quais como mostrarei adiante, podem se tornar eventuais parceiros de clientes homossexuais adultos, às vezes heterossexuais e/ou bissexuais.

Vistos os locais de paquera, encontros e negociações iniciais, posso caracterizar os atores sociais, mas me fixarei mais

em determinadas categorias que interessam diretamente ao trabalho.

Após ter me familiarizado melhor com os palcos onde as ações são iniciadas, pude identificar melhor os atores e tentar decifrar o papel que desempenham. Podia encontrá-los a qualquer hora do dia, mas as ações são mais interessantes a determinadas horas do mesmo, melhor, da noite, de acordo com o que eu queria ver e dependendo do jogo que eles queriam jogar.

Assim, podia encontrar um grupo de travestis a partir das dezenove horas, especialmente nas imediações do Mercado Público e outro grupo em plena Praça XV. Essa localização mais ou menos fixa dos grupos "não é porque cada um tem seu pedaço, não, mas é uma questão de estratégia, sabe, porque aqui é um dos caminhos obrigatórios continente-pontes-centro. Quem não passa aqui, vai pelo Aterro da Baía nê, pega o Centro de qualquer jeito ou então, vai pro Saco (Saco dos Limões - um bairro) entendeu a geografia, os meandros do cara querida?"

Como me assegurou o travesti ZK*, "a gente vem a essa hora já tão cedo assim, porque os homens tão saindo das repartições, dá tempo deles dá uma trepadinha com a gente, vão prá casa cedo, contente e não vão se amolá com as damas chata deles. Sabe, eles sai às seis e meia que é o horário mesmo nê, mas sempre dá prá dizê que tavam fazendo projeto, em reunião com o chefe e daí vai ... esses escalão todo é só o que dá... ah melhor, quem dá mesmo sou eu, minha amiga aqui a STL, a JJP, a BTG, a VLSP vo cê entendeu quem dá o que nê..." e acrescenta: "... bem, eu quero as minhas quinhentas pratas, dependendo do assessor nê, ou me lhor, do acessório que ele quê, cobro mais, a gente conhece quase todos eles... um barão vai bem..."

No caso de outras categorias "não tem hora moça, depende do que pinta no pedaço".

É evidente também que a prostituição feminina é intensa nessa área descrita, mas no momento não vou tratá-la nesse trabalho. A única observação que faço aqui, é que várias categorias

* Na tentativa de proteger melhor a identidade dos informantes, criei um código baseado em letras do alfabeto para me referir a eles, a partir de um sistema arbitrário e reiterado de símbolos gráficos.

de homossexuais foram unânimes em afirmar que "não há guerra entre a gente" o que foi veementemente contestado pelas próprias prostitutas e outros homossexuais e heterossexuais, dizendo que "fecha cada pau entre elas e os travestis que não é mole, porque um tã tirando homem do outro", apesar de VLSP dizer que "a gente tã todo mundo no mesmo barco, tudo correndo atrás de homem e eles que escolham com quem querem ficar".

Para uma caracterização melhor do mundo homossexual em Florianópolis, não basta apenas que eu os veja do meu ponto de vista científico, mas deixar que eles mesmos se identifiquem e vejam qual o lugar que ocupam na sociedade.

No caso de nosso objeto de estudo, o comportamento homossexual e as reações societais (Kitsuse, 1963) em relação a ele, são conceitualizadas dentro de um modelo de categoria sexual atribuída e a socialização dos indivíduos para aquelas categorias. A atribuição de categorias sexuais provavelmente se dá com o objetivo de prover um complexo de papéis culturalmente prescritos e cujos comportamentos se espera que os indivíduos aprendam e sigam.

Papéis e comportamentos homossexuais estão concebidos como inapropriados para atribuir status sexual aos indivíduos e dessa maneira, teoricamente, eles são definidos como desviantes.

Assim, pessoas que se identificam publicamente como tais, podem sofrer restrições de toda ordem, e o sistema de acusações é acionado por membros ou segmentos da sociedade ampla.

Howard S. Becker preconiza que o comportamento desviante deve ser entendido como um processo em que os "... grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicá-lo a pessoas particulares marcando-as como outsiders. Sob tal ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa faz, mas sim a consequência de aplicação por outrem de regras e sanções ao transgressor. O desviante é aquele a quem a marca foi aplicada com sucesso, o comportamento desviante é o comportamento definido por pessoas concretas". (Becker, 1966:8-9).

De acordo com um dos objetivos da minha pesquisa, as categorias de homossexuais, conforme Kitsuse colocou, "... é somente quando indivíduos são definidos e identificados por outras co

mo homossexuais e recebem o tratamento considerado apropriado por indivíduos assim definidos que surge uma população homossexual para investigação sociológica". (Becker, 1967:90).

Nesse caso, quando o rotulamento é feito e é bem sucedido, "... o fato de ser apreendido por um ato desviante expõe a pessoa à probabilidade de que a mesma será considerada desviante ou indesejável sob outros aspectos" (Becker, 1966:33) conforme colocou DR, estudante universitário e homossexual declarado, que por ter sugerido que o assunto fosse discutido em sala de aula e um professor de Estética ter sido o único a concordar com a discussão, "... o resultado foi um desastre. Antes nunca tivesse caído nessa. Pensei que os colegas já fossem mais abertos à questão. Agora me isolaram e ninguém quer trabalhar comigo. Parece que tem medo, como se eu tivesse doença contagiosa. Minha amiga e colega de fase então, se desesperou tanto que tive de segurá-la pra ela não fazer bobagem. Disse que um dia desses ia tomar uma porção de comprimidos, um monte de fãrmacos, queria sumir pra sempre, entendeu? Olha, e nós dois não somos os únicos da sala, deve ter pelo menos mais quatro numa turma de quarenta e quatro, que são mais ou menos enrustidos. Mas ela, paulista aberta, disse em sala que era favorável. Pra ela foi pior..."

Essa idéia de conspirações, da possibilidade de contaminação do rótulo, deve ser mais freqüente do que se imagina. ZK, por exemplo, saiu de Londrina "para não criar problema pra família. Sabe, aquela coisa, se um filho é, vai ver que os outros são também. Como eu tenho mais dois irmãos e uma irmã, achei melhor sair de lá e as pessoas não falarem... porque uma bichinha eu já era... minha mãe não teve problema, mas meu padrasto disse que botava fora de casa pra não dizerem que ele tinha uma coisa comigo, porque padrasto não é parente, é um cara que casou de novo com minha mãe mas não é nada da gente..."

Um cabeleireiro, LH, assim se vê: "Bem, eu sou empresário e artista e estou consciente que deixam a gente reinar de noite, mas de dia pisam na gente, fazem de conta que não vêem, nos confinam em determinados bares e segregam a gente em poucas profissões. Prã gente tã bom ser decorador, maquilador, cabeleireiro, artista plástico e claro, um bom costureiro. Discriminam a gente até onde nem se imagina e o pessoal é muito provinciano ainda. Claro que entre nós já tem muito alto funcionário público, estu-

dante de medicina da Federal e a gente é bom mesmo porque:

Elas (nós) fazem o que *elas* (as mulheres) fazem

Elas fazem o que elas não fazem

Elas fazem o que *eles* (os homens) fazem

Mas, eles não fazem o que *elas*(nós) fazem.

e tem muito mais, tã queridinha, porque nós bonecas damos brilho de noite, no carnaval, somos mestres da estêtica, enfeitamos elas, as madames, aconselhamos, somos ótimos ouvintes, ensinamos segredos de cama, afinal, uma mulher que se preza, tem que ser negra velha na cozinha (saber cozinhar bem), dama na sala (receber bem) e puta na cama. Elas tão perdendo os machos delas por - que sō se preocupam com a cozinha e a sala e parir, parir. De puta mesmo, boa de cama, somos nós, entende?" Continua reclamando do provincianismo da cidade "porque eu não sou daqui, mas pelo menos é mais tranqüilo prá vida da gente, Deus do céu, saí de São Paulo, ganhava muito dinheiro lá, mas aquela macacada (policiais) toda no rabo da gente! No rabo mesmo, tã, porque são uns frustrados, são verde de inveja, não sō o uniforme que de tão ruim já é marrom, cor de sujeira mesmo, viu, digo que são frustrado, porque ganhando mal daquele jeito, tendo que fabricar violência todo dia sō prá mostrar serviço, nê, com mulher de pança cheia sempre, guri pequeno torrando saco, não poder foder a mulher dele nem a dos outros na rua, sō deve mesmo se desesperar com a gente, feliz, e eles devem pensar que o cacetete que tem na mão é o cacete mesmo, aquele do meio das pernas deles, dá nos outros... Acho que eles são tão violentos e fodem a vida da gente porque a deles é que tã fodida, tã forte isso?..."

Justificando sua saída de São Paulo "mesmo perdendo dinheiro, o Richetti que se foda com os macacos dele, eu é, salvei a minha pela, ouviu?"

Esta questão da violência policial e dos aparelhos de repressão do Estado contra homossexuais e prostitutas, de acordo com os depoimentos dos primeiros, não tinha ficado muito elucidada para mim. A impressão que eu tinha, era de que na realidade, tentavam ocultar, amenizar esse problema e as ocorrências. Na realidade, penso que não queriam admitir mais essa discriminação contra eles e suas práticas, porque eu tinha conhecimento de fatos, registros e ocorrências reais e até freqüentes. Essa ques -

tão ficou um pouco mais clara quando finalmente saiu um artigo veiculado num jornal da imprensa alternativa de Florianópolis (AFINAL, Ano I, nº 6, outubro/1980), no qual vários homossexuais (bichas) faziam denúncias de espancamentos, seqüestros, sevícias, maus tratos, identificando inclusive um dos grupos de espancadores e perseguidores nominalmente, bem como os veículos e outros meios e técnicas que usam para tal. Essa campanha de violência desencadeada contra prostitutas e homossexuais é integrada, segundo as vítimas, por policiais, apoiados ou não por grupos organizados e nas sessões de espancamento esses manifestam sua ideologia de preservação da "família, da moral e das tradições". (p.14).

Justificando a não apresentação de queixa, os homossexuais dizem ter certeza da imunidade dos seus agressores e inclusive, o não registro da ocorrência nos processos. Além disso, tem represálias maiores e que as empresas jornalísticas são se interessam por fatos como esses para fazer sensacionalismo. Como nem as prostitutas e especialmente os travestis podem contar com o apoio de ninguém e sem direito à proteção policial, começaram a reagir, armando-se com navalhas.

As violências são de tal ordem que algumas vítimas ficaram hospitalizadas por mais de quinze dias e uma delas disse ter "sido o grande trauma da minha vida", identificando os agressores como "moços, altos, vestidos sobriamente e tinham cabelos curtos, tipo militar. Quando me pediram documentos pensei que fossem policiais. Não tive tempo de procurar os documentos. Um deles me jogou contra a parede e o outro, com muita técnica, me imobilizou e me jogou dentro do carro". (p.14, c.2).

Mesmo assim, pelo menos em relação aos "forasteiros", estes insistem em definir que a violência policial e a repressão é mínima em Florianópolis, possivelmente porque estão comparando-a com outros meios urbanos.

LH não é o único forasteiro da Ilha. Muitos deles vêm de outros estados ou do interior, como CTH, funcionário público há doze anos em Florianópolis, veio fazer o curso superior e aí se fixou. TV, estudante de medicina e artista plástico, é do sul do estado "da Laguna, onde tem mais boneca do que aqui". NN, TN, DLN e GL, são todos cabeleireiros e vieram de Curitiba. Todos

concordam que a discriminação ainda é violenta e vistos como marginais do sexo, pervertidos, desnaturados, mesmo se são realizados profissionalmente e apontam fatores como o econômico, o meio familiar, a mentalidade das pessoas, cidade pequena, "para tal atraso", pois "temos muitas bonecas amigas que não foram promovidas, não conseguiram arranjar emprego, mesmo com formação superior, faculdade e tudo", não conseguem assumir funções mais técnicas. Agora, se precisar de um servicinho delicado, jeitoso, dum arranjo de flores, decoração, dum belo penteado, daí a gente serve".

MC, cabeleireiro também, dá sua opinião sobre o mundo homossexual em Florianópolis. "Olha, ela, o sonho dela, meu sócio, é ser mãe. Já viu? Deus me livre, jamê, o negócio é curtir a vida, senão os tiras (policiais) curtem a bunda da gente na paulada, surra mesmo, não entenda outra coisa, nossa, meu tempo de cais de Santos... Pois eu acho que a gente tem que brilhar, ser cortesã, nada de Amélia - só mesmo pro Mário Lago - agora, tenho uma amiga, travesti, a ZK, conhece, que mulher! Bem, sonho de bicha mesmo é o carnaval. Imagina se os homens podem se vestir de mulher, imagina o que eles não fazem, do que não se vestem... Tem que se assumir!"

Como se trata de uma etnografia, selecionamos casos que nos pareceram significativos para os objetivos do trabalho. Citamos todas as categorias de homossexuais existentes em Florianópolis, mas a análise será feita baseada em determinadas categorias que escolhem como parceiros sexuais também menores, a priori não homossexuais. Com o fim de proteger a identidade dos entrevistados continuarei usando algumas letras do alfabeto para identificar os mesmos. Preciso registrar que todos os entrevistados me permitiram usar seus nomes de "guerra", justificando que "não tinham nada a perder, não tem nada pra esconder..."

ZK se auto-identifica como homossexual assumido, travesti, e vive exclusivamente do que dá sua profissão. É originário de Londrina-PR, tem 23 anos e há cinco, totalmente assumido, porque "antes eu era uma bichinha". Afirmo que o "mercado de trabalho" de Londrina é excelente, "fazendeiro de café, cheio da grana" mas como não queria problemas com sua família, trabalhou temporariamente em São Paulo, "lá era melhor ainda, mas aquela polícia de

lá... os clientes, nunca vi gente tão fina, delicada, tratam bem, pagam melhor ainda, muito estrangeiro, divinos", mas escolheu Florianópolis, porque "ouvi falar muito, não tinha problemas de polícia, muito estudante filinho de papai e tal" que resolveu se fixar aí. Está há mais de um ano na Ilha e "faturado muito bem, na baixa temporada, entre vinte e cinco a trinta milhas". Seus maiores sonhos, consistem em conseguir economizar, ir para a França, trabalhar alguns anos em Paris, colocar nãdegas e ganhar mais experiência.

STL, 26 anos, "batalhando desde os 11" é de Blumenau e está 12 anos em Florianópolis. Considera-se absolutamente assumido e se "tiver que dizê o que sou mesmo, travesti, pronto". Mora com mais dois outros homossexuais na favela da Prainha. Trabalhou há vários anos em Santos-SP. "Barra pesada, marinheiro, muita porrada e polícia, me enjaularam várias vezes, me cortava toda com gilete, me soltavam" e viveu inclusive já em zona de meretrício, em casa de mulheres. Vive somente da prostituição e se negou a dizer quanto ganhava, "mas dá prá viver bem, melhor do que vocês funcionário". Trabalha um mês pelo menos por ano, como empregado doméstico, para regularizar "a carteira do INPS". Não tem problema com a família, segundo asseverou, porque "a gente não tem disso não, e depois, essa coisa de moral é troço de vocês classe média, porque a alta e a baixa não tem disso, eles (a alta) tem o dinheiro e a gente não tem, e eles (a família) não tem o que chiã, eles não me sustentam desde 11 anos..."

DR, estudante universitário, 25 anos, originário de São Paulo, se diz "homossexual assumido". Não admite nenhum rótulo "esse didatismo idiota de vocês cientistas não tem nada a ver, a confusão é na cabeça de vocês, a minha tá clara, feita, eu me vejo plenamente normal como indivíduo, como homossexual, sabe, é um negócio natural, eu não acho que haja distúrbio ou nada, é tudo condicionamento mesmo".

Como vive no meio estudantil, afiançou que "nunca vi tanto homo em lugar algum, prá mim é tudo homo, não tem nada de bicha, travesti, isso aquilo, tudo normal, olha, mulher também, viu. Sô na minha turma tem meia dúzia, mas elas não falam com as outras garotas sobre o assunto, sô comigo e uns outros homo da sala que entendem e não marcam as coitadas. Uma, coitada, resolveu

falar em sala, genericamente, sobre o assunto. Pronto, todo mundo, homem e mulher se afastou dela, nem sentam perto, parece medo, doença contagiosa, ela sô sai e senta comigo, já pensou, mar cada a ferro, heim?"

Não mantêm e é contrário a relações sexuais remuneradas, mas defende o homossexual pobre "porque cai em estereótipos, em ser michê, ele é um prostituto, fica lã na praça esperando um homem, cobra pra transar com alguém..." como o travesti, "ele as sume muito mais o estereótipo feminino... mas ele cai no grotesco. Essa classificação que eu dou, já demonstra a que classe eu pertença..."

Jã teve vários casos, mas muitos sô foi coisa de "que - bra-louça" e no momento da primeira entrevista estava apaixonado por um homem adulto que se dizia heterossexual "mas eu estou balançando o cara viu..." Dois meses mais tarde entrevistei-o novamente. Apresentou-me a pessoa, também estudante de nível superior e os dois estão morando juntos.

GH tem 23 anos, originário do Espírito Santo, assume-se como homossexual, se autodenomina de bicha, termo que considera e reconhece ser pejorativo, "mas uso-o no sentido de esvaziar o conteúdo pejorativo desse nome..." e não gosta do termo gilete.

Depois de sair de Vitória, teve mais condições de se assumir enquanto bicha o que acha ser uma atitude política, na medida que rompe os padrões normais de conduta, contra a repressão machista. Ser bicha para ele, é uma opção sexual que não está dentro das atitudes, dos comportamentos sexuais considerados nor mais na nossa cultura. Está consciente de que existe um estigma, isto é, *ele* é um homem que tem atração sexual por homens e sente as pressões, principalmente em relação ao emprego. Como é funcio nário do governo estadual de seu Estado, exigem um certo tipo de conduta, em relação à roupa, por exemplo. As promoções são mais difíceis, mas isto não o coage. Para ele, tem efeito contrário e faz com que se assuma publicamente para tentar romper esses preconceitos.

Não lhe agrada remunerar alguém para se relacionar sexualmente com a pessoa, mas já o fez e dependendo do indivíduo e se estiver muito interessado nele, o fará novamente. Em relação à família, os problemas nunca surgiram frontalmente. Veladamente

se exigia determinado comportamento dele - como discrição - enquanto dependia financeiramente deles.

JJP, 22 anos, é originário de Florianópolis, pouco comunicativo, desconfiado. Mora com a família na favela da Prainha e toda sua família sabe da sua condição. Sua mãe relutante a princípio "homem tem que ter vergonha na cara" cedeu e se conformou "seja o que Deus quiser e você feliz". Já trabalhou como funcionário público "mas era muito chato, comportado demais, e ganhava pouco, comparado com que ganho por aí, com prazer, né". Negou-se a informar o montante, mas sempre acima de dez mil cruzeiros, as segurou.

Disse que em outros lugares "dá mais dinheiro, como Blumenau, industrial forrado, galeguinho do papai, do que aqui... tudo funcionário público, pexerinho não tem dinheiro mesmo, mas tem muita gente de fora, do governo... estudante de grana do interior..."

Caso tivesse que se autodefinir, diria que é homossexual assumido "mas mulher, eles chamam a gente de travesti, mas eu di go que sou mulher, porque de fato sou, meu cabelo, vestido, bus to, tudo, né, minha voz, e eu sou mulher no duro na transa, vivo disso né..." Está muito preocupado com uma amiga sua, BGT, que "... imagina, tá virando de novo prã macho, pode? Às vezes, dá um ataque nela, deixa a pintura de lado, não bota peruca e olha que horror, corre atrás de rabo de saia, mulher, fêmea mesmo, não sei onde vai metê os peitos, que não é tão pequeno assim... coitadinha, não sei o que deu nela, acho que tá doente, a gente já fez vaquinha prã dá um vestido chiquêrrimo prã ela, mas ela sô ri, parece galinha loca".

BGT é o único mulato do grupo todo. 24 anos, mora com STL no morro da Prainha. Está com crise de identidade e diz que "tem ataque de machismo e no outro dia, de fêmea". Não sabe explicar o que está ocorrendo "com a minha cuca, porque ninguém me teu minhoca nela não. Se eu tivesse mais dinheiro ia pro pisquia tra... Um dia desse me decido e pronto..." Já trabalhou em "bua-tes barra pesada com *estripetise* e tudo, dancei muito, desfilei no carnaval de malandra, saia e peito e agora não sei não... às vezes penso que é trabalho brabo feito dalguma mulher que tá atrás de mim ou então duma colega puta velha que me inveja..." e pensa seriamente em "consultá meus orixá". É uma das figuras mais

conhecidas da cidade e seu palco de atuação é a Praça XV e a área próxima do Mercado Municipal, onde atua seu companheiro e amigo STL e os colegas JJP e ZK.

Agora, o último desse grupo - VLSP. Estudou até o segundo ano de Direito em São Paulo e é originário de Iã. Tem 25 anos e se considera o mais politizado do grupo. Desculpa-se pela sua agressividade "mas quem viveu naquela selva, aquele cafageste do R. com a macacada dele, tem que desconfiar e se defender. A gente nunca sabe quem é o outro, você, talvez da polícia, tal. Olha, o que já vi de amiga minha apanhar, levar tiro, a RAPA atrás, aquilo não é gente, animal mesmo, treinado pra isso. Eu mesma fui em cana não sei quantas vezes, mas como não sou babaca, vou dizendo logo os artigos e eles me soltam logo. É só passar uma grana firme pra eles ou dá o cû, que eles querem mesmo, porque fingem que a gente é mulher de verdade, tal... Se você não quer se incomodar muito e não apanhar demais, ser jogada com marginal perigosa e assassina, você topa qualquer coisa só pra sair de Iã, não cair na cela, porque de Iã não tenho certeza de sair viva..."

Faz uma comparação com a repressão policial paulista e a florianopolitana e diz que "aqui é um paraíso ainda. Os marrens (policiais) daqui ficam patrulhando, tá, e só quando querem se divertir um pouco, correm atrás da gente, pra perder o salto, tropeçar, cair, se enrolar nas saias e tal. Às vezes, só pra mostrar serviço, eles levam a gente pra delegacia, dizendo que é puta não autorizada, vagabunda, querem ver os documentos e tal... Mas soltam logo, se você dá umas pratas pra cervejinha... "Acrecenta: "... outras vezes, fazem sacanagem mesmo, tiram a peruca, mandam tirar a roupa, pra ver os documentos, revista, entendeu, querem ver tudo os tarados, te apertam, bota a mão, se divertem pra valer, fazendo futebol da tua peruca, vestem a saia da gente, imitam as bonecas e quando esvaziam o saco, mandam circular, andando, andando..."

Mesmo recebendo menos aqui, prefere a segurança de vida a outros centros onde já trabalhou, inclusive Rio de Janeiro. Não informou quanto fatura mensalmente, mas disse que para eu ter uma idéia "... pago nove mil de aluguel por uma casa em Barreiros e ainda sustento um bofinho, que você acha?... Não tenho mui

ta idéia porque estou aqui sō trēs meses, cheguei fora da temporada, mas em São Paulo faturava tranqüila, sessenta milhas, estou economizando, quero comprar casa, apartamento, prã me garantir e depois quero trabalhar fora, no exterior por uns dois, trēs anos, ganhar experiênciã, me vestir melhor, luxo, gosto, essas coisas, viajar muito, mais refinaçãõ com meus clientes, como os paulistas gostam..."

LD, 26 anos, originãrio de Santa Maria-RS, cabeleireiro profissional, é conhecido e famoso na sua atividade. Jã fez plãstica de lãbios e nariz porque pensa que "... beleza é fundamental, não importa o gênero, que isso sō tã mesmo na cabeça oca das pessoas burras, não tem essa de macho e fêmea..."

Estudou atē os dezessete anos em colégio lassalista e tem formaçãõ musical "... e fui pro Corpo de Fuzileiros Navais, mas não tirava serviço porque era da banda". Dança como profissional e coreografa shows musicais e de dança, como o promovido pela entidade profissional dos cabeleireiros de Florianópolis, em maio de 1980. Sempre desfilou no Carnaval, em escolas de samba, "... mas agora vou deixar prã minha filha me continuar... eu casei, sabe, ... mas não tem nada a ver não, achava que nunca ia me realizar se não continuasse, eu, ter um fim e ninguẽm me continuar não podia, entãõ casei".

LD se concebe um entendido "para os de fora" mas "para o mundo que eu freqüento eu sou uma bicha e acho certo aquilo que faz bem pra mim, essa de rótulos não tem nada a ver".

Foi o primeiro e único a fazer uma relação de homossexualismo e drogas, devido a sua experiênciã particular, porque "o fumo sempre exige mais, abre tua cabeça, mas quer cada vez mais sensação nova, emoçãõ diferente, quer ver e experimentar tudo, sempre novo e mais forte e não consegue mais viver no mundo normal, limitado, assim de viseiras entendeu, e o caro se desequilibra mesmo, tem que ficar doente, porque pra mim, é tudo normal, mas fumo sou contra porque tira a tua responsabilidade, você não dá conta de ti mesmo, quando viciado nẽ... agora, pra saber, diversificar acho bom, tem que provar mesmo pra saber, mas sou contra o fumo, ou entãõ muda todas as regras da sociedade, cria outras, valores novos, joga fora muitos tabus, leis caducas, moral, essa baboseira toda, entendeu?"

Assim, parece que o sistema de acusações parte inicialmente de pessoas que estão mais envolvidas com o sujeito, como parentes, amigos, conhecidos e vizinhança, para depois se estender numa rede de relações mais amplas e atingir a comunidade como um todo. No caso de categorias de homossexuais, pois as pessoas comuns não fazem distinção de categorias "é tudo bicha" uma vez que "tã todo mundo correndo atrás de homem". Apontam evidências para merecerem tal rotulamento, porque "sõ pode ser, não viu, aquele rebolado como mulher, voz fininha, os penduricalhos, pele cuidada de moça, é mais prã lã do que prã cã". Essas evidências são também apontadas por mulheres, mães de família ou não. "...da roupa não vou dizer muito porque essa moda unissex, mas se fosse meu menino, sõ tem 10 anos, mas se fosse meu, não querendo bater bola como o garoto da minha vizinha, mandava logo meu velho levã prã Vila Palmira" (Zona de meretrício da Grande Florianópolis).

Às vezes basta o comparecimento, mesmo esporádico a alguns locais considerados de frequência de homossexuais, como determinados bares, e é logo taxado de duvidoso "... o que ele tanto procura lã, não viu ainda que aquilo é lugar de moça?" (uma variante para designar homossexual, bicha, veado).

As acusações são feitas por parte de membros da sociedade que se julga normal, correta e moral, responsável até pelos destinos da humanidade e estes depoimentos eu consegui de pessoas que se apresentavam como homossexuais, "afinal, se ninguém fizer nada, amanhã não tem mais nem soldado, porque do jeito que a coisa vai, essa rapaziada sõ vai fazer paz e amor com o fuzil das penas deles, entendeu a comparação?, sõ vão atirar um no bum bum do outro..." e outros menos radicais, "não sei não, também sou homem e o Cristo disse pra não dizer que dessa água não beberei, mas fico pensando em vocês mulheres também, será que a gente vai ter o matriarcado que vocês sõ têm na cozinha e que tanto as feministas reivindicam?", até outros extremistas, como um professor de História, "se eu pudesse mandava todos para o paredõ, esses bunda-mole... porque esses travestis, essas bonecas todas, são nossa vergonha, fica mal prã nõs homens...", chamando-os de "bicharada".

Contudo, as categorias de homossexuais não se vêem assim como disse DR, "eu me vejo como homossexual assumido, mas

não para a família, porque dependo da grana do velho e tem muito preconceito, quero viver bem com eles. Quando eu for independente financeiramente, daí me assumo publicamente, porque agora sou assumido prá mim e para uma roda pequena, então esse público é muito restrito...". Mas se vê plenamente normal.

Jã GH diz que "... me assumo enquanto homossexual, mas me chamo de bicha, é um termo que reconheço como pejorativo, mas uso-o no sentido de esvaziar o conteúdo pejorativo desse nome... não gosto do termo gilete e... ser bicha é uma opção sexual que não está dentro das atitudes permitidas no nosso padrão de normalidade... ser bicha é uma atitude política na medida em que rompe os padrões normais de conduta, contra a repressão machista".

Para LD, que teve uma carreira homossexual, casou e tem uma filha, vê-se assim hoje: "... agora é que me considero meio anormal, sendo mais ou menos heterossexual... mas sempre me vi como um *entendido*, mas não me achava errado. Não vejo nada errado, acho certo aquilo que faz bem para mim... sempre quis ter um filho... prá me continuar, mas não prá ser igual a mim, só se ele quiser, porque a gente sofre demais, a barra é pesadíssima. O preconceito, os problemas sociais são grandes demais. Essa sociedade de merda, preconceituosa e falsa. É por isso que eu não gostaria, tenho medo de ter um filho homem, mas tenho já uma filha..."

Um comerciário PR, 23 anos, nasceu no interior do estado e veio para a capital com 15 anos. "Nunca tive tendência ao homossexualismo, pelo contrário, fui amigado com um durante três anos, ele sempre me dava dinheiro nos fins de semana, nesta época eu tinha 16 anos e ainda não trabalhava... a princípio nosso relacionamento era normal; passado algum tempo, ele começou a pedir que nós trocássemos de posição, passando eu a fazer o outro papel (de mulher). No início não aceitei e até brigamos por isso, mas depois de algum tempo ele sempre voltava a pedir a mesma proposta. Um determinado dia acabei por ceder. Não consigo até hoje saber qual a emoção que senti. Talvez tivesse medo de perder tudo aquilo que tínhamos construído, eu gostava dele. Ou quem sabe, com a consciência eu comecei a tender ao homossexualismo. Talvez você consegue concluir o que se passou comigo naquela ocasião... Hoje aceito e vivo com naturalidade a minha nova si-

tuação e vivo muito bem... me vejo como um homossexual que assumiu isso..."

CR, natural de Curitiba, 28 anos, explicou a sua carreira como homossexual, afirmando que as características do homem, não foram enfatizadas nele o suficiente, pois "... eu vivia brincando com as meninas e com brinquedos próprios de meninas. Meus pais não se importaram nem se preocuparam em me educar como menino" em virtude de uma promessa de sua mãe, de não cortar os cabelos dele até que completasse dezoito anos, "porque eu era muito doente".

Gostou de um primo, "... apesar de eu não me conformar da minha tendência, não aceitava como certo os meus sentimentos, cada dia me ligava mais nele, até que um dia não agüentei e escrevi uma carta pra ele...". O pai do primo pegou a carta e foi mostrar pro meu pai... Deu o maior bode e me levaram logo pro médico e cortaram meu cabelo. Nesta ocasião eu tinha 15 anos". Aos dezoito anos saiu de casa e foi para Santos, "onde trabalhei num bar, logo... conheci diversos rapazes... eu já aceitava o terceiro sexo como uma realidade e da qual eu fazia parte. Assim, comecei a ter relações de homossexual. Com o tempo, fiz amizade com outros homossexuais e adotei um nome feminino e saí muito de madrugada como travesti. Há cerca de cinco anos vim para essa cidade, juntamente com duas amigas..."

Não se atribui "um nome específico porque essa história não funciona muito bem, depende da pessoa que está contigo na cama. Não posso dizer que sou ativa numa transa, isso não existe, a gente sempre é ativo na transa, não importa se você dá ou come, tá entendendo... Como tomei muito hormônio feminino, por isso não consigo muito ser homem em alguma ocasião,... não sou mulher, não, sou uma coisa diferente, mas tenho mamas e nádegas feitas, mas cobro, sempre tenho o meu preço com meus fregueses, agora os meus parceiros jovens eu, às vezes, tenho uma certa despesa... meus parceiros são aqueles que eu procuro para transar à noite e que é freguês pra mim... esses eu tenho que pagar".

Quanto às denominações que as categorias se auto-atribuem, surgiu uma totalmente diferente: convicto. Trata-se de um ex-presidiário, FP, "e já fui de tudo um pouco". Após ter servido o exército em Curitiba, foi vendedor de livros e dividiu o

apartamento com um colega de farda. Foi influenciado pelo amigo para "passar maconha". Efetivamente entrou nessa atividade "agindo em colégios", mas foram apanhados num carregamento de "drogas e outro contrabando do Paraguai" em Foz do Iguaçu, na qual o amigo foi morto e ele preso e enviado ao presídio de Piraquara. Diz que foi disputado a palito por "dez, numa cela". Apesar dos protestos "porque eu não era disso", acabou cedendo para não ser morto, "e apanhei muito e me submeteram a toda sorte de selvageria sexuais... Vivendo totalmente marginalizado da sociedade, aprendi a gostar do meu homem..."

Um novo presidiário disputou-lhe o "seu homem, fiquei com ciúme, nos atracamos e eu fui apunhalado". Quando voltou ao presídio, "fiquei em outro setor, mas logo arranjei outro homem..." Hoje, "... por isso a minha situação não sei se se deve à minha tendência ou se me forçaram para isso, o que posso afirmar que sou, e sou convicto..." Penso tratar-se de *assumido* totalmente.

Para alguns, a identificação e a concepção que têm de si mesmos, é fundamental, inclusive para se localizarem social e espacialmente na sociedade. A idéia de carreira está clara. "Eu era uma bichinha, com doze anos já gostava, mas era mais brincadeira, safadeza. Com quinze decidi ser bicha, então eu era ainda uma bichinha, mas com dezessete resolvi ser mulher. Fiz tratamento de hormônio, então a voz afinou, os pelos sumiram, tenho bustinho, agora quero bombar silicone nas nádegas... No Brasil, São Paulo, custa sete mil um copo, mas não vou fazer aqui, porque tem muita picaretagem. Uma amiga minha fez e acabou se matando de tão ruim que ficou. O médico tentou arrumar mas ficou pior. Ela era uma outra pessoa, toda deformada. Se matou".

A convicção de sua nova identidade é tão real e assumida que se vê como mulher, não aceita nem a designação de travesti. Justifica: "eu sou mulher total, minha cabeça é mulher também". Na relação sexual só desempenha "o papel de mulher" a não ser quando "o freguês insiste muito e paga uma nota muito alta. Geralmente o cara é velho e pede pra fazer outras coisas também, como na cara dele, na boca, eu não vejo nada de tarado nisso, mas eu só faço o papel de macho quando a pessoa insiste demais e paga alto, porque eu sou mulher, né, tô me violentando..."

Seu amigo e companheiro STL, se vê como um travesti, "a-

pesar dos outros me chamarem de puta, viado e até de bicha...mas eles não sabem a diferença, sô o pessoal do nosso meio faz diferença porque eles também não querem ser confundidos..."

Quanto às relações sexuais, ela é "como a ZK, sou mulher, se quiser chamar de prostituição pode, porque é pago, é por dinheiro. Desde os 11 anos estou na viração e agora tenho 26 anos, e até já morei em cada de prostituição de mulher, em Santos. A barra era pesada demais lá". Admite "em último caso", desempenhar outros papéis numa relação sexual, mas diz que é difícil porque "o hormônio dificulta, o pau não sobe, se for frequêns especial faço sim, senão, não mesmo, e depois eu sou uma mulher, nê..." JJP foi taxativa: "sou travesti, me visto de mulher, ajo como ela, sô dou, me pagam, mas sou homo, travesti, é claro".

Tanto BGT, quanto LD, estão "com ataque de homem", e atribuem os fatos a "trabalho feito, sô pode ser rabo de saia, é coisa de pomba-gira, não pode, não é normal, trabalho pesado, tem que desmanchá..." por não encontrarem uma explicação coerente para tal comportamento de "inversão".

Do grupo de homossexuais, VLSP, mais politizado de todos, se diz "apenas travesti, nada mais, não precisa outro nome, todo mundo sabe que travesti é mais homossexual, nem preciso dizer, sô que é mais homossexual do que outras denominações, porque a gente faz muito mais do que eles", numa clara alusão de que a versatilidade no desempenho de papéis confere um status maior, apesar de serem vistos por outras categorias como os entendidos, "de pobres coitadas, ser o que não são, imagina, querer ser mulher quando não dá", apesar de reconhecer neles uma coragem muito grande por se assumirem dessa maneira "chegar assim e se mostrar: eu sou isto, não precisa nem dizer, a gente está vendo..."

Para LD, o travesti "... é a mais triste das figuras, porque ele não é aquilo que se aceita, uma mulher de verdade, e não pensa mais como homem, nunca vai ser mulher bonita porque tem que esconder muitos *detalhes*, e não vai se aceitar nunca como homem, e os outros não o aceitarão como mulher". Diz como ele vê as outras categorias: "olha, no fundo é tudo bicha, quer dizer, é sô uma questão de mais ou de menos plumas, viu? Quer ver:

entendido prá mim, é um homossexual o mais fodido de todos, porque ele se esconde, arrebita o nariz, é como nos hindus, viu, os entendidos brasileiros querem ser os brâmanes; as bichas são de fato a Geni do Chico, todos gostariam de ser igual a ela, não fazendo segredo de nada, se mostrando, se assumindo publicamente, bem desmunhecada, dando gritinho, dá bandeira sempre, faz escândalo na praça, quando dá na louca pode até usar vestido, saia, pintura; agora, deixa ver, os travestis, são bicha também, mas mais bicha ainda, é a prostituta, a putona que se considera mulher, não é afetada como a bicha, porque o travesti, na cabeça dele, de fato é mulher, é tudo natural, se você não sabe se engana, pensa que é mulher mesmo, viu, já o michê ou o puto mesmo, esse, então é pária, faz qualquer coisa por dinheiro. Eu acho que são homossexuais também, mas muitos deles te pulam se você disser isso, não aceitam, não; falta o gilete, a gente também chama de plat-plus. Dá prá homem, come homem, vai com mulher. É diferente do travesti porque esse, como já disse, só vai com homem mas fazendo papel de mulher. Mas travesti não transa de jeito nenhum com mulher, viu..."

E acrescenta: "... tem uns outros nomes ainda, mais sofisticados, mas é a mesma coisa. Uns chamam de enrustido, quer dizer, o cara é homossexual, mas não se assume em público. Também chamam de secreto, o coitado deve se foder a si mesmo, né, em dois sentidos aqui, tá? Tem outro que chamam de homossexual afeminado que é a bicha que dá bandeira, é o cara não afeminado que eu vejo como entendido..."

Quanto a uma estigmatização desses termos, GH opina: "... eu mesmo me chamo de bicha prá esvaziar o sentido pejorativo do termo... ele marca muito, parece que rebaixa as pessoas, porque uma vez chamado de bicha parece que fica prá sempre isso... Mas prá muitos é pior do que nome feio, é ferro em brasa, tatuagem de marinheiro, nunca mais sai..."

DR, relaciona o homossexualismo às classes sociais, porque: "... um homossexual pobre é muito mais... sofre mais repressão do meio que ele está, ao caminhar na rua. O machão agride o homossexual tentando negar a possibilidade dele também poder transar com homem... dele também poder vir a ser um, porque o homossexual afinal é um homem..."

"O homossexual pobre cai em estereótipos, Assim, nesses estereótipos, em ser michê, ele é um prostituto, ele fica lá na praça esperando um homem. Sabe, ele cobra para transar com alguém. O travesti, ele assume muito mais o estereótipo feminino. Aquele estereótipo que a sociedade cria para a mulher. Eu já acho que ele cai no grotesco. Essa qualificação eu dou, já demonstra a que classe eu pertença. Eu não sei, quando a gente lê Lampião, está presente, é, aparecem notícias da discriminação de homossexuais pobres em prisões ou até mesmo na rua". Ainda quanto a estereótipo, diz que: "... o travesti chega ao ponto de assumir um estereótipo de mulher que nem mesmo a mulher tem mais. Sabe, aquela mulher embonecada que existia, aquela miss universo exagerada. Atualmente não tenho receio de que as pessoas saibam do meu homossexualismo. Não vejo restrição a nenhuma atividade por ser homossexual. Assim, realizo-me tanto sentimentalmente como sexualmente, sendo homossexual, Essa é a posição minha perante eu mesmo. Agora tem os outros. Minha família desconhece o fato. Mas são somente eles que desconhecem. Todas as outras pessoas sabem e conversamos acerca disso. Dessas pessoas que me conhecem e sabem do fato, não existe repressão. Existe das pessoas que não me conhecem, na rua, no cinema. Como essa repressão se manifesta, aí depende muito se estão num grupo de homens, 4 a 5 homens, geralmente eles vão manifestar uma repressão. Assim eles vão manifestar que notaram a minha presença, por algum comentário, daí sempre depende da situação que envolve. Eles nunca diexam de notar e manifestam "saber"... Depende muito da pessoa, do homossexual. O "machão" agride o homossexual tentando negar a possibilidade dele também poder transar com homem.

Independente de, ser verdadeiro, a gente poder relacionar-se com os dois sexos, o homem machista sente-se agredido ao ver um homossexual. É como se se falasse para ele (para o homem machista) de que ele também poderia ser um homossexual, já que o homossexual também é homem.

Quanto ao homossexualismo, eu acho que depende muito da classe social que eu pertença. Um homossexual pobre é muito mais..., sofre muito mais repressão do meio que ele está, ao caminhar na rua."

Dentre todas essas categorias existem ainda outras, como

a que Carmem Dora Guimarães (1977) e Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1978) chamaram de *michês* ou prostitutas que "são homens que se prestam à prática de atos sexuais com outros homens em troca de dinheiro".

No entanto, no meu trabalho de campo encontrei um homem adulto, 27 anos, JHT, descendente de sírio-libaneses do sul do estado, que mora sempre temporariamente na Ilha em determinadas épocas do ano onde tem clientes tradicionais dos dois sexos. Quando se trata de mulheres, diz que prefere "uma suruba". Relaciona-se com heterossexuais de ambos os sexos "e não tenho grilo nenhum com qualquer papel". Seus clientes tradicionais são atendidos nas residências e só vai se for solicitado diretamente pela pessoas, via telefone ou contato direto. Quando chega à capital, dirige-se pessoalmente mas com descrição ao local de trabalho, mas prefere telefonar pessoalmente "para evitar galhos aos clientes". Como são fregueses especiais quanto ao status e à posição que ocupam na sociedade, seus "honorários são muito altos comparados ao preço corrente do mercado comum, "e na ocasião da entrevista em maio de 1980, "não vou por menos de três mil cruzeiros, mas também fico à disposição da pessoa pelo menos por três, quatro horas. Se é no hotel, a pessoa tem que me deixar livre de qualquer despesa e não aceito hotel micho..." Com muita frequência, os encontros se dão nas casas de praia das pessoas ou quando viajam para cidades como São Paulo, Porto Alegre ou Rio de Janeiro, avisam-no e mandam-lhe a passagem aérea e a reserva do hotel.

Assegurou-me que vive exclusivamente de rendas auferidas com serviços sexuais e tem apartamento próprio em duas cidades do sul do estado, um no noroeste de Santa Catarina e está comprando um pequeno também em Florianópolis. Dispõe igualmente de carros próprios. No início de 1979 casou com uma moça menor da qual já tem um filho. Está pensando em trabalhar por alguns anos no exterior de preferência na Alemanha, Munique ou Frankfurt. Consome drogas e relaciona-se também com qualquer categoria de homossexuais, mas não se considera nenhum deles e nem prostituto ou gilete, mas homem. Admite que as pessoas heterossexuais e mesmo homossexuais consideram-no prostituto. Quando quer relacionar-se sexualmente "fora do meu trabalho" procura pessoas heterossexuais

"amigas minhas e daí eu não exijo pagamento eu vejo elas como clientes". É uma pessoa muito conhecida de todos os meios homossexuais e não é benquista pelos travestis "porque quando eu chego todos os clientes deles somem". Já foi ameaçado até de morte inúmeras vezes "porisso ando sempre com navalha e revólver". Admite que já teve envolvimento com a polícia "mas meu irmão médico me tira da encrenca porque eu tenho um documento médico atestando que sou excepcional que minha mãe tirou pra mim quando ainda vivia com ela..."

Uma outra pessoa entrevistada, originária do noroeste do Paraná, filho de imigrantes libaneses mas já nascido no Brasil, veio para Florianópolis com o objetivo de "fazer o pré-vestibular aqui, porque em Curitiba a gente aprontou muito e tivemos que sair de lá...". Viu no comércio do sexo uma família muito influente de comerciantes, seu pai apenas lhe enviava "mesadas contadas", tanto para ele quanto para o irmão, já estudante universitário. Conseguira documentos de identificação com a idade alterada, que lhe assegurava dezenove anos, quando na realidade tinha apenas dezessete, "mas com quarenta de malandragem nas costas".

Conheci-o num dos prédios onde eu morava e para o qual me mudei propositalmente no início de 1978, sabendo que era um edifício tipo *balança*, composto de dependências como banheiro/cozinha/sala grande, dividida ou não. Tinha também apartamentos de dois quartos. Era do meu conhecimento que grande parte dos apartamentos eram ocupados por pessoas que se diziam estudantes, mas eram usados ocasionalmente por seus proprietários quando vinham para a Ilha, ou ainda, eram mantidos por pessoas de Florianópolis com o objetivo de encontros sexuais. A maioria contava com mobiliário mínimo e a movimentação era muito grande no prédio e com o tempo, quase todas as famílias se mudaram de lá.

JK veio morar no prédio no início do ano letivo de 1978, mas até o final do ano já mudara duas vezes de endereço "expulso pelo irmão por causa das encrenças que ele dizia eu arranjava" especialmente após ter se ligado com um poderoso líder de tráfico de drogas e foi preso também. Tinha "um outro irmão bem influente na cidade que me livrou do processo". Como esse negócio "não deu muito certo" casualmente foi convidado por um colega de apar

tamento para ficar parado na frente do edifício e "ficar olhando pra eles, pra vê no que dava". Foi abordado "por um velho num carro que me convidou pra entrar e me ofereceu uma grana firme se eu fosse com ele. Disse que eu não era disso e cuspi no carro dele..." Após uma semana "entrei no carro e fomos na casa de praia do homem. Disse que eu nunca fiz isso com homem adulto, sô brincadeira de guri de primário". Afiançou-me que a pessoa concordou e não exigiu nada além do combinado "que eu fizesse o que um homem faz e não deixei ele me alisar... depois me deixou no centro de novo". Tornou-se seu cliente, encontrando-se uma vez por semana, em horários e locais previamente combinados "sempre noutro porque o cara tem família e netos, mas até agora sempre na casa de praia dele..."

JK está pensando seriamente em fazer carreira e está iniciando seu irmão estudante, "... mas ele tã resistindo mas sinto que tã balançando, tem namorada firme mas a grana fácil tenta..." Não sô o irmão mas também "os outros quatro caras que dividem o apartamento estão entrando na minha..." e diz que no momento "estou treinando outros papéis com meu irmão prá ver se topo sem grilo. Ele (o irmão) sô faz papel de homem..."

Tendo acompanhado a trajetória dele e entrevistado-o em épocas diferentes "... hoje faço qualquer coisa com homem, bicha e mulher" e garante que tem mais prostitutas em Florianópolis do que homossexuais. Sua clientela está bem diversificada "e cobro das mulheres também..." garantindo que seus clientes iniciais, heterossexuais, arranjam-lhe outros fregueses. Está pensando em comprar carro e vê as práticas sexuais e o seu comércio "numa boa, não é diferente de você transar fumo ou vender outra coisa... afinal isso é um trabalho... e eu não sou bicha... meu homem continua inteiro..." Não gosta das denominações específicas que as várias categorias de homossexuais se atribuem, dizendo que na realidade, com isso, exploram o estigma. Apesar de reconhecer "que sexo por dinheiro é prostituição" não se considera prostituto. Não admite também ser identificado como gilete, bofe ou outra denominação.

Como oficialmente estão em Florianópolis para estudar e proibidos pelo pai de procurarem emprego, vêem nesse expediente uma maneira de facilmente ganhar dinheiro "prá gastã em farra, be

bida, som e mulheres..."

Garantiram-me que não sō no meio universitário como também no secundário, esse expediente é usado com mais frequência do que se imagina, depoimento esse que me foi confirmado por dezenas de alunos meus e de outros, não importando as áreas ou origem dessas pessoas. O que me parece sintomático, em muitos casos, não se trata absolutamente de dificuldades financeiras das pessoas. No caso de homens, especialmente, estes exigem pagamento de mulheres, na maioria das vezes solteiras e que são consideradas "coroas". Geralmente elas dispõem de carro e/ou de apartamento próprio, muitas vezes profissionais liberais bem remuneradas e algumas pessoas entrevistadas me justificaram tal comportamento dizendo que "... liberdade tem preço e a liberação de vov s (mulheres) tem outro... porque além de tudo... são neur ticas, reprimidas e deprimidas com tantos grilos... d  um trabalho danado e depois elas têm dinheiro mesmo... e então  , ajuda aqui o estudante..."   claro que o pagamento não está explícito desde o início da transação "... vem no decorrer do papo, você tem muitos gastos com livros, tal..." e muitos alimentam um namoro por anos até terminarem o curso.

Uma outra questão que ainda pode ser levantada aqui na caracterização do mundo homossexual adulto de Florianópolis, é a da categoria que Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1978) denominou de *entendidos* como sendo aquela que entende outro homem na cama, sabe o que ele precisa e "... não é como a bicha que são quer bicharia. Um entendido transa e quando termina está tudo bem". Essa categoria não tem conotação negativa e ele a classificou em revelados e discretos. Os relevados são homossexuais não afeminados e não se preocupam em dissimular sua condição de homossexuais. Há os discretos (secretos) que mant m mais ou menos em segredo o seu desvio.  s vezes são casados e bissexuais.

No modelo da construção social da sexualidade masculina no Brasil, elaborada por Peter Fry (1977) no qual ele faz um estudo das mudanças do modelo, tentou entender teoricamente a sexualidade masculina e aplicar essas idéias para a mesma no Brasil. Ele parte da idéia de plasticidade da sexualidade e de acordo desenvolveu modelos (sistemas), onde distingue os papéis sexuais, sociais e sociopolíticos. Assim, a categoria *entendido*,

seria encontrável no sistema B que consiste de homens e entendidos. Caracteriza como tal, se a preferência sexual é com outros homens ou ambos os sexos. Quando ele se relaciona ativamente com ambos os sexos, é também chamado de gilete ou homossexual e quando ativo e passivo, se é com o mesmo sexo, também é chamado de entendido, gilete ou bissexual. Para a categoria entendido, o modelo elaborado por Peter Fry tem aplicação prática em Florianópolis.

De acordo com o trabalho de Carmem Dora Guimarães(1977), onde analisou exaustivamente a categoria *entendido*, estes não podem ou não querem "dar bandeira" acerca da sua sexualidade e das preferências sexuais.

Como Peter Fry mostrou, esta categoria se acharia confinada à vanguarda da classe média das grandes metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo, mas também pode ser observável em centros urbanos menores do interior. As características seriam no sentido de a maioria se definir como entendidos e isto não conferiria estigmas. Muitos se submetem à terapia psiquiátrica e não estão muito preocupados com sua origem, mas como tirar melhor proveito de sua sexualidade. Como Florianópolis foi considerada uma cidade de porte médio pelo BIRD para fins de financiamento urbano, o modelo de Peter Fry, para homens e entendidos, tem aplicação prática quanto à caracterização dessa categoria de entendidos, mas ele é atualizado ali por alguns profissionais liberais e outros que, devido aos seus cargos, tratando-se de um centro puramente administrativo e outros ainda não podem se expor devido à origem familiar, o status sócio-econômico que desfrutam, o fato de muitos serem casados e pais de família e outros ainda são de opinião que "tuas preferências não precisam ser alardeadas e são interessam às pessoas em questão" e outros ainda opinam que "essas coisas de alcova devem ser mantidas em segredo" para não servirem de "escândalo, chantagem e exploração política".

Achei oportuno ainda nesse capítulo, como palco e atores fundamentais, o papel e a importância para as categorias de homossexuais, do carnaval da Ilha de Santa Catarina.

Não vou discutir aqui o surgimento das escolas de samba e a sua associação com o desenvolvimento urbano, juntamente com

a formação do operariado industrial.

Vejo o carnaval e as escolas de samba no Brasil, como uma instituição de produção cultural e também como uma maneira de organizar padrões de vizinhança, de solidariedade e de lazer, mas também como uma maneira de refletir realidades sociais. Penso que especificamente no caso brasileiro, o carnaval pode ser entendido como um período em que os valores da *communitas* (da Matta, 1979) regem, e o comportamento social é relativizado em confronto com outros ajustes sociais, todos conscientes de que o momento é especial, "marcado por ações invertidas; personagens, gestos e roupas características" (da Matta, 1979) desenvolvido na rua, à noite e em público, fantasiado, usando máscaras, que na realidade revelam muito mais do que ocultam "quem não é, mostra que é mesmo, tenta assumir atrás da máscara, da pintura, que por ser carnaval, dá força, porque tá todo mundo meio assim, homem de mulher, é só o que dá, viu?"

Reforçado por outros, TV continua "olha, botou sutiã, já deixou de ser homem... depois chega quarta-feira, chora e lamenta, não porque terminou, hora de trabalhã, mas porque agora tem que botã paletô, gravata, ser durão... queria mesmo é ficã de saia e teta o resto do ano, viu... não tem os blocos do L, só machão, mas quem me garante que todo mundo daquele bloco é machão?"

Referindo-se às fantasias e ao tipo de personagens que estas representam para GH e que se declara "bicha, bicha, porque a bicha é muito louca, não tem classe, desbunda o tempo todo, dá escândalo, gritinho na praça, assim eu sou, não sabe o quanto escandalizei já aquela Federal, tudo de propósito, prá assustar todo mundo, tirar do mundinho tudo no lugar, comportado demais, credo..." e sempre saiu fantasiado no carnaval "bem louca, mulher, pintada, dizendo horrores de pornografia prá todo mundo" representando figuras marginalizadas, periféricas da ordem social na nossa cultura "prá mostrã que o proibido é que é bom, fascina, aguça, dá vontade de tentar, pecar, tudo que não pode, o que é lei, proibido, fatal, crime, essas coisas todas, tem que colocar as pessoas fora do eixo, balançar as nádegas, ser bandido e putão, escrachado, entendeu?..."

CT, veterano funcionário público, "sou homossexual sim,

você sabe... não sou bicha, olha, é tudo a mesma coisa, todos trepando com homem, mas é uma questão de oferecer flores ao invés de bosta de cabrita, conhece a história, né... da menina, da frigideira, da cabra, da mãe... bom, eu sempre zanzo no carnaval, de sexta até a outra quarta feira, eu, o CH, mesmo bicha velha tem que agüentar, ele ameaça se matar sempre se a gente não leva na turma, o TV, quase médico, o que a gente arruma de roupa, bordada, linda, brilhante, paetê, janeiro toda noite preparando, desfila, prova, mas vale pro resto do ano. Você sabe que não posso dar muita bandeira como chefe de seção, o pessoal sabe que fiz faculdade, vem o estado todo lá, tenho que segurar as pontas, e depois, a gente se enfeita tanto que nunca ninguém percebeu, sempre digo que vō prá casa..."

Não discutirei aqui a sempre tão invocada e reivindicada "melhor terceira festa de carnaval de rua do Brasil" que os florianopolitanos tanto requerem, mas sim da importância dele no sul do Brasil e no contexto estadual, por atrair milhares de turistas e visitantes, especialmente dos estados do Rio Grande do Sul e Paraná, sabidamente com um carnaval regular apenas de Clubes e fraquíssimo o de rua. O mesmo acontece com o interior do estado e até cidades importantes como Blumenau e Joinville, Criciúma e Lages, as duas primeiras de colonização alemã e as duas últimas com predominância da italiana, o ponto alto nessas é efetivamente o carnaval de clubes fechados. Discutirei aqui apenas o carnaval como época e lugar importante para a interação maior e renovada de grupos que interessam ao meu objeto de pesquisa.

Um outro aspecto das fantasias parece estar relacionado com a dissolução da representação de papéis tradicionais como homem/mulher, por exemplo, e amenizar ou então de chamar a atenção para aspectos não muito definidos, ambíguos da ordem social, como determinados sentimentos, ações, valores, alguns grupos e categorias (da Matta, 1979) que normalmente estão reprimidos, inibidos, pelo fato de serem problemáticos, como são os grupos e as categorias de homossexuais e o que eles representam. Pelo fato de estarem à margem da sociedade considerada normal, de estarem numa situação liminar na sociedade, e como o período de carnaval "é sem censura, tudo foge aos padrões normais, legais, as pessoas extrapolam os sentidos, dão vazão ao que está reprimido,

saem do recalque", conforme colocou JVC, já que "a festa enfatiza uma dissolução do sistema de papéis e posições sociais já que os inverte no seu decorrer (da Matta, 1979), as coisas se passam no inverso da ordem cotidiana social.

Apesar de tudo, o carnaval não deixa de ser paradoxal, pois ao mesmo tempo que permite aflorar tudo o que está condenado, fã-lo contudo, através de máscaras, fantasias, neutralizando dessa maneira tudo aquilo que se tenta dissolver, inverter. Diz-se na brincadeira o que se queria sério, porque não deixa de reproduzir aquilo que está conflitando na sociedade ampla, e no caso do comportamento sexual, mostra o que pode ser diferente, opcional, alterado. Talvez justamente por isso, como o máximo de manifestação de informalidade, é tão importante para as categorias de homossexuais, porque na realidade vem a enfatizar, a reforçar aquele comportamento que é visto como desviante, mas ao mesmo tempo se aproxima das pessoas que se consideram normais, "pois está todo mundo virado, está de cabeça para baixo, no caos, na mesma panela, todo mundo louco, todo mundo mulher..." fazendo com isso que a *anormalidade* seja estendida a todos, igualando-se, e por esse caminho, ou o estigma atinja a todos, ou então dilui, ameniza o estigma dos desviantes sexuais, "carnaval é festa de orgia mesmo, não adianta negar,... moeda tem dois lados, há o prazer de dar e o de receber,... sô machão vestido de mulher... atrás daqueles bigodões, sô tão interessados na porteira posterior..."

Com o objetivo de verificar se o carnaval se constitui ou não numa época importante para a descoberta de possíveis parceiros sexuais para os dois grupos em questão, de acordo com as entrevistas procedidas posso afirmar, que realmente, o carnaval na Ilha de Santa Catarina é um lugar e uma época de intensa interação entre os dois grupos. Para alguns indivíduos chega a ser ocasião única para um relacionamento efêmero mas diversificado.

Assim, duplamente protegidos pelo carnaval, muitos homossexuais e também heterossexuais buscam no período carnavalesco novos parceiros "porque pinta carne fresca" e outros que não podem ou não querem se revelar fora dessa época e atrás das máscaras, buscam às vezes uma aventura ímpar mas passageira.

Como geralmente o carnaval corresponde aos períodos de

férias escolares de todos os níveis e do verão, temporada de praias, a cidade recebe milhares de turistas especialmente procedentes dos estados sulinos e dos países do Prata.

De todas as entrevistas efetuadas com os adultos, especialmente os homossexuais, pouquíssimos são originários da Ilha mesmo e a maioria absoluta procede do próprio estado, seguido dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Estão residindo na cidade há alguns anos e a maioria trabalha como autônomos, profissionais liberais ou funcionários públicos, não raro transferidos.

Das pessoas entrevistadas e que se constituem também em parceiros sexuais dos menores, HL, estrangeiro, 32 anos e profissional de nível superior, passou nos dois últimos anos o carnaval na Ilha. Se diz homossexual assumido mas não apresenta nenhum daqueles estereótipos que os brasileiros comuns esperam de um bicha. Ele mesmo não gostava desse termo e aprendeu que em Florianópolis tem sentido pejorativo e altamente estigmatizador.

Embora não apreciasse ver a questão dos papéis sexuais por esse ângulo, era ativo e passivo, mas como tinha um receio mórbido de contrair doenças, evitava os "meninos da praça" porque apresentavam sinais de pequenas feridas nas pernas e no corpo. Pensava tratar-se de "doenças dos trópicos" e com o tempo escolheu apenas três com os quais se relacionava regularmente e as transações finais se davam no próprio apartamento dele. Como foi roubado várias vezes em dinheiro e jóias (cordões de ouro, relógios) evitou levar indiscriminadamente menores para a sua residência. Teve "um longo caso" com um morador do próprio prédio, militar, solteiro "mas que era somente passivo". Foi roubado em dinheiro mas reagiu, ameaçando denunciá-lo junto a sua corporação. Foi introduzido no mundo homossexual de Florianópolis por um indivíduo já descrito anteriormente (JHT), que pode ser considerado bissexual. Essa mesma pessoa apresentou-lhe vários dos seus próprios clientes, mas HL preferia entendidos para evitar constrangimentos e problemas nas suas atividades profissionais no Brasil.

Para ele, o carnaval teve uma função importante no sentido de sair fantasiado e "caçar à vontade". Foi do segundo carnaval aqui passado que conheceu um menor de 17 anos oriundo do sul do estado, estudante secundarista. Do conhecimento e amizade com

este rapaz, manteve um caso até sua saída do país. O rapaz praticamente passou a morar com HL, apesar de ter residência oficial em outro local. Teve mais confiança nesse menor "por ser de origem melhor, estudar e ter interesse por arte, discutir cinema..." Com este jovem "não precisei pagar porque ele faz tudo e eu também... a gente se realiza mutuamente.

SJR, casado, 57 anos e aposentado recentemente, é um dos fregueses regulares do grupo de menores. Até se aposentar, trabalhava propositalmente à noite numa repartição pública "... porque tenho filhos grandes e netos...". Morava numa freguesia do interior da Ilha e tinha a seu favor os esparsos horários de ônibus "que sempre me podem atrasar". Como trabalhava do horário de 1:00 até às 7:00 horas da manhã, deslocava-se ao centro por volta das 22:00 horas e "ia caçar no mictório, na praça e na Conde de Mafra". Os encontros sexuais eram realizados muitas vezes na própria repartição "porque a gente só trabalhava em seis colegas e os outros fechavam os olhos porque eles traziam mulheres... um estava nas mãos do outro..." num sistema de proteção e cumplicidade mútuas. Não tem caso com nenhum menor porque "a idade não ajuda" mas mantém um "protegido" cujo retrato lhe exibiu. Para ele, o verão e o carnaval especialmente, se constituem em épocas de grande expectativa porque "pra mim, a rosa só tende a murchar cada dia", queixando-se sobremaneira do estigma de ser velho e não atraente fisicamente. Não se atribui nenhum rótulo e diz apenas "que é pai e marido" e que devido às limitações "da minha velha" procuro satisfações sexuais diversificadas "fora de casa". Atribui as limitações de sua senhora "a carolice dela e também por causa da idade... ela pensa que mulher que tem vergonha na cara, quando deixou de parir, tem que se resguardar da sujeira..." significando com isso o encerramento da sua vida sexual.

CHR, 46 anos, solteiro, profissional liberal, originário de Florianópolis, mora com os pais idosos mas mantém com outros homossexuais um apartamento tipo *Kitinete* para encontros sexuais. Duas pessoas praticamente moram lá, mas como são funcionários, CHR só ocupa o apartamento durante o dia e se casualmente estiver ocupado, usam um sinal convencional na porta. Como sua preferência é praticamente só por garotos não muito experientes

e ativos "de quinze, dezesseis, brancos..." diz-se abertamente preconceituoso "atê com o cheiro pessoal... a roupa fedendo a sabão em barra", literalmente socializa o menor antes de se relacionar com ele. "Compro roupa, corto o cabelo, unhas, ensino a comer e negro não quero saber mesmo, porque continuam fedendo sempre..." Queixa-se que apôs determinado tempo "os desgraçados me deixam na mão, quando aprenderam tudo,..." e se auto inculpa por esse procedimento por remunerã-los pouco "porque afinal investi muito no pirralho e preciso tirar, me recompensar, mas eles não querem saber quando já tem malandragem". No momento da última entrevista tinha "adotado" um rapaz de 16 anos, filho de pescadores de uma colônia, mas que não podia morar na "cidade por que vou com meu pai pro mar de noite". Conversei com ele particularmente e fez-me muitas perguntas sobre CHR e disse não estar sabendo com certeza "o que ele quê de mim... até agora a gente sô fez safadeza de guri pequeno e coisas que eu faço com mulher... se não passa disso... o cara me dá uns trocados, comida sempre quando venho, me deu roupa dele também e sempre cigarro que quero...".

CHR assegurou-me que o processo de "socialização" que ele faz com os garotos é necessário "porque levei muita lambada na cabeça com aqueles pesteados da praça... até hepatite peguei..." Ele é bem conhecido dos menores da praça e dos outros homossexuais que o criticam "porque ele de fato investe nos meninos, mas depois exige fidelidade praticamente sem pagar mais nada e os bofes não são otários,, além disso ele é uma bicha que tã ficando flácida e velha e ninguém quer aparecer com uma tia,... a avô tem mais que se conformar e pegã o que aparece..."

Durante o carnaval sempre sai fantasiado e este ano(1980) participou também do baile dos enxutos que teve lugar em Florianópolis, apôs anos de não realização. Sai em grupo e desfila também no bloco dos sujos e segundo CT, "se a gente não leva ele ameaça se matã e grita tanto que a gente é obrigado a aturar..."

É uma das pessoas que mais tem iniciado jovens sexualmente "no mettier da vida" e até homossexuais adultos se identificam como "tendo passado pela escola do CHR".

CD, funcionário federal, 45 anos, tem também um sobrinho "que batalha na praça" mas garante que não foi iniciado por ele,

mas sim "lã no Educandário 25 de Novembro" o que me foi confirmado pelo menor, sem eu ter mencionado o tio. CD usa "nome de Guerra" que me autorizou a usar amplamente. Como se trata de uma pessoa muito relacionada por desfilar até há pouco tempo numa determinada escola de samba do continente, arrazoei que era melhor proteger sua identidade, no que deixou a meu critério, frisando "que não tenho nada a perder... meu comportamento é público e notório". Considera-se "bicha assumida" e sabe que o termo em Florianópolis é estigmatizador, mas estende esse estigma "aos outros nomes também... faça o que quiser, o povo fala sempre". Critica severamente "todos os que não têm coragem de se assumir" especialmente dirigida aos entendidos que para ele "são artistas que estão representando o tempo todo" mas faz concessões "porque simplesmente o cara não pode, seria o mesmo que se suicidar". Remete as diversas categorias a classes sociais, garantindo que "entendidos você vai encontrar de classe média pra cima porque eles têm alguma coisa a perder,... mas a gente que já é pobre, micho mesmo, um título a mais não faz diferença porque ser pobre já é uma desgraça... ser bicha ainda não acrescenta nada..."

Para CD que mora no continente "com minha mãe e uma tia" não são o carnaval mas todo o período de ensaios que antecede a ele, apesar de não mais desfilar, ajuda no treinamento e está muito envolvido com a escola, tem nesse meio muita oportunidade de conseguir parceiros sexuais jovens e até iniciá-los.

De todos os entrevistados foi o único que não apresentou preconceitos raciais e pelo menos nos meses de novembro a fevereiro quando os ensaios são mais intensivos "tem sempre pelo menos dois garotos mais ou menos morando lã em casa". A tia e a mãe costumam e confeccionam fantasias carnavalescas e "a casa tem muito movimento e a gente tem que tocar no corpo das mulheres e dos homens de qualquer maneira e nesse meio garanto que tem menos frescura de moralidades" do que em outras classes sociais.

"Transar o corpo" é uma obrigação "de todo bom sambista e negro não tem essa de esconder... sabe que a dança (o samba) é muito erótica e todo mundo fica tesudo..." CD é branco mas relaciona-se sexualmente quase só com negros e mulatos e garantiu que "a barra pra eles é mais pesada ainda" e que a discriminação é maior ainda no meio homossexual do que no heterossexual contra

negros. Esse depoimento foi confirmado por outros homossexuais brancos e negros, inclusive um que mora atualmente com CD e "que vive de biscates e trabalhos temporários como o acortinamento de edifícios públicos". Tem 37 anos e originário de Itajaí e também é pai-de-santo.

NT, profissional de nível superior, 41 anos, não gosta de nenhum rótulo e se considera "um homem que gosta de outros homens na cama". Considera a família e o casamento ultrapassados "a não ser quando o casamento dá muita vantagem pessoal e material para os dois e ambos estão cientes que é um contrato jurídico apenas, onde cada um tenha vida independente, livre... e podem até ter um filho, se isto convém... porque a história do amor é uma invenção cultural para sustentar determinadas instituições e é manipulado, explorado ideologicamente inclusive pelo Estado, pela Igreja... porque é a segurança do próprio Estado, a base da cultura ocidental..."

Coloca sua própria experiência "como um pouco paradoxal porque eu mesmo criei um menino pra mim... ele esteve comigo desde os 12 anos, vivemos juntos até ele completar 24 quando saiu para casar... ainda me visita e nos relacionamos regularmente... mas não tem nada a ver com o modelo heterossexual de *casal*, é diferente porque o modelo foi totalmente estranho, nada de homem e mulher nos papéis... claro que eu preferia ser passivo, mas a gente trocava os papéis sempre... eu tinha outros casos, ele também, mas não era porque eu pagava a Engenharia, os livros, não tinha nada de favor ou pagamento, tanto que ele formado, profissional sucedido e a gente continua..."

É contrário a tudo o que reproduz o modelo heterossexual "com objetivos claros... o namoro, casamento, ter casos amorosos com alguém, ciúmes, paixões, tudo isso é um sistema ideologicamente manipulado para garantir a reprodução do próprio sistema e da espécie dentro de instituições formalizadas com as quais o Estado pode contar".

Não admite sequer falar em *categorias* para os homossexuais "porque todas as Ciências Humanas e Sociais são cúmplices no forjamento de anomias e desajustes sociais para terem motivos de balizar as pessoas dentro dos parâmetros sancionados como normais e corretos... e afinal para justificar a existência

de vocês cientistas sociais..."

Relaciona-se com outros homossexuais "que são chamados de bichas e entendidos", mas prefere rapazes novos e "tenho prazer em aprender as falcatruas do corpo deles, porque você pode ser analfabeto mas a intuição e a perspicácia da sexualidade são ilimitadas, especialmente nesses guris sem eira porque não tem preconceito nem moralismos nenhum..." Evita levá-los para o seu apartamento "porque eles foram ensinados a roubar e se espera deles que roubem a gente... e as coisas que tenho são lembranças e presentes do mundo inteiro que me são caros por causa das pessoas especiais que me deram isso..." Assegura que comparado a seus colegas e amigos, "eu pago muito bem porque valorizo o trabalho do garoto e é uma forma de melhor distribuir a renda desse país..."

Para ele, o carnaval de rua não é muito importante "pois só vou um pouco no clube ou fujo para a praia" mas garantiu que, segundo depoimentos dos próprios menores, estes são muito requisitados também por mulheres, tanto da própria Ilha quanto de outros locais ou estados. Abordando os menores acerca dessa questão, eles me disseram que "se pinta grana tudo bem, não importa se é homem ou mulher... e a gente vai com puta, porque não com dondoca e gatinhas?... mas pedem sempre suruba e os diabos..."

CZ, um homossexual assumido publicamente e afeminado que Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1978) mostrou como adotando maneira de porte, voz, trajés, movimentos, agindo de forma afetada, caricatamente feminina. Ele mesmo se chama de bicha e diz que é uma questão política assumir tal comportamento na medida em que o nome é usado, vai perdendo seu poder estigmatizador. Já que se considera um modelo a ser seguido "porque eu sou uma coisa que deu certo e sucedi profissionalmente... tenho entrada em todas as casas da alta sociedade, sou recebida e promovida". Recusou-se a dizer a idade, mas admitiu ter feito "três plásticas... porque beleza é preciso... adoro gente bonita, brilhante, e eu tenho que brilhar sempre..."

Considera-se o maior cliente "dos meninos da praça porque as pessoas do meu meio, as outras bichas, são muito corrompidas e aprontam muita sujeira... têm inveja, fazem intriga, querem chegar onde estou mas não tem tarimba, rede de relações boas,

influências... então fico com os guris que também são malandros, podem te roubar, mas você tá mais segura com eles porque sabe exatamente qual o jogo deles e o que querem de ti, sô grana viu... porisso até frequento um salão de beleza da minha amiga, uma mulher divina... dela não preciso temer nada..."

LD, que já foi parcialmente caracterizado, fez carreira como homossexual "que para os outros virou machão de novo, mas não é bem isso, sô porque casei e tenho uma filha, não quer dizer virar homem de novo, eu sempre quiz ter um filho". Sua mulher sabe de sua condição "mas mulher sô quer dinheiro e se enfeitar, aparecer..." e me assegurou que ele não conta sua "vida fora de casa porque não precisa... ela tem também a vida dela e eu não exijo satisfação... direito igual nê". Para ele, o carnaval foi sempre particularmente importante, porque desfilou por anos numa determinada escola de samba "e agora tenho minha filha pra me continuar". Foi LD quem me apresentou inicialmente para um rapaz de dezessete anos, W, "que é meu cacho no momento" e que me introduziu também num grupo de menores que trabalhava num dos estacionamentos públicos do centro da cidade. Fez questão de ser um grupo distinto ao qual W.pertencia "pra não dizerem que tô protegendo o W. abertamente e, desprezando eles... é que eu me amarro em determinados tipos e não posso sair com todos eles nê... e menor demais pode dar galho e eu não quero me envolver porque já tive muito problema com fumo e não quero transar isso de novo... e a polícia pode pensã que eu tou aliciando guri pequeno... porque para eles (polícia) eu sou casado e sério, entendeu?"

Continua se relacionando com outras categorias de homossexuais "que às vezes sou cliente e outras eu tenho meus fregueses...". Justifica a escolha dos menores "quando a grana tá curta e com eles a despesa é sempre menor, quando precisam vão por qualquer cem cruzeiros... mas normalmente, um menino experiente, não vai por menos de quinhentos... mas eles sabem de quem podem pedir mais... atendem a gente porque eu posso sempre arranjar freguês bom pra eles..."

CT, igualmente caracterizado em parte, é um funcionário público de 33 anos e que no momento mora com um outro homossexual cabeleireiro "mas ele não é muito meu gênero porque ambos

somos mais passivos do que ativos". Ninguém gosta de usar os termos ativo/passivo, mas alegam não existir outros termos que dêem uma idéia melhor das preferências quanto a papéis sexuais numa relação. Considera-se homossexual assumido "mas não posso dar muita bandeira no meu serviço". Para ele, o carnaval tem duas funções primordiais: sair fantasiado "e me largar com todos os meus sentimentos e desejos e sair à procura de coisa nova no mercado... sempre aparece carne fresca..."

Diz que é "obrigado a procurar garotos porque a grana não dá para coisa mais sofisticada" e também para diversificar. Não se relacionaria com homossexuais idosos e pensa que quando ele mesmo for velho, provavelmente se suicidará "porque eu não me aguentaria a mim mesmo". Toma como exemplo seu amigo CHR e diz "tem espetáculo mais degradante que ela?... não consegue nem pagando... os meninos ficam no máximo uma semana quando já se vestiram, limpam, e depois... adiôs vovozinha..."

Finalmente, para exemplificar quem são os clientes adultos dos menores que são procurados como parceiros sexuais e remunerados, cito ainda uma pessoa profissional da área da saúde. É TV, 26 anos, que se considera um bicha "que roda a bahiana e faz escândalo sempre" e em parte descrito já. No momento mora sozinho apesar da sua família residir na cidade também. Usa "debochadamente o termo bicha para escandalizar e mostrar que qualquer pessoa pode ser, independente de classe, profissão ou crença..."

Reclama da falta de confiança de colegas de profissão "como se o fato de ser bicha, anula e conspurca todo o meu trabalho... o que tem doença dos outros a ver com a minha homossexualidade?... confundem tudo, não separam moral de sexo e muitos colegas meus pensam que eu devo ter distúrbio mental, já que não encontram outra patologia... meus professores chegavam ao cúmulo de exigir que eu tirasse todas as bugigangas (bijouterias e jóias) dos braços, pescoço, dedos... se ainda fosse numa aula prática, mas teórica... levei oito anos para terminar um curso de seis... os caras simplesmente me rodavam... as professoras não... com elas me dava muito bem..."

Busca parceiros sexuais somente entre os menores "não só porque eu nunca tinha dinheiro, mas também porque é mais fácil de lidar com eles... topam a qualquer hora do dia e onde for ...

não fazem muita pergunta idiota... e você sabendo o papel que eles fazem, tudo bem... claro que entre eles têm também bichinhas que fazem outras coisas, mas isso você descobre quando transa com eles... eles mesmos apontam companheiros e dão o recado da gente ao pirralho... além disso você descobre quando tã com eles na cama e propõe outro papel, entende?..."

TV já tem determinados menores com os quais se relaciona regularmente, mas em especial está "saindo com um, com quase quinze anos e é uma graça... não é paixão, essas coisas sabe, mas acho que vale a pena pegar o garotão... estou fazendo a cabeça dele e quando ele largar o fumo... que sou contra isso e não quero complicações na minha carreira... ele toca violão divino, tem sensibilidade apesar de ser do morro (favela)... vou falar com a mãe dele e vou botar a estudar de novo..."

Caracterizado o mundo homossexual adulto, posso analisar o dos menores, para depois, no capítulo seguinte, mostrar como se dá a interação entre os dois grupos.

Você pode encontrá-los em muitos locais públicos da cidade, como a Praça XV, a área do Terminal Urbano, os estacionamentos públicos e estacionamentos-garagem, a área do Mercado Público e ruas adjacentes, especialmente o Calçadão da rua Felipe Schmidt e laterias.

Muitos trabalham nos inúmeros bares, lanchonetes e restaurantes ao redor da Praça XV e adjacências. Os que não estão engajados no mercado formal de trabalho e por serem menores, existe uma fiscalização maior das autoridades policiais em determinados locais, mesmo público, especialmente no centro da cidade. Em vista da maioria desses adolescentes e jovens estarem engajados no mercado informal de trabalho e serem subempregados, a pesar disso, os policiais são de opinião que "lugar de guri pequeno é em casa de noite". *Guri pequeno* são menores de idade e sem responsabilidade. Uma das estratégias desse grupo, é ou fazerem suas transações sexuais durante o dia, especialmente à tarde e no fim da tarde, ou então, quando o cliente dispõe de carro "é pegã uma carona lã pros Barreiros ou São José, sei lã, no apartamento dele, no carro mesmo ou num canto escondido qualquer..."

Dou uma rápida história de vida dos menores entremeada

com depoimentos deles, ao mesmo tempo que transcrevo a sua análise das categorias homossexuais e como e onde foram iniciados.

Selecionei cinco casos por considerá-los suficientes para meus objetivos e por serem significativos. Se eu estivesse interessada numa análise estatística, poderia verificar que o centro da cidade é altamente polarizador, mas esses menores em questão, atualmente residem nos subúrbios ou em áreas consideradas de baixa renda como mostrei no primeiro capítulo. Suas idades variam de 14-17 anos e todos eles não concluíram ainda a quarta série do 1º Grau. Dão como razões do abandono ou repetição do ano escolar, por terem perdido a vaga em virtude de programas de erradicação de moradias de baixo nível - entenda-se favelas - e a relocação dessas famílias para municípios ou bairros vizinhos, notadamente São José, e bairros distantes demais da escola original. Outro motivo que dão é a absoluta teorização da escola e ela nem "me ajuda a vender melhor o meu amendoim" e um terceiro deu como motivo a falta de interesse dele, "aquelas baboseiras todas, fico com a praça, é mais legal, distrai a gente e os outros, na escola, quem tem mais dinheiro, só goza, do meu tênis, caderno escangalhado, não pode fumã, não pode tudo... e ainda perco dinheiro, nê... queria ser cobrador de ônibus, ganhã dinheiro, comprã oliude, tal..."

Todos eles estão engajados ou estiveram, no mercado informal de trabalho, mal remunerados, auxiliam no sustento da casa e nenhuma das famílias tem conhecimento das atividades sexuais dos menores. Todos eles residem na casa dos pais e dois deles já estiveram presos por crime contra o patrimônio: furto simples. Um deles já se envolveu no porte de tóxicos e garantiu que "sô dei uma fumadinha, gostei, mas quase morri de tossir, achei que era simples como cigarro e daí o cara disse que me ensinava, mas sumiu, parece que pegaram ele, fiquei com medo e mão me procuraram mais, bem que dã dinheiro isso e não precisa trabalhã muito, sô fazê o que os cara pedem, entregã tudo certo..." Garantiu que "não transo mais fumo não", mas, como sempre, estavam desconfiados que era assistente social do Educandário 25 de Novembro, que abrigava menores até março/80, quando foi parcialmente destruído por um incêndio criminoso segundo o laudo pericial, podia estar ocultando informações.

Um deles, LS, 16 anos, branco, morador do bairro do Saco dos Limões "com minha mãe que lava prã fora e mais quatro irmãos tudo menor... meu pai, agora trabalha pra Limoense (Empresa de Transportes Coletivos) e eu me viro no estacionamento do Mercado (Mercado Público)".

Um outro, PDP, 17 anos, mora atualmente no Continente no Bairro da Procasa em Barreiros, município de São José. O pai é motorista profissional e funcionário de uma Secretaria de Estado "ele sempre tã no interior, dirige aquele Furgão com material de escola, às vezes fica fora doze dias, vinte dias, volta, fica três, vai de novo. Minha mãe, não trabalha fora e tenho um irmão menor e uma irmãzinha temporona de dois anos, manhosa e chorona..." Às vezes, por meses trabalha como cobrador de ônibus.

O terceiro mora no bairro de Capoeiras, "ali no Morro do Geraldo, perto da Brahma. Meu pai agora não faz nada, aposentou pelo Correio, não quis entrã prã Empresa, porque ele era funcionário e não quis CLT, tã entendendo..." Diz que sua mãe, "recebe pomba-gira, preto velho, e vai sempre pro terrero quarta e sexta. Nos outros dias ela atende em casa, brigam muito, já fugi umas dez vezes, me levaram pro Centro de Triagem (de monores, mantido com a finalidade de encaminhamento posterior à FUCABEM ou outro órgão do gênero) meu pai me entregou e disse que não dava conta de mim, daí eu melhora, volto prã casa e começa o bo-de..."

RJ já nasceu em Florianópolis, mas a família é originária do Rio de Janeiro. Tem 15 anos, mas apresenta um físico bem menor, numa família numerosa. Tem um tio por parte de mãe, conhecido homossexual assumido na cidade, que todos os anos desfila numa determinada sociedade carnavalesca e participa sempre, há anos, de desfiles de fantasias de luxo em clubes locais e de fora. Nesse ano, em protesto, sô participou como convidado de honra, por julgar que "esse desfile não é mais catarina, tã tão infestado de paulista, carioca, paranaense, que não participo mais, eu gastando horrores, pagando tudo sozinho, não quero mais saber..." Ele mesmo confeccionava e edealizava sua fantasia, "o prêmio não paga nem os paetê..." RJ não trabalha no momento, mas já "me virei na praça com amendoim, sorvete na praia".

O quarto entrevistado, JM, 16 anos também, é o que mora

mais próximo do centro, no bairro José Mendes, "logo prá lá da Prainha". Seu pai trabalha na C.C. e "faz entrega de bebida e quê me levá prá lá quando eu tivê dezessete, não sei se aceitam menor lá..." Tem mais duas irmãs, uma mais velha e noiva e uma "irmãzinha boba (excepcional) de doze ou onze, não sei bem, ela é tão miúda..." Diz que está matriculada na escola mas não gosta "porque não tem nada a vê aquelas teórica toda, mato aula, vô pro centro, fico lá até umas dez horas, pouco mais, pego carona, ônibus, volto, tâ..."

O último entrevistado, o mais novo de todos, 14 anos, ANG, mora no bairro da Agrônômica, "perto do Palácio (Palácio Residencial do Governador do Estado), meu pai é funcionário e minha mãe também, vô prá escola porque eles me enchem o saco todo dia, não sô fanático, pelo menos posso saí de casa de tarde, volto lá pelas oito, nove horas da noite, digo que fui estudã, às vezes vou mesmo e tal... Sô tenho mais uma irmã de onze..."

Os adolescentes entrevistados a princípio declararam todas as categorias de *bichas*, *veados*, uma vez que eles não se consideram nem homossexuais e nem prostitutas, mas sim, homens, com partilhando dessa maneira o rotulamento largamente empregado pela sociedade ampla, justificando sua posição dessa maneira: "Sei que eles são bichas, mas eu não, porque nunca sou mulher, sô deu no cara. Faço onde ele quiser, no cū, na cara, tâ? Mas não deixo ele fazê isso prá mim, faço nele o que faço numa puta, eu sempre o homem, nê?...". disse LS, dezesseis anos, e "... desde que comecei nisso, sempre a mesma coisa, mas não é tudo assim, olha, tem um colega, como o RJ, que faz qualquer coisa, ele aprendeu muita sacanagem no Abrigo, viu, faz qualquer negócio, o cara paga, pronto...", e RJ se justifica: "... não acho errado, não, porque lá no Abrigo vi os guri de oito, nove anos fazendo isso também e não virã menina, vi os cara da ala dos 14-16 anos fazê isso, minha ala era dos oito anos, quando fui prá lá na primeira vez e o monitor (é o funcionário da FUCABEM, que trabalha, ora de noite, ora de dia, num sistema de rodízio. São pessoas do sexo masculino, adultas, comprovadamente não homossexuais, que tem o poder de polícia sobre os meninos, inclusive prendê-los quando estes se evadem ou são encontrados fora do Educandário no horário fixado), faz de conta que não vê..." e continua, "... no ba-

nheiro, viu, ou um passa prã cama do outro, o monitor cochila e eu vi um monte de vezes passã a mão nos pequeno, assim, na cabeça, consolando o garotinho porque tinha mijado na cama, diz que é carência e essa baboseira toda..."

Sua iniciação, garante, que se deu lã no Educancário 25 de Novembro, mais conhecido por Abrigo (Abrigo de Menores). "...tinha feito brincadeira com os menino da minha rua, meus irmãos, mais sô assim sujeira de pegã um no pau do outro, medi, mijã longe, em arco, manipulã (masturbação) essa coisa que guri pequeno faz, atê um botã na bunda do outro, mas como lã no Abrigo não, a chupação, na goela, na cara assim, nas mãos, enfiã dedo, no cū e tudo e um do outro, isso não... os maior sempre faz, força os pequeno, viu, e você não pode cagüeta os cara porque eles malham vo cê, diz que você fez isso, puxou fumo, roubou, te fode a vida. Vo cê tem que agüentã e acaba entrando na roda. Eu atê que gostei. Hoje faço tudo, vi eles fazendo, não acho errado, não. Agora, tem uns que vira bicha mesmo e sô quẽ sabẽ de dã, dã o tempo todo, dã atê pro R (um monitor), recebe favores..." uma clara alusão de buscar vantagens pessoais.

Jã PDP, 17 anos, "... sô trepo, não sou puta como os travestis", mas não descarta a possibilidade de vir a alterar os papéis ou desempenhar outros, por vislumbrar nessa atitude uma possibilidade de ganhar mais dinheiro. "... parece que dã mais, nê, porque GHT e o LS mora na Procasa mas tem carro e tudo... acho que dã grana, sim... Não sei o que vou fazê, não quero ser policial, como meu pai insiste, nem quero ser soldado, botã farda, ser macaco não quero não. Não sei ainda, ano que vem vou servir (prestar serviço militar), pode que eles me dispensa, não sei, não, não tō preocupado, mais ser bicha dã dinheiro sim, ter carro é bom..."

Outro que vê esse tipo de atividade, considerada marginal, é JM que ocasionalmente se engaja no mercado informal "...prã dizê que tō trabalhando, ... dou um dinheiro prã minha mãe, ela pensa que sempre tō trabalhando no estacionamento ou vendendo coisa na Praça..." e diz que foi iniciado nesse tipo de atividade "lã no grupo (Grupo Escolar), na escola, viu, os maior ensinando os pequeno no banheiro, no matinho, depois da aula..." e a recompensa se dava na forma de bugigangas como "... cigarro, bola, a

metralhadora do Falcon, a coca do lanche do outro dia, coisa pequena..." Ninguém tinha dinheiro, sō pro ônibus, passe ou a mesa da do cinema, sō... Eu tinha sete prã oito anos e jã aprendi as safadeza, mas gostava sim, era brincadeira de guri, nē, fui fazendo com os maior, mas quando eu dava, pedia sempre alguma coisa, pedia adiantado porque era capaz de não dã o que a gente acertou, pedia antes... como agora... Mas sempre elas (as bichas) não dão e atē trapaça você... Diz que não fez bem que não gostou, vem com conversa mole, mas a gente se cobra dela mais tarde, viu..."

Finalmente, para ANG, 14 anos e que não trabalha, ē mulato, cujos pais "trabalham fora", não especificando a profissão deles, dizendo que "funcionário ē funcionário, tudo igual, não importa onde trabalham" e elucida a fantasia sexual que os brancos têm em relação a negros, "... acha diferente, bom de rabo" (a expressão *rabo* ē usada em dois sentidos: para designar pênis e também se referir a ânus), como na frase "não dã nem rabo de graça", conforme VLSP, o travesti, não tenho problema e depois, não sō preto, nē, sou moreno, ē diferente..." e eu o classificaria de mulato. Aparenta mais idade do que quatorze anos, ē muito alto, apesar da pouca idade. Como os pais estão regularmente em casa, ã noite, "... sō não quarta e sexta... eles ensinam desenvolvimento lã no terreiro, ãs vezes segunda também..." e mantêm um controle maior sobre os filhos, ANG sai regularmente todas as tardes, mas retorna por volta de vinte ou vinte e uma horas e com freqüencia vai a apartamentos de estudantes "...aqui perto do estãdio (Estãdio do Avaí Futebol Clube), com centenas de apartamentos construídos pelo sistema financeiro do BNH, me dão uma graninha, cinqüenta, sessenta cruzeiros, ãs vezes mais..." e vai ao cinema, "... alĩ a gente encontra muitos, nos pulgueiros"... e também nas áreas de estacionamento pūblico e privado como garagens. "... lã no Aterro (da Baía Sul) e no CECOMTUR (ao lado do cinema Ritz), na Praça XV, Pereira Oliveira, ali no Floph (Hotel de primeira categoria) na Felipe Schmidt e pelo centro... no mijador (mictório pūblico)..."

CAPÍTULO III

A INTERAÇÃO ENTRE OS MENORES E SEUS CLIENTES.

No primeiro capítulo, caracterizei entre outros, o mercado de trabalho e mostrei que uma quantidade considerável de pessoas está engajada no mercado informal de trabalho. No segundo, caracterizei o mundo homossexual adulto e evidenciei a existência de grupos de menores que temporariamente se engajam nesse mercado informal, mas usam também outros expedientes para angariar dinheiro, entre eles, atividades diversificadas que são consideradas delinqüências, como pequenos atentados contra o patrimônio público e atividades sexuais ilícitas, como a delinqüência sexual.

Reiss Júnior (in Becker, *The other side*) mostrou que a delinqüência sexual é uma das formas de comportamento desviante na sociedade norte-americana, por fugir das prescrições normativas de comportamento sexual e entre eles citou, relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, como a pederastia (coito anal) e a felação (uma forma de pederastia), envolvendo menores de vários tipos (*street hustlers*, *bar hustlers*, *call boys*) e que exigem uma forma de remuneração para desenvolver atividades sexuais com adultos de várias categorias, relações essas que são estritamente reguladas em todas as fases da relação. Por delinqüentes deve-se entender que são aquelas pessoas que foram caracterizadas como tais, foram acusadas disso pela sociedade ampla e portanto, classificadas assim. Essas acusações se originam de atitudes e comportamentos que a priori foram estabelecidas como constituindo desvio da norma prescrita e as pessoas acusadas quando apanhadas em tais infrações são imputadas como incorrendo em desvio.

Assim, determinados comportamentos sexuais públicos dos menores de relacionarem-se sexualmente com parceiros adultos do mesmo sexo, e exigir uma forma de recompensa, constitui uma das muitas acusações de desvio para esses menores, uma vez que esse tipo de atividade é apenas uma das inúmeras opções e variantes para ganhar mais dinheiro dentre outras possibilidades também tidas como delinqüenciais, como furtos, roubos, revenda de material conseguido por meios ilícitos, pequenos contrabandos, tóxi-

cos e venda de informações.

Um dos objetivos do meu trabalho é o de mostrar as interações e as atividades sexuais de grupos de menores com parceiros sexuais adultos, atividades essas que são remuneradas e onde a relação em si e os comportamentos são claramente definidos, prescritos e proscritos.

Reiss Júnior fez um estudo de grupos de delinquentes da sociedade norte-americana e descreveu as relações sexuais destes com parceiros adultos, relatando sua organização social. Considerou que essas transações são uma das formas de prostituição de jovens masculinos com parceiros masculinos adultos que agem como felatores.

As características dessa relação eram no sentido de que, um homem adulto, que se constitui no cliente, paga, remunera um menino delinquente prostituto com o objetivo de que este lhe permita agir como felator. A transação, no seu estudo, era limitada à felação e o menino não desenvolvia nenhuma autoconcepção como uma pessoa homossexual ou desviante sexual, embora visse o cliente masculino adulto como um desviante sexual.

No meu estudo, algumas das características evidenciadas por Reiss Júnior se atualizam numa maneira semelhante em Florianópolis e outras, de modo totalmente diferente, como mostrarei no decorrer do capítulo.

Durante o trabalho de campo, pude detectar e identificar vários grupos de adolescentes e jovens que, dependendo da situação, podiam atuar com maior ou menor consciência de grupo.

Os adolescentes e jovens que foram entrevistados e que forneceram o material para a análise, estavam ou não engajados no mercado informal de trabalho. A maioria deles eu encontrei e localizei em lugares públicos ou semipúblicos, principalmente nos estacionamentos públicos ou particulares, nas praças, nos arredores do terminal urbano, nos inúmeros bares e cinemas de segunda ou terceira categorias. Alguns menores eu pude identificar como formando ou pertencendo a grupos mais ou menos organizados e trabalhavam no momento da pesquisa num dos estacionamentos públicos, adjacente à Praça XV e ao mictório público, ao pé dela.

A detecção de grupos se deu muito mais em função das outras atividades dos menores, como a orientação dos motoristas pa

ra as vagas no estacionamento, as ofertas e a negociação da lavação, limpeza e enceramento dos carros, os pedidos para "tomar conta" e as outras formalidades burocráticas que normalmente envolvem esses locais de estacionamento.

As atividades num destes estacionamentos envolviam também a organização e a orientação dos trabalhos em grupos, geralmente de dez menores chefiados por um deles, ao qual cabiam as tarefas da distribuição dos garotos nos "pontos" da área, a anotação de entrada e saída dos veículos, os horários, a entrega dos tickets e outros trabalhos pertinentes. Como se tratava de um estacionamento dirigido pela Prefeitura Municipal, os menores que chefiavam esses grupos eram tidos como uma espécie de monitores, aos quais cabiam também a elaboração de relatórios de ocorrências e o desempenho dos menores. Geralmente a escolha do fiscal-monitor recaía num menor considerado mais responsável, que tinha demonstrado uma certa liderança no período de treinamento e o que tinha menos ou nenhuma passagem nos registros policiais.

É evidente que essa liderança imposta gerava conflitos patentes e pedidos de transferência entre esses vários grupos. O que pude notar muito mais e o que ficou claro, as trocas e a passagem para um outro grupo, eram muito mais no sentido de se organizarem para "atividades paralelas", como as sexuais, do que incompatibilidades com o fiscal-monitor.

Esses "outros trabalhos" podiam ser entendidos desde atividades sexuais remuneradas, pequenos furtos contra o patrimônio público, venda ou repassagem de objetos e mercadorias roubadas, comércio de tóxicos, venda de informações, execução a pedido de pequenas vinganças, denúncias e "cagüetação" ou "entregar alguém".

De um modo ou outro, os distintos grupos operavam com um outro tipo de atos considerados delinquentes e passíveis de punição. O que pude detectar e observar no trabalho de campo e pelas informações dadas pelos próprios grupos diferentes, apesar de aparentes e reais hostilidades em maior ou menor intensidade, não são pelo fato de todos serem menores, estavam engajados no mercado informal de trabalho e portanto sujeitos a oscilações e instabilidades, estarem envolvidos em atos delinquentes e por isso todos sujeitos a um controle e observação policial, mas pelo fato também de todos "terem culpa no cartório", pude obser-

var que uma certa consciência e comportamento grupal existia realmente. Essa consciência de grupo e um sentimento de solidariedade, cooperação e certa amizade podia ser percebida não só em situações de conflito e confronto real com os meios de repressão sociais, mas também pelo próprio tipo de informações que um grupo, ou mesmo elementos do próprio davam sobre seus companheiros de trabalho no estacionamento ou na atividade delinqüencial.

De acordo com os interesses mutantes de membros de um grupo, podia ocorrer uma modificação na composição deste ou até a pressão do próprio grupo ao qual se pertencia, no sentido de integração em outro. Um exemplo que ocorreu por ocasião do trabalho de campo: um determinado grupo com o qual eu trabalhava, estava integrado por menores que entre outros trabalhos, mantinham também atividades sexuais com parceiros adultos. Um dos menores que foi meu informante, RJ, conforme ele mesmo me colocou, "estava fazendo qualquer coisa" com o parceiro adulto. Este "qualquer coisa" foi entendido pelos outros componentes, como estando aceitando e desempenhando qualquer papel sexual na relação. Para outros integrantes do seu grupo, este comportamento estava em flagrante desacordo com o que o grupo inicialmente havia estabelecido, isto é, "fazê só o papel de homem" e exigir remuneração mais ou menos fixa, na época (maio 1980) sempre por volta de pelo menos trezentos cruzeiros.

Através do tipo de cliente que vinham procurar RJ, os outros companheiros estenderam a investigação no meio adulto dos clientes e estavam exigindo que, ou RJ voltasse ao papel previamente acordado ou se exigiria a saída dele do grupo e a passagem para outro que tolerava "qualquer coisa". Até o final do trabalho de campo, no início de julho do mesmo ano, o processo de passagem para outro grupo já estava consolidado e RJ me garantiu que pretendia fazer carreira.

As alegações do seu primeiro grupo eram no sentido de que ele "estava embichando os outros", isto é, não só dando características homossexuais ao grupo, confundindo-o com outros, mas também no sentido de conspurcar os membros, pois o termo *embichar* era usado igualmente no sentido de apodrecer, colocar bichos (vermes que causam bicheiras nos animais). Para o grupo manter a integridade dos papéis e dos comportamentos dos seus mem-

bro, era fundamental para a consciência do mesmo e a reputação junto ao mercado consumidor dos adultos e a confrontação com outros grupos de menores que eram constituídos "de bichas, viados".

A composição dos grupos não significava um consenso quanto às atividades sexuais dos membros. Era muito mais no sentido de tolerância "e não caguetá" junto aos órgãos de repressão, o tratamento dispensado um ao outro no interior do grupo, o respeito e a cooperação de um pelas atividades diferenciadas do outro. Um comportamento que constituía ofensa capital, culminando com a expulsão do grupo, era por exemplo um membro chamar, difamar o outro de *bícha*, quando em discussão ou qualquer desentendimento.

A consciência de grupos podia ser percebida pelo sistema de informações entre os membros do próprio grupo, intra-grupo, e as técnicas de aprendizado entre os mesmos. Qualquer informação que pudesse ser útil para um membro do grupo, sobre clientes, "muamba", informação policial, cliente novo, a descoberta de um novo local de paquera, qualquer recado de interesse de um deles, informações acerca do endereço do cliente, ou local de trabalho, se dispõe ou não de carro, casa de praia, situação sócio-econômica, o tipo de trabalho ou emprego do cliente, o comportamento e as atividades do mesmo durante a transação sexual, a pontualidade e a observância quanto à negociação inicial, os locais de frequência do freguês, o sistema de comunicação por ele usado na fase de negociação, e finalmente o tipo de cliente que ele era, isto é, a categoria de homossexual do mesmo, o estado civil da pessoa, se era heterossexual ou não, eram informações consideradas de utilidade fundamental para os menores.

"Não ser passado prá trás" é uma questão de honra para os menores e por isso, todas as informações adicionais que podem ser obtidas acerca do cliente, podem servir numa determinada ocasião "nem que seja prá gente se desforrá dele".

A atividade sexual em si pode ser aperfeiçoada dentro do próprio grupo, mas segundo depoimentos dos menores "quase não precisa porque todo mundo já fez safadeza de guri pequeno". Por exemplo, RJ foi iniciado com oito anos no Abrigo de Menores, quando foi enviado para esse estabelecimento pela primeira vez. RJ diz que "já tinha feito brincadeira com os menino da minha rua, meus irmãos, mas sô assim sujeira de pegã um no pau do outro, me

di, mijã longe em arco, manipulã (masturbação) essas coisa, que guri pequeno faz, até um botã na bunda do outro, mas como lâ no abrigo não, a chupação, na goela, na cara assim, nas mãos, enfiã dedo no cu e tudo, e um do outro, isso não... os maior sempre faz, força os pequeno viu, e você não pode caguetã os cara porque eles malham você... eu até que gostei... hoje faço tudo, vi eles fazendo, não acho errado não..."

PDP, de 17 anos diz que foi iniciado "lã no grupo, na escola viu, os maior ensinando os pequeno no banheiro, no matinho, depois da aula... eu tinha sete prã oito anos e já aprendi as safadezas, mas gostava sim, era brincadeira de guri, nê, fui fazendo com os maior, mas quando eu dava, pedia sempre alguma coisa.."

Uma situação que fica bem clara para os menores é quanto aos papéis que os membros do grupo podem desempenhar numa relação com parceiros adultos. Sob pena de desligamento do grupo, fica estabelecido desde o início que a relação sô se limita a uma atividade sexual oral-genital na qual fica estabelecido que o menor sô desempenharã "o papel do homem", isto é, o papel de insertor. Caso se evidencia que um membro está permitindo comportamentos não convencionados, e adotando outros papéis numa relação, os outros membros do grupo o pressionam até sua saída do mesmo, e pode ser aceita sua entrada em outro grupo, onde tais comportamentos diferenciados são tolerados.

Para os membros de um grupo, está bem explícita a situação quando estão "aprendendo" dentro do grupo e quando estão atuando fora dele, com seus clientes. Um comportamento que é permitido aos membros do grupo é o de se relacionarem sexualmente com outros membros de grupos "que têm bichas" numa situação de aprendizado. Nessas ocasiões, a diferenciação de papéis é tolerada, mesmo para um menor que "sô faz papel de macho, mas é sô prã sa bê..."

Dois menores entrevistados me confidenciaram que foram iniciados por "mulheres da zona que tinham saído da Vila Palmira e andavam lâ pelo Pantanal". Reconheceram uma diferenciação no comportamento sexual com homens "porque prã eles você não pode mostrã que tã gostando, porque já vão virar o barco e querer fazer coisa..."

Pertencer a um grupo significa acatar e observar as re-

gras de comportamentos sancionadas e reguladas por este. Assim, aprender as normas de comportamento sexual para com cliente adulto implica "atuar em grupo" no sentido de relatar todas as ocorrências havidas numa relação, especialmente quando um menor está sendo iniciado na atividade sexual remunerada. Esse comportamento de controle e cobrança da atividade e da atuação do novo colega pode diminuir à medida que o grupo como um todo percebe "que tá correndo tudo certo" e que nenhum reajuste precisa ser efetuado.

No entanto, segundo os depoimentos dos meus informantes, sempre existe um certo controle sobre a atuação do grupo, na medida em que são confidenciados rapidamente os encontros hávidos, por exemplo na noite ou no dia anterior. Ocultar informações sobre o cliente pode ser considerado uma atitude de traição e dependendo da situação ou da gravidade da ocorrência, pode culminar com o desligamento do membro do grupo e "fazer a caveira dele" junto aos outros grupos. Uma atitude que o grupo pode considerar traidora é no sentido inclusive de o menor cobrar uma importância inferior a que foi estipulada pelo grupo. Por ocasião da pesquisa foi-me relatado que estava se processando o desligamento de um menor de dezesseis anos, "já macaco velho na profissão", que estava aceitando uma negociação sexual por um terço da quantia estipulada. A tentativa de não disrupcionar o grupo vai ao ponto de se fazer uma longa investigação sobre o menor acusado de tal prática. Essa investigação, caso positiva, de acordo com as denúncias, é sumária quanto ao seu desligamento "porquê é uma questão de moral... você não pode se vendê barato... dá um revertério na praça e todo mundo abusa e te explora..." O controle sobre o menor infrator quanto às regras do grupo, não cessa com a sua expulsão do grupo originário. Como os outros companheiros "fazem a caveira dele", é muito difícil sua aceitação em outro, pelos novos perigos que a pessoa representa para todos os outros grupos, pois "quem apronta uma faz duas". Não raro, a questão se torna tão crítica que o menor "é obrigado a virar bicha se quê ganhã um dinheirinho e fazer qualquer coisa, se quisê continuã no ramo", numa alusão clara de mudança nos papéis sexuais e a sujeição e manipulação dos clientes. Ocasionalmente, os menores podem atuar também em grupo no sentido de serem convidados

"para uma festinha" e aqui esta alusão deve ser entendida como sexo grupal ou *suruba*, termo largamente empregado também significando grandes problemas, implicações com a polícia ou uma confusão ou situação muito desagradável. Às vezes, dependendo do caráter e do lugar da festa, esta realmente pode se resumir mais na ingestão de muita bebida, possivelmente consumo de tóxicos, danças e comida. Tanto os menores quanto alguns clientes adultos homossexuais foram muito superficiais quanto a esse assunto, dizendo que é apenas ocasional devido aos riscos naturais que envolve um encontro dessa natureza e ter que ser num local muito protegido, distante da vigilância policial como numa casa de praia muito afastada e isolada.

Como já coloquei anteriormente, as regras que governam a conduta e a convivência do menor no grupo são basicamente a observância dessas regras, a permanente informação e demonstrações de solidariedade para com todos os membros do grupo na medida do possível, a convivência tolerável para com os outros grupos diferenciados, a ajuda mútua dos membros do grupo, inclusive quanto a questões de dinheiro, como pequenos empréstimos temporários, a convivência amistosa fora do grupo, em outros locais, como por exemplo, no meretrício, na praia e outros locais públicos ou não.

Contudo, não é absolutamente necessário que o menor tenha atividade sexual remunerada para permanecer no grupo. O que se exige dele, é que seja solidário, tolerante e de absoluta confiança quanto às atividades sexuais ou não dos membros do grupo como um todo.

Um grupo com o qual eu trabalhei e ao qual RJ inicialmente pertencia, era composto de oito menores, inclusive o fiscal-monitor. Destes, só quatro exerciam atividades sexuais remuneradas. Dois deles trabalhavam com a revenda de objetos usados furtados de outros carros fora do estacionamento, como discos, gravadores, sapatos, tênis, e roupa em geral, esta também "tomada em conta dos clientes" que por um motivo ou outro não pagaram a negociação sexual em espécie. Um dos garotos era especializado em "isqueiros e calotas de carros" e o último do grupo, em revender uísque "levado em conta" do cliente que, segundo o depoimento de outro companheiro "tomado à força dele".

Aparentemente a convivência amistosa fora das atividades

do grupo, num certo sentido ajuda a manter a coesão, a fidelidade, a confiança mútua entre os integrantes do mesmo. Assim, compartilhar experiências heterossexuais e um certo incentivo para manter uma namorada mais ou menos firme, ou pelo menos trocar com freqüência ou freqüentar o meretrício juntos, auxiliam no desenvolvimento e na manutenção de uma autoconcepção de normalidade e enfatizam a negativa de se verem quer como prostitutas, quer como qualquer categoria de homossexuais.

Ver a atividade sexual, mesmo remunerada, apenas como uma forma de atividade transitória e substitutiva, tanto espacial quanto temporalmente, ou uma parte de um versátil padrão de atividade delinqüencial para ganhar dinheiro, mas cujas normas de comportamento são reguladas por um grupo ao qual pertencem, parece protegê-los e reforçar a idéia que têm de si mesmos como sendo de "homens que fazem qualquer coisa para ganhar dinheiro".

Assim, quando entrevistados, frisaram muito mais suas atividades heterossexuais e os comportamentos fora do grupo, do que propriamente dentro dele e suas atividades sexuais remuneradas.

A existência de um fiscal-monitor, dependendo do grupo, não significa necessariamente qualquer autoridade ou qualquer tipo de controle que possa exercer sobre os membros do grupo "fora do trabalho normal". Trabalho normal é conceituado como sendo aquele exigido quanto ao estacionamento propriamente dito. Sobre esta parte, o fiscal tem um certo poder e controle, na medida em que ele faz relatos limitados, tipo estatísticos, sobre o estacionamento, devido ao controle formal e financeiro do mesmo, já que é administrado pela Prefeitura Municipal.

Contudo, como todos os componentes têm um ou outro tipo de atividade considerada delinqüencial, a coesão, união, solidariedade e acobertamento dessas atividades, se faz necessário para a sobrevivência, a integridade do grupo como tal.

Mesmo em casos de flagrantes policiais, os menores são obrigados a se identificar e fazer referências ao seu "trabalho legal" e o monitor sempre é chamado, pois teoricamente ele é o responsável pelo grupo. Nessas ocasiões, segundo as entrevistas, o monitor negará veementemente qualquer acusação de "atividade paralela" de todos os outros grupos inclusive porque "ele sabe

que se abrir o bico ele tá liquidado... e a gente pode ir pro Abrigo ou em cana, mas os colegas ficam sabendo e ele tá ralado..". Além disso, o controle das autoridades policiais não é tão severo sobre esses grupos de menores que trabalham em atividades tais como as dos estacionamentos públicos com uma supervisão de um outro órgão tal como a Prefeitura, pois teoricamente "eles têm serviço, tão trabalhando" de acordo com o parecer de um policial entrevistado.

É evidente que nem sempre a convivência intragrupos é pacífica, mas os desentendimentos são resolvidos fora dos locais de trabalho "e longe do barulho" (da polícia) para não incriminar "pessoas que não têm nada a ver".

Quanto aos seus clientes, valem-se da condição de menores, mas dificilmente denunciam-nos, pois a dependência econômica, e muito mais a preocupação com a proteção das identidades, é primordial.

Ao contrário de Reiss Júnior, a transação sexual não se limita à felação oral-genital e nenhuma outra prática sexual é normalmente tolerada. Os clientes são geralmente homens adultos que pagam os menores com o objetivo de que estes venham a desenvolver uma relação sexual com eles. Normalmente os menores agem, desenvolvem aqueles papéis que culturalmente foram estabelecidos e convencionados que pertencessem aos homens. Nem os menores e nenhuma categoria de adultos gostam de empregar os termos ativo/passivo para designar e identificar os papéis e os comportamentos que são adotados para os personagens envolvidos numa relação sexual. Usam-no com muita reserva e no dizer de um cliente, "...olha, esses termos são muito precários e não dá a idéia exata de quem faz o que, entendeu,... não existe nenhum relacionamento onde posso dizer que eu sou ativo e o coleguinha é o passivo, a mulher, comparativamente, quer dizer, numa relação homem/mulher... porque culturalmente, se rebaixou a mulher a uma passividade, dependência... tem gente que considera mulher igual a uma puta se ela tomar qualquer iniciativa..." e, no dizer de ZK, "... existe coisa mais ativa do que uma relação?... mesmo que eu costume fazer o papel de mulher, porque eu sou mulher, né, olha tenho bustinho, meu rosto, voz, os gestos, a minha roupa... eu sou todinha mulher e a minha cabeça é de mulher também, então eu sou a mu-

lher na cama nê, mas não me considero passiva não e acho que nenhuma outra mulher é,... isso é deficiente dizer passivo/ativo, mas como não tem outro termo tão curto, total, para dizer quem faz o que, então a gente continua usando esses nomes viu...?"

De acordo então com esses dispositivos culturais, os meninos em questão seguem o modelo internalizado e reproduzem totalmente essa ideologia e alguns chegam a ter consciência de que esses dispositivos que regulam a posição que as pessoas devem adotar (posições físicas inclusive) num relacionamento sexual, faz parte de um modelo mais amplo e que deve ser observado para resguardar, perpetuar o sistema de dominação masculino e onde a mulher "... tem que obedecer ao seu homem, porque é ele que deve mandar... até nos casamentos o padre diz isso, não diz, então eu acho que tã certo, quem tã por cima é que manda, que resolve quando a coisa deve começar e quando termina tudo, assim, o cara é que tem que decidi quando tem que ser e como nê,... porque se você facilita, elas trepam" (em dois sentidos - adotar uma posição corporal, por cima do homem, num relacionamento homem/mulher, e *trepam* no outro sentido, quer dizer, tomam todas as decisões domésticas, assumem a chefia da casa, e tomam as decisões por si - 'vestem as calças' no dito popular).

De acordo então com a cultura e os valores no campo também do sexual, desenvolver e incorporar esses valores *machistas*, para os garotos é fundamental, na medida que estão reproduzindo essa cultura e em parte porque esses menores vêm todos de meios sociais de baixa renda (abaixo de três salários mínimos regionais) e manter a imagem e a idéia de *homem*, especialmente para os garotos que vivem de atividades sexuais remuneradas, é fundamental para preservar, enfatizar o conceito de que esse tipo de prática, é apenas uma atividade passageira, e uma das muitas opções para auferir ganhos adicionais.

O menor então, não desenvolve nenhuma autoconcepção de uma pessoa homossexual ou mesmo desviante sexual, porque para ele, uma vez que se limita a desenvolver o papel de *homem* (insertor), não atinge em absoluto a sua reputação e seu status de homem. Contudo, ele pode ver o seu parceiro sexual, não importa a qual categoria pertença, como um desviante sexual, "...porque a bicha é ele... são todos viados... um cara que faz o que uma puta, as-

sim, uma garota faz na transação, olha isso não tá legal, o cara se virando, dando uma de fêmea, isso pra mim é bicha mesmo, ... mesmo se não tiver maneirismo nenhum, assim ser afetado, virando as mãozinha tropeçando na língua, assim, falando fininho, olha, pra mim, é tudo viado..." Como ANG colocou, apesar dele estar pensando em fazer carreira "...porque dá dinheiro..." mas não pretende ser "...uma bicha não, ... só quero fazer aquilo que um homem deve fazer, se ele é macho mesmo...". Contudo ANG, em outras colocações cai em contradições, porque está se relacionando intensamente com um menino de um grupo "...de bichinhas... mas é só por brincadeira, assim pra fazer uma farrinha e podê esvaziar o saco com gosto...". Solicitado a explicitar esse "com gosto", admitiu que com RJ - com quem ele mais se relaciona do grupo de "bichinhas" - , pode "fazer outras coisas com ele, porque isso é só uma brincadeira, ... mas cada um pode dizê sem medo se gostou... e você então pode até mostrá o gozo viu...".

Os menores e seus parceiros sexuais adultos se encontram facilmente porque tanto um quanto o outro conhecem como e onde se encontrar, dentro daqueles espaços comunitários que eu já indiquei no capítulo anterior. Como já mostrei, a maioria dos locais são no centro da cidade. Os pontos, os locais de encontro e paquera são conhecidos por todos os menores, mas numa área relativamente pequena, territorialmente determinada, como a Praça XV, a área do Mercado Público e Terminal Urbano, as ruas imediatamente adjacentes à Praça principal, determinados bares, cinemas e restaurantes, todos no centro da cidade.

Os menores e seus parceiros sexuais adultos estabelecem tipicamente contatos em locais públicos ou semi-públicos, como a já mencionada praça, os estacionamentos públicos e privados, o mictório público próximo à Praça XV, esquinas de determinadas ruas que desembocam nessa praça, hotéis e cinemas de segunda e terceira categorias e um sem número de outros locais, dependendo do horário, dos dias da semana, da estação, das condições atmosféricas do tempo, do tipo de parceiros e de garotos.

Tanto os clientes quanto os menores sabem exatamente o local onde se encontram determinadas categorias de homossexuais por exemplo, quais áreas da cidade são zonas quase de domínio territorial de um ou outro grupo. Dificilmente por exemplo, os me-

nores frequentam a área do Mercado Público e trechos de ruas exatamente adjacentes a ele, porque sabem que essa área é de domínio dos travestis e das prostitutas e que aí encontrarão clientes que não são de interesse imediato deles, menores.

Além do mais sabem que os travestis podem se tornar violentos e "expulsar os intrusos do território" e como é uma zona intensamente patrulhada pela polícia devido não sã às brigas constantes entre as prostitutas e os travestis, mas por ser também um dos caminhos obrigatórios para quem se desloca do centro às pontes e continente e o deslocamento em sentido contrário.

Os clientes adultos não conhecem sã todos os locais possíveis para encontrar os menores, como dominam também um extenso e complexo itinerário de códigos de comunicação particular e as regras que prescrevem não sã as relações entre si, como as regras que dispõem sobre a maneira de fazer o contato e a negociação inicial da transação sexual.

Os adultos então, não conhecem sã todos os locais onde encontram os menores, mas eles têm também, a exemplo dos adolescentes e jovens, um sistema de informações acerca das alternativas de comportamentos para com eles. Isto inclui informações acerca das práticas de cada grupo, e na medida do possível, sobre cada um desses menores que se relacionam sexualmente com adultos com o objetivo de ganhar dinheiro; inclui ainda informações sobre as ligações que os grupos têm entre si mesmos, os tipos de atos considerados delinqüenciais pelo sistema repressor, o grau de conhecimento e ligações que os menores têm fora dos seus respectivos grupos e afinal os cuidados e precauções que os adultos devem ter para com eles, não sã pelo fato destes terem a seu favor sua condição de menores, mas pelo fato também da proscricção desse tipo de atividade sexual e pelo interesse que ambas as partes têm obviamente na proteção da identidade pessoal e da própria atuação.

Passar informações e mantê-las atualizadas entre os clientes, às vezes pode ter uma importância vital. Através de uma rede de relações e de informações bem atualizadas, os clientes não sã conseguem localizar com mais facilidade, especialmente os menores, mas também ficam informados e controlam inclusive os preços do mercado. Assim, um dos locais de informações é uma ruído-

sa casa de jogos eletrônicos defronte à Praça XV, ao lado de um hotel, ponto de táxi e limitando com o calçadão da rua Felipe Schmidt. Em outras casas semelhantes, os clientes e os menores me informaram que com frequência os próprios funcionários que trabalham nessas casas de diversões funcionam como informantes e "recadeiros".

Como teoricamente seriam locais insuspeitos, ambos os grupos deixam recados, nunca por escrito, dizendo que determinada pessoa apareceu no local, que lhe seja comunicado o recado da outra pessoa em questão.

Tive oportunidade várias vezes de presenciar tal sistema de informações que se dá de maneira sutil, mas precisa. Acompanhando determinada pessoa que se constituía num cliente heterossexual de menores, este perguntou por uma pessoa, se esta tinha passado no local nos últimos três dias e caso aparecesse, fosse-lhe dito que ele (cliente) havia regressado da viagem e que estaria no local nas duas noites seguintes. A pessoa que eu acompanhava recebeu informações de que RJ, N e LV haviam-no procurado e o funcionário cochichou-lhe algo no ouvido. Meu acompanhante informou-me mais tarde que iria encontrar LV num outro local e que o funcionário assim procedeu porque "você (eu) não é do meio e ele não pode se comprometer com estranhos que não conhecem do ofício..."

Uma das outras maneiras de proceder e dar informações é passar rapidamente por vários bares, verificar as pessoas que os estão frequentando no momento, sentar e tomar algo, de preferência numa mesa ou ao lado de alguém conhecido e se comunicar com a pessoa.

Um dos expedientes mais usados também é de pedir um cigarro ou perguntar pelas horas, em qualquer lugar ou situação. Muitos, se não a maioria dos clientes têm pelo menos um conhecimento mínimo das outras categorias ou fregueses heterossexuais, não só pelo fato de os menores darem informações sobre eles, como pelo fato de terem que frequentar determinados ambientes, locais, horários e participarem todos de um código de paquera e negociação sexual, código esse de conhecimento comum das pessoas que o usam. Muitos clientes adultos trabalham na mesma repartição pública, no mesmo edifício ou ramo de negócio e se conhecem por

outros motivos e interagem em outras atividades e locais da vida cotidiana.

Como já registrei no capítulo anterior quando caracterizei o mundo homossexual adulto de Florianópolis, algumas pessoas da mesma ou outra categoria moram inclusive juntos ou num mesmo edifício, como aquele tido por "balança" que eu já descrevi igualmente.

Dependendo ainda do status sócio-econômico da pessoa, ou pelo fato do indivíduo ter parentes em vários graus ocupando determinadas posições políticas ou sociais, sua conduta deve ser mantida sob controle para evitar situações de chantagem e até exploração política, casos aliás, que não são muito raros e que realmente ocorrem. Passar determinado tipo de informações requer às vezes cuidados especiais, notadamente por parte de certos clientes que são obrigados, por inúmeras razões já citadas, manter o anonimato, se bem que essa tentativa seja muito precária, imperfeita e falha, este então sempre será um anonimato bastante relativo (Gilberto Velho - A organização social do meio urbano, 1977).

No livro de Laud Humphreys (Tearoom Trade, 1970), onde ele mostra como os mictórios públicos nos Estados Unidos da América podem ser usados para práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, mas onde as relações, o contato, a duração, as próprias atitudes e comportamentos dos parceiros são estritamente impessoais, anônimas, silenciosas, no sentido de não haver praticamente nenhuma comunicação verbal (impersonal sex), mas apenas uma comunicação através de gestos, atitudes explícitas, como a exposição dos órgãos sexuais, notadamente apenas o pênis, a masturbação, olhares significativos de propostas, sinais evidentes de excitação e disponibilidade sexual, posso fazer imediatamente algumas distinções e mostrar que no meu objeto de pesquisa, tanto os menores quanto os adultos e toda a negociação até o desfecho final, são sensivelmente diferentes.

Em primeiro lugar, a negociação sexual e a paquera, são geralmente feitos em lugares públicos para depois a transação sexual se dar em outro local mais protegido ou privado. Em segundo lugar, de acordo com os depoimentos de ambas as partes (clientes e parceiros), toda a relação, envolvendo todas as fases da transação, normalmente leva de 50-60 minutos, dependendo do local pa

ra onde se dirigem e das relativas seguranças e garantias de não interrupção que este oferece.

Em terceiro plano posso citar o fato de que esses mictórios públicos que Humphreys pesquisou e está considerando, de acordo com a sua localização urbana, são locais altamente policiados e vigiados, com até sofisticados sistemas de informações e serviços de "deduração" e este pode ser um dos motivos porque a relação é extremamente limitada a algumas práticas apenas e deve ser desenvolvida num espaço de tempo ínfimo.

Em relação ao estudo que Reiss Júnior fez, já em bem outro tipo de local e objeto de pesquisa (o trabalho de Humphreys abrangia menores, adultos de toda sorte, homossexuais, bissexuais, heterossexuais, idosos, jovens e de todas as profissões e origens sociais possíveis), pois ele trabalhou com adolescentes e jovens de uma escola de recuperação de todo tipo de delinquência, com pessoas também do sexo masculino, tal como Humphreys. Os menores de Reiss Júnior se originavam das camadas baixas da sociedade americana e todos tinham praticado um ou outro tipo de ato considerado delinqüencial e que estavam em regime de internato numa escola do Estado. Reiss Júnior também estendeu a pesquisa dele a áreas de sexualidade entre essas camadas baixas e explorou as idéias de prazer e o uso do sexo como um meio de dominação e opressão, inferindo nas respostas que os menores davam sobre papéis sexuais, condução da relação, conceitos e preconceitos quanto à autosatisfação (uso da masturbação). Essas idéias ele também aplicou a outras classes sociais na comunidade que estudou.

Num certo sentido, aqui o trabalho de Reiss Júnior tem algumas aplicações ou pequenos pontos de convergência com o meu. Assim, por exemplo, desempenhar determinado papel numa relação sexual e exigir a observância estrita do que foi acertado inicialmente em relação à transação em si, tal como, manter neutralidade afetiva, não demonstrar afeto, fazer carinhos e tocar em partes do corpo previamente acordadas como intocáveis, beijar na boca, propor outras práticas sexuais ou troca de papéis, "... vir com viadagem por cima da gente...", são alguns itens que praticamente se coadunam nas duas pesquisas. Digo praticamente, porque no meu universo, esses dispositivos podem sofrer alterações com o decorrer do tempo, isto é, na medida em que um cliente se rela

ciona amiúde e de preferência com uma mesma pessoa, um menor no caso.

Como disse um menor, JM, "...olha, quando eu conheço um cara bastante tempo e sei que ele é legal, não é de safadeza, me paga o que quero e não é de trapaça,... então eu até que deixo ele fazer umas brincadeiras comigo, assim de me agradar mais, tocar em todo meu corpo, até me lambê de costas, eu fazê umas outras coisa pra ele,... mas não deixo ele me trepã não, amanhã já vai dizê, já vai querê viadagem comigo... se você dã o dedo, já querem teu cu também...".

É claro que as informações sobre a transação sexual em si, se referem mais ao tipo de garoto que o menor é, que tipos, que alternativas de comportamento sexual no que se refere às práticas sexuais, aos papéis que o menor desenvolve, o cliente pode esperar e exigir dele. Como já coloquei, pelo menos num dos esta^{ta}cionamentos públicos onde trabalhei em campo, existem diferentes grupos de menores, compostos mais ou menos homogêneamente quanto aos papéis sexuais que os seus membros desempenham. Em alguns grupos, os menores desempenham vários papéis, mas em outros unicamente o papel de homem, o de insertor, numa relação oral-genital. Conhecer, saber quais são exatamente os meninos e que tipos de papéis estes desempenham é muito importante para os clientes, desde a fase de paquera e de propostas preliminares até a condução final de toda a transação.

Negociar sexualmente com estes menores, por um lado, é barato, pelo fato deles dependerem parcialmente desse tipo de transação comercial como fonte alternativa para ganhar dinheiro e praticamente então, dependerem economicamente desse tipo de mercado, e por outro lado, sua condição de menores e de delinquentes de um ou outro tipo, coloca-os, tanto os clientes quanto os menores, numa situação de eterna expectativa e controle mútuos. É evidente que violências e violações contratuais sempre ocorrem e com mais frequência do que chega ao conhecimento público. Ambos os grupos de interessados, não importando que tipo de cliente, independente do estado civil ou de preferência sexual, todos têm motivos bem fundamentados para se protegerem e por paradoxal que pareça, proteger também a identidade e a situação dos menores.

Foram-me relatados vários casos de violências e viola-

ções da negociação e que levaram a uma atitude extrema dos garotos.

A atualidade, a passagem de informações e a manutenção de informações de intermediários até entre os dois grupos de interessados, é vital também no sentido de proteger a identidade pessoal, a identidade da situação em si, por motivos familiares, por exemplo, porque muitos clientes são casados, pais de família e precisam então duplamente proteger suas identidades.

Uma outra preocupação constante para os fregueses é também em relação com o seu trabalho e/ou profissão. Como a cidade é um centro político-administrativo, muitos cargos são de confiança e para os quais se exige determinada conduta social e profissional, e então, certos comportamentos e atitudes não podem ser do conhecimento público, pois comprometeriam a identidade moral da pessoa. Um dos casos, já relatei no capítulo precedente, motivado por infrações contratuais por parte do cliente e que levou a uma desforra quase fatal por parte dos adolescentes.

Um dos motivos que esses tipos de violências e vinganças não chegam ao conhecimento do público, simplesmente é porque esse tipo de ocorrência nem sequer chega a ser registrado como queixa, como já mostrei em parte no capítulo anterior.

No caso dos menores, quando se sentem prejudicados ou ludibriados, ressarcem-se dos danos moral ou materialmente, de qualquer maneira. As várias categorias de homossexuais que são eventuais fregueses dos menores não registram qualquer queixa policial em casos de agressão, assalto ou roubo, ou danificações significativas no automóvel, porque estão convictos da inutilidade da queixa-crime. Os outros clientes por um motivo ou outro, isto é, trabalho, emprego, família, parentes, ou sua situação social ou política na comunidade, são motivos mais do que suficientes para eles não apresentarem nenhum registro policial e os menores sempre terão a seu favor, sua condição de menores e esta situação está bem consciente para estes que sabidamente tiram proveito da mesma, conforme eles próprios me confidenciaram. Muitos clientes vêem neles "um bando de criminosos e marginais", significando com isso "que você tem que aprender o perigoso jogo deles e entrar na deles", porque de uma ou outra maneira, todos eles são ou cometeram atos considerados delinqüenciais, mas para aqueles

que não têm pais vivos, é muito difícil serem enviados às instituições correcionais ou de assistência a menores, "porque não tem lugar mesmo e saem de lá mais cedo do que você pensa e ficam soltos de novo", representando um perigo renovado para os adultos no caso de ter havido "dedurismo por parte de alguém".

As regras de comportamento de ambos os lados existem e geralmente são observados em benefício de todos. Aqui posso citar regras de informações e de comportamento que os fregueses de vem manter não só entre si, em relação aos menores, mas também para com estes. Assim, passar informações inadequadas, incorretas sobre uma pessoa, não importa de que lado, pode ter consequências desastrosas em pouco tempo, "porque a coisa funciona como uma máfia", com um sistema de contrainformações e apuração da verdade em tempo muito restrito.

Tenho conhecimento de que existem grupos organizados "aparentemente de heterossexuais", que estão fazendo verdadeiras "cruzadas de moralização" contra várias categorias de homossexuais na cidade, tais como aquelas ocorrências pela primeira vez denunciadas num jornal da imprensa alternativa de Florianópolis, em outubro desse ano, conforme coloquei anteriormente. Tais investidas, ataques, surras, ameaças e invasões de residências inclusive acontecem com muita frequência mas simplesmente não chegam ao conhecimento público. Meus informantes homossexuais me relataram, contudo, que nem sempre são "cruzadores morais" os seus agressores. Esse tipo de investida é muito recente e tem aumentado em Florianópolis a partir da repressão violenta contra prostitutas e homossexuais, especialmente travestis, em São Paulo. Via de regra, porém "nenhum lado dedura o outro" e na medida que "todos andam nos limites da linha, tubo bem..., mas passou da corda eu ataco... porque eu sou bicha mas também sou homem... e não vou agüentar desaforo de rapaz pequeno..."

Nesse sentido, os clientes ainda têm contra si, os menores como grupo e numa situação dessas, eles comumente atuam como tal, "porque prá gente (menores) é uma questão até de homem, uma questão de honra não ser passado prá trás, por viado..."

Com relação à transação sexual em si, as regras existem para os dois atores, são claras e devem ser seguidas à risca sob pena de infração da regra e portanto, de punição.

Antes mesmo da transação sexual, existem regras prescrevendo como fazer o próprio contato nessas situações. Assim, por exemplo, ela pode ser feita no interior do automóvel, dependendo do local e do horário ou pode ser feito na praça, perguntando pelas horas ou por um cigarro. Se o menor trabalha com qualquer comércio de bugigangas ou pipoca, engraxate ou jornaleiro, esta pode ser iniciada a partir da compra de um desses objetos ou artigos. Outros contatos são feitos em bares ou similares, casas de diversões ou sentando, passando simplesmente nos locais públicos. Caso o menor consinta na negociação inicial, ele pode assentir com a cabeça, fazer um gesto com as mãos, ou os dedos, fazendo determinado movimento com os ombros, caminhando para determinada direção, olhando ou piscando significativamente, seguindo o cliente, embarcando no carro, perguntar pelas horas ou por um cigarro, o que aliás é o mais comum.

Quando o cliente faz a proposta inicial, se o menor concorda quanto ao papel que terá de desempenhar, se acordar com a quantia prometida e com o local da transação, ambos, juntos ou separados, dirigem-se para o local da transação final. Dependendo do cliente, se ele é casado por exemplo, não pode levar o garoto para a sua residência. Um dos expedientes muito utilizados é quando o freguês dispõe de casa de praia, ou escritório, consultório, sala de trabalho fora da residência. Não importa tanto o local, mas o que realmente é fundamental, é que ele seja seguro, privado, de fácil saída, protegido e certo que não venham a ser interrompidos por alguém. Quando duas ou mais pessoas ocupam um apartamento, seus moradores conveniam o uso dele através de sinais no lado externo da porta, através de luzes acesas ou de outras cores, ou combinando entre dias da semana e horários quando o cômodo poderá ser usado sem riscos por um ou outro ocupante. Não dispondo de local adequado, muitos se valem de motéis, de hotéis de segunda ou terceira categorias que existem em determinadas ruas da cidade, a praia, o próprio carro ou até hotéis melhores, dependendo das disponibilidades financeiras do freguês. Dependendo ainda do horário, muitos utilizam os cinemas, seja no banheiro destes ou mesmo na própria platéia, escolhendo-se para isso determinados lugares da mesma. Com respeito ao cinema, os informantes de ambos os lados confidenciaram que além de ser bas

tante desconfortável, sempre apresenta um risco maior de alguém se sentir desconfortável com a cena e reclamar.

Ainda com relação à situação de contato, esta deve ser racional para os dois lados, sob o ponto de vista do local e da situação em si mesma, uma vez que justamente dependendo do local, a transação sexual deve ser efetuada rapidamente, com saída fácil para evitar a polícia ou então possíveis informantes policiais que algumas áreas comunitárias podem ter, além de garantir também o anonimato e a dupla proteção da identidade pessoal e da situação sexual em si.

Adultos devem proteger-se por motivos familiares, de trabalho profissional, por motivos de parentesco ou têm interesse em proteger-se a si mesmos ainda, isto é, se ele é ou não um homossexual assumido publicamente por todas essas causas que eu já mencionei.

É muito comum a exploração política e as mais diversas tipologias de chantagens que se verificam veladamente em Florianópolis, porque alguém teve a sua identidade revelada.

Com respeito ainda à transação sexual, os menores e os adultos seguem as regras convencionadas por ambos os grupos interessados. O menor é socializado pelos outros companheiros do grupo, não são como proceder sexualmente, mas a sua própria iniciação sexual pode ter se dado no grupo. Como os menores me colocam, é muito difícil surgir um membro no grupo que ainda não tenha tido qualquer relacionamento sexual. Na maioria dos casos, eles já tiveram muitas experiências heterossexuais "e muita safadeza de guri pequeno". Alguns dos meus informantes foram iniciados por irmãos e parentes mais velhos, companheiros da rua ou da escola, no abrigo de menores para o caso dos que lá foram internados temporariamente e muito raro os que foram iniciados no grupo de trabalho.

Normalmente, o que é combinado entre as duas pessoas, é o local da transação, a quantia a ser paga que eventualmente pode ser negociada, mas sem se afastar muito do preço médio que é combinado (por ocasião da pesquisa em maio e junho de 1980, um menor insertor cobrava entre trezentos e quinhentos cruzeiros), a forma de remuneração que preferencialmente deve se dar em espécie. Muitos garotos aceitam também pacotes de cigarros, bebidas,

especialmente uísque que pode ser revendido, tênis, canetas, roupas, às vezes discos, mas negam obviamente que aceitam tóxicos, o que foi desmentido por alguns clientes e até por várias pessoas adultas que não se dizem prostitutas mas que vivem exclusivamente desse expediente como JHT, caracterizado amplamente no capítulo precedente. Dependendo dos objetos, estes são revendidos "ao primeiro que aparece", mas para um mercado certo "se não vão dizer que a gente roubou" e revendido a um preço "sô prã não levã prejuízo e se livrá da muamba". Outros são consumidos entre o grupo de colegas e amigos que não exigem satisfações acerca da origem do material. "Eles sabem, e se não sabem, não perguntam, não interessa" pois entre os colegas, há inúmeros que são delinquentes e menores infratores que "sempre tão com coisa puxada...".

Outro item que fica claro na combinação, se o garoto é apenas insertor, é que a transação se limitará à relação oral-genital, a não demonstração de excessivo carinho ou execução de carícias pelas duas partes, como por exemplo não beijar, não acariciar especialmente o rosto e não tentar ou solicitar outros papéis ou práticas sexuais além do acertado. Caso o cliente insiste na alteração de comportamentos, o menor pode reagir até com violência, empurrando, batendo ou esmurrando a pessoa ou retirando-se do encontro. Normalmente a ocorrência é relatada ao grupo e os outros ficam alertas para uma próxima defrontação com a pessoa em questão, iniciando-se um período de vigilância e controle por parte do grupo, tanto sobre o frequêns como sobre o colega "porque a gente acredita... mas pode ser desculpa dele... é que geralmente a grana é maior e tenta mesmo...".

Conforme já coloquei, se se confirma uma mudança de comportamento quanto aos papéis sexuais do colega, este é pressionado para voltar à *normalidade* ou finalmente a sua saída do grupo original e possivelmente a sua aceitação no outro "que é de bichinhas... de viado que faz outras coisa...". Mesmo assim, apesar de o grupo ao qual pertencerem "não transã com putaria", sentem-se ligados a ele e compartilham de determinados valores como "não caguetã ninguém", desenvolvendo uma solidariedade acentuada e fiel porque "a gente tã tudo no mesmo barco" e mesmo que um ou outro seja preso ou flagrado em atividade considerada delinquencial ou infratora, "ninguêm entrega, tem que negã sempre" e va-

lem-se da condição de menores, mas dificilmente denunciam seus clientes, pois a dependência econômica e muito mais a preocupação com a proteção das identidades é primordial.

Como o menor não se julga a si mesmo nem como um prostituto e muito menos como homossexual, ele vê essa relação apenas como uma maneira de ganhar dinheiro e teoricamente não pensa em gratificar-se sexualmente. Sobre esta questão, meus informantes do grupo de menores foram bem divididos. Alguns disseram, que positivamente buscam gratificação sexual, mas em hipótese alguma demonstram isso para o freguês "senão já vai querer outras coisa... já tá pensando que tou virando... vem com viadagem prá cima da gente...". Outros afirmaram que "isso é um negócio..." , justificando que "se eu quero trepã mesmo vou procurar minha garota... ou então vô prá Vila Palmira..." e outros ainda tinham o pinião indefinida, não sabendo responder conscientemente o que se passa com o seu próprio corpo.

Na minha clientela, ao contrário de Reiss Júnior, ter relações sexuais anais, não implica em perda de masculinidade. Às vezes, até pelo contrário, uma vez que os menores vêm nesse tipo de relacionamento exatamente o substitutivo de órgãos sexuais que vêm numa mulher, porque "...ora, eu sou o homem nê, e ele não vai ser a mulher, quer dizer, aquilo que a gente vai fazer , não é igual que faço numa garota?... então, mesmo com homem, sô que o homem vai ser eu, não tá certo?...". Na pesquisa de Reiss Júnior, ambos os parceiros deveriam permanecer neutros afetivamente. No meu universo de análise, como já coloquei anteriormente, este é um item que normalmente consta da relação de prescrições. Contudo, dependendo do grupo, aquele que por exemplo integra "bichinhas", para estes e que estão tentando se decidir em fazer carreira, e ainda para aquele indivíduo que já faz vários papéis numa relação, para estes especialmente e que também são os que mais admitem igualmente a busca do prazer em seus parceiros, para estes essa questão "...não vale a pena discutir por que tá na cara que se eu faço isso, aquilo e topo qualquer coisa, não precisa nem dizer que gosto... sô não entende o idiota que fica no eterno sistema papai/mamãe e é babaca em termos de cama..." como disse SL, 17 anos.

Como eu trabalhei também com outros tipos de menores que na opinião dos primeiros "tão virando", isto é, tentando fazer carreira como RJ, este me garantiu "gosto e não vou negar isto... mesmo porque faço qualquer troço... vou ficar nisso... dá dinheiro..." tomando como exemplo JHT, que é muito conhecido não como cliente, mas concorrente e exemplo de sucesso. A neutralidade afetiva é esperada de ambas as partes como uma regra a ser seguida. Esse ponto está novamente na dependência do tipo de menor que está envolvido.

Na pesquisa de Reiss Júnior, um dos valores da transação era a não obtenção de gratificação sexual. Na minha população essa visão é atualizada de maneira diversa. A princípio, negam-na. O mais taxativo é LS, justificando que "isso é um negócio, o resto não interessa ela (a bicha) pode grunhir à vontade, mas eu faço, termino tudo, pego o dinheiro e me mando..." PDP é veemente. "Olha, se gosto ou não, não mostro isso pro viado, tenho que ser firme, é diferente pra uma puta, quando tô com ela, posso mostrá que gosto, tal, mas quando é viado não dá, ele vai pensá que já tô virando, vai querer outras coisas, vai pedi pra fazê outra sacanagem... Vai querê me trepá também, essas coisas, tal... Agora, claro que gosto, senão não continuava nesse negócio, né, mas não mostro isso pra ele de jeito e maneira..."

Aquele grupo que já mencionei, isto é, aquele que tolera sob certas circunstâncias, práticas sexuais, quer dizer, adotar e desempenhar vários papéis numa relação e que é denominado, por aqueles grupos que se dizem "...são de homens..." "...o grupo das bichinhas", ou então, "aqueles viadinhos...", disse sob certas circunstâncias, porque mesmo integrando agora um novo grupo, este igualmente detém todo um código particular de comunicação, de relacionamentos inter e intragrupos, mas que também zela para que as suas regras internas sejam observadas rigorosamente pelos integrantes do grupo e também pelos outros de outras categorias.

O que se pode depreender rapidamente, é que na sua totalidade os menores podem ser encarados "como um bando de delinquentes de todo tipo" no dizer de um policial, estes têm, cada bando ou grupo de per si, um complexo sistema de regras, observâncias, leis próprias, que às vezes significam vida e morte ou a sobrevivência do próprio grupo.

Como exemplo do exposto, no caso de um grupo constituído de menores que toleram práticas sexuais diversificadas, as práticas "de bicharia" não são só permitidas entre membros do próprio grupo, ou a permissão para relacionar-se com outros integrantes de outros grupos de diferente categoria da sua, sem que isto venha a significar qualquer "embichamento" do menino do outro grupo (o dos homens), por tratar-se de "brincadeira". Poucos tiveram a coragem de admitir que esses jogos sexuais intragrupo na realidade servem para um extravasamento, na brincadeira, cada um pode "fingir que tã imitando a bicha na cama" ou ridicularizar extremamente os comportamentos "...da viadagem quando tã com a gente numa foda..." Então, posso dizer também que "nesse jogo to do", os menores tentam assegurar, por um lado, todo o caráter machista, o do personagem dominador, aquilo tudo que na nossa cultura esperamos que seja resolvido e decidido por *homens* e por outro lado, tal como acontece com o carnaval, através das máscaras, das representações e "do fazer de conta", se permite por essas vias de mascaramento, que aqueles menores que pretendem fazer carreira, se permite que extravasem tudo aquilo que na realidade gostariam de assumir, ou comportamentos que já praticam com seus parceiros e que através desse ritual "na brincadeira, sõ pra se divertir..." está-se na realidade apenas confirmando, oficializando um novo tipo de comportamento que o grupo, ou os outros grupos irão adotar e permitir, "...porque a gente tem que também se adaptar aos novos valores, quero dizer, essas novas putarias que as revistas do estrangeiro publicam... algumas eu vejo, o KV empresta e ali mostra que homem com homem, ou mulher com mulher pode ser bom demais, que nem mais precisaria casar daqui pra frente... então eu fico meio balançado, não sei mesmo de fato de nada tem a ver essa coisa toda... ou então nõs estamos atrasados de mais... lã por mil e quinhentos em matéria de sexo... isso tã me balançando demais, sabe?...", disse LR, de 17 anos também.

RJ, que admite o desempenho de vários papéis, não oculta a satisfação que sente nas transações sexuais e justifica: "não võ negã que gosto, gosto mesmo... sõ penso nisso o tempo todo , fico imaginando safadeza diferente, sõ de pensã, já fico duro , me manipulo, procuro uma guria", e faz uma ressalva: "agora ainda procuro mulher, mas quando for maior, sõ mesmo puta, mulher

da vida, porque elas não obrigam a gente a casã, não enche a pança de propósito, como as moça fazem, sô prá agarrã um marido ... Não sou besta, viu, não quero casã. Sô vou procurã homem, não acho errado, tem menos galho, e eu chupo, deixo chupã, trepo e deixo fodê, gosto de tudo..."

Para JM, assumir o papel de macho, do homem na relação, é fundamental, e a idéia de passividade e atividade é muito atualizada por ele, comparando-a a uma relação heterossexual, pois "é a mesma coisa de homem com mulher... O homem faz tudo, ele que dá o gozo, a sensação, sente também, mas é ele que vai começã, vai decidir quando acaba, a mulher depende dele, viu... Com homem faço o mesmo, sou duro, grosso, não deixo me beijã, me botã dedo, ele pode rebolã, se estrebuchã todo, mas eu sou duro, não dou mostra de nada prá ele, porque é ele a bicha..."

A demonstração de afeto "sô se faz com mulher" e não se tolera por parte dos insertores, que os parceiros usem uma linguagem carinhosa ou um tratamento considerado "muito chegado", isto é, demasiadamente íntimo. Para outros, especialmente quando se trata de parceiros regulares, tolera-se mais esse tipo de comportamento e no caso dos que estão fazendo carreira, estes aceitam e demonstram carinhos, toleram atitudes "de homem e mulher" e não se limitam ao papel de insertor e "a chupação" é mútua e até desejada, segundo RJ, JHT e CH.

Segundo os depoimentos dos clientes, estes evitam ao máximo de desenvolver a relação nos seus apartamentos ou residências, alegando especialmente nos primeiros, se for de noite, a entrada é vigiada e a saída dificultada, pois em quase todos os edifícios, após às vinte e duas horas o morador deve acompanhar o visitante, uma vez que a porta de saída permanece chaveada e o vigia nem sempre está à disposição para abri-la. Outro motivo, e aliás o principal, os clientes alegam que temem levar os menores para suas residências "porque são todos ladrões" e para que estes não possam avaliar o status sócio-econômico do freguês e exigir pagamento maior.

As alternativas de comportamento estão muito limitadas para os menores como para os seus clientes, uma vez que um ou outro saia dos limites impostos, as atitudes são imediatamente tomadas, especialmente por parte dos adolescentes que elaboram as

regras e exigem a observância não só por parte dos integrantes do seu grupo, como por parte dos clientes adultos. Assim, se espera que o cliente saiba detectar com precisão quando o menor não está disponível sexualmente. Essas situações implicam em primeiro lugar, de nunca ser abortado quando está na companhia de qualquer acompanhante feminina e em segundo lugar, fora dos locais comumente convencionados como sendo de encontro para contratações preliminares. Assim, um menor não toleraria em hipótese alguma ser abordado, se estivesse por exemplo, numa repartição como a do INAMPS, hospitais ou numa situação clara "que não tá trabalhando".

O menor pode ainda considerar que a regra foi quebrada, quando o parceiro sexual se recusa a pagar a quantia estipulada anteriormente ou na forma combinada. A atitude que o menor pode tomar nesses casos, é solicitar outra forma de recompensa e se ainda não puder ser satisfeito, eventualmente pode dar um prazo curto de dois ou três dias, mas na medida do possível, evitam essa medida "prã não acostumã o cara... é um tipo que faz qualquer coisa prã trepã e pode então trapaçã você..." O fato é comunicado ao grupo que nunca toma qualquer medida de imediato "tem que dã um tempo porque sempre tem o outro lado da história... o colega pode tá inventando coisas também..." O sistema de informações é acionado e em último caso, o cliente "é testado". Caso se confirmem os boatos de "trapaça", os menores podem chegar a extremos de violência, como o relatado no capítulo precedente com um estudante universitário. Via de regra, cujos depoimentos foram confrontados pelos vários informantes, "a cobrança" pode dar-se de diferentes maneiras. Se o cliente dispõe de carro, este pode ser extremamente danificado com riscos profundos, cortes, uso de material químico, a difamação da pessoa, aplicar surras violentas, roubos de objetos pessoais e até usar a intermediação de colegas de outros grupos para o ressarcimento dos danos sofridos.

Um dos casos de uso de força ou reação violenta, vingança, é quando o cliente não sustenta um dos itens negociados na transação, na combinação inicial. Quando a relação se dá fora da casa ou do apartamento do cliente e não tem possibilidade de exigir outra coisa em troca de dinheiro, por exemplo, os caminhos

para o "acerto de contas" são vários.

Um dos adolescentes dá um prazo de o cliente pagar no dia seguinte, num local e hora combinados. Caso ele não apareça, tolera mais dois ou três dias "porque o cara vai aparecer de qualquer modo num lugar, e a gente sempre tá por aí..." Caso não seja bem sucedido, uma das atitudes é a de cientificar os colegas "de que F. é caloteiro, mau caráter, trapaceiro..."

Geralmente os outros meninos, caso venham a se relacionar com essa pessoa, não demonstram e nem comentam nada do acontecido e nem exigem pagamento adiantado, como se poderia esperar. Eles "testam a bicha" porque segundo eles, "a gente nunca sabe o que o colega fez prá ele, tem sempre dois lados da história, né?" apesar de se dar mais crédito ao que o colega relata, do que ao cliente, porque "a maioria é trapaceira mesmo, muitos não têm grana e querem trepar de qualquer maneira, não dá prá confiar demais, não..." Caso venha a se confirmar o comportamento reiterado do cliente, os meninos podem entrar num acordo para se desforrarem dele, como foi o caso que um deles me contou.

Tratava-se de um estudante universitário, filho de uma influente família do sul do estado. Esse cliente, tinha apartamento e carro próprios, mas nunca levava os garotos para sua residência. Costumava transar no carro, ou então, numa praia distante e deserta, como a da Joaquina, à noite. Como esse estudante "passou calote" em todo mundo, os garotos decidiram que "ele ia pagar essa". Acordaram que um deles ia aceitar o convite para uma determinada noite "transar na Joaquina" e os outros quatro, todos entre 15-17 anos, tomaram o ônibus da Lagoa da Conceição e se dirigiram para a mesma. O colega apareceu efetivamente com o cliente: "a gente deixou que eles se divertissem primeiro..." Num determinado momento eles apareceram e "a gente fez a festa". Foi uma foda sem tamanho, umas quatro hora, não, um pouco menos, em cima do cara, todo mundo. O cara não podia gritar, todos os buracos tapados, entendeu, engoliu quilos de porra, viu... No fim, a gente encheu a traseira de areia... Se queria tomã no cû, tomou mesmo... Depois a gente esvaziou os pneus e riscô o carro de cima a baixo com prego..."

Este episódio foi-me relatado por um dos garotos de dezessete anos e confirmado por outros vários homossexuais adultos.

Como o cliente foi encontrado no outro dia de manhã por pescadores e conduzido ao hospital em estado deplorável, a família tentou ocultar o ocorrido, mas como se tratava de uma família muito conhecida, transferiram o filho para Porto Alegre e ventilaram o caso como tendo sido uma curra procedida por algumas mulheres, estudantes drogadas, como se fisicamente isso fosse viável.

Outros episódios de extremos tais não me foram relatados, mas confirmaram pequenas vinganças como riscar o carro do cliente, fora do estacionamento, porque "a gente não é burro" uma vez que o número da placa é guardada para situações de contato e identificação.

Difícilmente a violência física é usada quando o cliente propõe um outro tipo de relação ou mudança de papéis, fora do combinado, porque "eles sempre tentam, é natural, você tem que contar com isso..." e demonstrações de afeto ou referência a que possam afetar o papel do garoto, depende das concepções que os mesmos já esboçaram e de como eles mesmos se vêem.

Assim, para LS, PDP, JM e ANG, é fundamental não permitir "passar dos limites estabelecidos, porque já vão confundir tudo e não te respeita mais". RJ devido à plasticidade de sua conduta, "vale tudo, porque tudo é bom, ajuda, deixo fazê e faço qualquer coisa, não tem essa de não botá aí, não enfiá o dedo lá, não me chupá ou não me faça isso... Não tem nada, não... Você tem que ser melhor do que mulher, melhor que os outros homens, viu..."

O fato da possibilidade de serem provocados pelos homossexuais quando em companhia dos outros colegas do grupo, não os preocupa demais porque "a gente se ajuda, eles sabem que podem dizer qualquer coisa, besteira prá gente, mas sabem também que a gente pode pegar eles na primeira esquina como se diz, furar os peneus, dá uma surra nele, quebrá ele todo e depois posso inventá um monte de coisa feia dele, na frente dos outros... Que é uma bicha loca, tá histérica, doida..." e para RJ, o fato de estar em companhia de uma mulher, namorada ou amiga, "porque elas sabem que eu sou homem, mas ela (a bicha) tá na cara que não é, que não dá prá levá a sério..."

Como já coloquei antes, os garotos não se consideram nem homossexuais e nem prostitutas, pois na visão deles, "puta é mulher, a gente também cobra, mas é diferente, porque elas vivem

disso e a gente faz outra coisa, trabalha, ganha dinheiro de outro jeito, não vive sô de putaria e a gente vai ser outra coisa, vai ter profissão e isso que a gente faz, não desmerece, não é errado, você continua homem..."

Do grupo de meninos entrevistados, a exceção é RJ e diz que "não tô preocupado com isso, se é ruim prum homem, que vai rebaixã, não tô ligando, porque isso não é doença que pega, não é crime nem roubo, não dá cadeia, as pessoas gostam e eu também tô ganhando minha prata. Meu pai não me sustenta, quer dizer moro em casa com eles, mas não preciso do dinheiro deles, vivo na rua, ele acha errado eu ser vagabundo... Fugi de casa, não obedço, diz que eu não vou prã escola, tal, mas ele não me governa. Sô de vez em quando ele me entrega pro Juiz (Juiz de Menores) e eles me mandam pro Abrigo, mas logo saio de lá... Tem gente demais lá... muito guri... e depois, eles dizem que eu não sou nem abandonado nem órfão, tem que voltar prã casa, mas não acho nada errado..."

É evidente aqui, "que a picaretagem depende do cara", isto é, do tipo de cliente que se comporta com mais ou menos precaução, com riscos e receios de mais ou menos graduação.

Caso o freguês seja casado e dependendo da profissão e da posição social, seu comportamento basicamente está orientado por esses pré-requisitos limitativos. De acordo com depoimentos dos menores "todo mundo tem alguma coisa a perder", mas têm certas precauções com algumas pessoas de mais idade e de quem não souberam precisar ou apurar se têm ou não trabalho fixo, se é ou não aposentado, solteiro e "que sempre tá rondando na praça" e principalmente se a pessoa já é conhecida como sendo "caloteiro!" Uma grande maioria dos parceiros, segundo os menores, são casados de todas as idades, que se dizem heterossexuais mas que de acordo com os adolescentes "é tudo bicha mesmo... são viado e não sabem..." mas que para outros grupos de menores como o de RJ, "...procuram a gente porque as mulher deles não fazem essas coisas na cama (sexo oral ou anal)" e ele não os caracteriza como homossexuais.

Com relação à frequência e regularidade, verificando as informações fornecidas por ambos os lados, essas coincidem na procura de pelo menos uma vez por semana. Os diferentes clientes pro

curam-nos em dias diversificados. Assim, pessoas que se dizem heterossexuais e casadas, dificilmente aparecem sexta-feira e segunda-feira e os garotos justificam-no em função de compromissos com a família, filhos e outros compromissos sociais. Os dias de maior procura por parte destes clientes, são na quarta e quinta-feiras no fim da tarde ou de noite, mas dificilmente após às vinte e duas horas.

Com relação aos fregueses que classificaram de homossexuais assumidos (bichas e veados), sua frequência e regularidade é bem maior, numa média de duas a três vezes por semana em horários e dias indiferenciados.

Pelos depoimentos e informações, pude constatar que os clientes se centralizam mais em pessoas que pelo critério de renda e formação acadêmica, se situariam na classe média, de média para cima e que na maioria dos casos, trata-se de profissionais liberais de nível superior ou técnicos de nível médio altamente qualificados. Muitos estão engajados no mercado informal de trabalho, com ganhos que variam de quarenta a cento e cinquenta mil cruzeiros, com trabalhos ocasionais e temporários de decorador de lojas de luxo, butikues, apartamentos, trabalhar nas fantasias das escolas de samba, atividades em clubes, ligações ativas com o setor de mecanismos de comunicação de massas, tais como a televisão, ou então trabalhar temporariamente em projetos governamentais ou na prestação de serviços qualificados, tais como em comissões especiais, assessorias, recepções de grande vulto e coisas do gênero.

No caso dos profissionais liberais, a maioria dispõe de casa ou apartamento próprios, carro e não raro também casa de praia, com ganhos próximos ou superiores a cento e cinquenta mil cruzeiros.

Este tipo de cliente é o preferido dos menores pela sua discreção, pagamento sempre acima da média, pelo tratamento melhor a eles dispensado "e porque é gente fina". Por tratamento melhor, caracterizaram a maneira de tratá-los, o cumprimento do que foi acordado originalmente, e principalmente pelo cigarro e cerveja que sempre lhes é dado e muito almejado pelos menores.

Aquelas categorias que os menores denominaram de homossexuais assumidos, mas comumente chamando-os de "bicha maneirada",

na realidade, de acordo com a categorização de Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1978) e Carmen Dora Guimarães (1977), são os entendidos.

A maioria destes clientes desfrutam de certo prestígio e status na sociedade local. Pertencem a um ou outro clube e são considerados "cabeça feita e bom papo" por outras categorias de homossexuais. A idade da maioria dos clientes adultos que procuram os menores, independentemente de categoria ou preferência sexual, situa-se entre vinte e três e trinta e oito anos. No entanto, os que preferem manter *casos* com menores, com outras ou a mesma categoria sexual que a sua, estão todos acima de quarenta anos.

Conforme já mostrei anteriormente, muitos destes parceiros sexuais dos menores têm casos prolongados até com um outro homossexual, da mesma ou outra categoria, morando juntos, ou têm um *caso* com um menor. Uma interação pode evoluir sob certas condições, tais como o adulto, a princípio, concordar com as condições do garoto, isto é, de continuar a desempenhar unicamente o papel de insertor. Está claro que com a convivência essa disposição pode vir a se alterar, como foi o caso de RP, originário do interior do estado, comerciário e atualmente com vinte e três anos, tendo vindo para a capital com quinze. Logo após a sua chegada, "me tornei amigado com um durante três anos" e "ele sempre me dava dinheiro nos fins de semana... nesta época eu tinha dezesseis anos e ainda não trabalhava". Explica a evolução da interação e da mudança nos papéis sexuais, dizendo que "a princípio nosso relacionamento era normal (ele como insertor)... passado algum tempo, ele começou a pedir que nós trocássemos de posição, passando eu a fazer outro papel... no início não aceitei a idéia chegando até a brigarmos, mas com o decorrer do tempo ele sempre voltava a fazer a mesma proposta, e um determinado dia acabei por ceder... não consigo até hoje saber qual a emoção que senti ... talvez tivesse medo de perder tudo aquilo que tínhamos construído... eu gostava dele, ou quem sabe com a convivência eu comecei a tender ao homossexualismo..."

Ocasionalmente se constitui em cliente dos menores "... porque evito ter algum gasto maior..." mas evita procurá-los por que "...apanhei uma surra do irmão de um garoto..."

Aqui caberia uma outra análise sobre o tipo de pessoas

que aceitam casos com uma outra, independente se esta é ou não homossexual. Constatei que muito mais pessoas do sexo masculino a cima de dezoito anos aceitam e têm casos com pessoas de ambos os sexos e literalmente deixam-se recompensar de uma ou outra forma por estes seus parceiros. Contudo, esta questão não vai ser tratada aqui porque meu objetivo é outro.

Dos casos que eu consegui constatar, percebi que os tipos de menores que aceitam casos são aqueles que têm outras afinidades com o seu parceiro sexual, como o gosto por determinada música, instrumento musical, outra habilidade artesanal como pintura em tecidos, cerâmica, alguma atividade ligada ao mar ou outra. Agora, entre os menores que não têm restrições quanto ao desempenho de vários papéis sexuais, estes não têm tantas precauções para a aceitação de um caso mais prolongado com uma pessoa. Dependendo do estado civil e da situação econômica e social da pessoa, além da profissional, esta pode ter e até "adotar" um menor para si e criá-lo, como foi o caso de NT, profissional liberal de nível superior, caracterizado no capítulo anterior. Nessa linha, o indivíduo pode morar em tempo integral com o adulto por prazo indeterminado. Como todos os menores pesquisados vêm de meios sociais pobres e de áreas de baixa renda, às vezes os pais dão a guarda do filho a outras de reconhecida situação financeira melhor que a sua e cujo status social lhe são suficientes para tal.

Cabe ainda uma consideração acerca da representação da sexualidade dos dois grupos. Basicamente, os menores de Florianópolis não se vêem a si mesmos nem como prostitutas e nem como homossexuais. Concebem a sua atividade sexual como uma fonte, de um enorme leque de possibilidades, um meio alternativo, como uma atividade temporária, transitória, de ganhar dinheiro. Não se vêem como prostitutas "porque isso é coisa de mulher", embora reconhecendo que atividades sexuais remuneradas devem realmente ser caracterizadas como prostituição, mas alegam que prostitutas são profissionais do sexo e vivem exclusivamente desse expediente, ao passo que eles, usam o sexo como um dos meios para auferir ganhos adicionais. Na sua concepção, o seu trabalho real, verdadeiro, é a tarefa com o estacionamento público, como a tarefa de ser cobrador de ônibus, entregador, comerciário, garçom, ou outra ocupação. Alegam ainda em seu favor, que mesmo relacionando-

se sexualmente com homens, eles desempenham apenas um papel que é feito por homens numa relação sexual, não são dirigindo-a quando inicia e termina, mas também no sentido de *ativo* em oposição ao parceiro *passivo*. Além disso, reivindicam para a sua defesa ainda, que esta atividade sexual com homens será encerrada "quando eu for maior e tiver que servir (prestar serviço militar) ou até o momento quando eu encontrar um emprego fixo de salário inteiro". Para outros que tencionam fazer carreira como RJ e ANG, apesar da pouca idade, estão decididos a permanecer nesse tipo de prática, "...porque dá muito dinheiro... eu gosto mesmo... e não vejo nada errado nisso...", mas que mesmo assim não se vêm ainda como homossexuais.

Aqui não posso nem sequer aplicar aquele tipo de John Rechy (*City of Night*, 1963) mostrou como se concebendo a si mesmo como um prostituto mas que não se definia a si mesmo como homossexual. Penso que tenho uma situação nova e diferente da que foi estudada também por Laud Humphreys (*Tearoom Trade*, 1970) que trata de comportamento sexual, mas especificamente de comportamento homossexual no meio urbano a partir de uma observação e análise das interações diferenciadas verificadas em mictórios públicos masculinos nos Estados Unidos e que se resumiriam mais na felação.

CONCLUSÕES

Aqueles personagens que apareciam na novela de John Rechy isto é, os que concebiam como prostitutas mas não como homossexuais, se atualizam um pouco diferente em Florianópolis. Tenho a seguinte situação: alguns indivíduos adultos de sexo masculino, vivem exclusivamente de rendas auferidas com atividades sexuais remuneradas. Contudo, caracterizada essa situação como, sendo de um tipo de prostituição, estes indivíduos contudo, não admitem serem rotulados como prostitutas e nem se vêem como tais. Agora, ser homossexual e também viver sô de atividades sexuais remuneradas, como por exemplo um travesti, ou mesmo uma bicha, nem por isso admitem tratar-se de prostituição, mas "como um outro negócio".

Não posso igualmente usar o modelo desenvolvido por Reiss Júnior (The Social Integration of Queers and Peers, 1964) baseado-se nos três tipos de prostitutas masculinos homossexuais, tendo por base os locais das suas atividades mais intensas, isto é, aquele que atua em bares como base de operações permanentes, em busca de um cliente *queer*; o que atua nas ruas e se constitui normalmente de um menino adolescente que interage com homens mais velhos e finalmente o *call-boy*, que não é solicitado em público. Quando Reiss Júnior caracteriza os tipos diferentes de prostitutas, ele menciona um que trabalha e faz os contatos nas ruas e como sendo o de mais baixa categoria porque são os mais perigosos e a forma menos lucrativa de atividade. Quando têm idade suficiente, geralmente sua base de operação passam a ser os bares e recebem outra dominação. Ross, citado por Reiss Júnior, descreve-os como profissionais, enquanto os menores entrevistados pelo autor não se viam como tais, mas sim como uma atividade transitória, tanto espacial quanto temporariamente. No trabalho de Ross, continua Reiss Júnior, os prostitutas se autodefiniam como tais e como homossexuais. No estudo de Reiss Júnior, os menores não se viam de maneira alguma nem como homossexuais e nem como prostitutas. Aqui, existe um ponto de convergência também na minha pesquisa de campo, isto é, a maneira como meus entrevistados viam sua própria sexualidade e como se concebiam. Assim, meus infor-

mantes menores, ao se relacionarem sexualmente com seus parceiros, a maioria se vê a si mesmo como estando engajado numa atividade substitutiva ou apenas como uma parte de um versátil padrão de atividade delinqüencial para ganhar dinheiro "e não é diferente de revender coisa afanada". Conceber-se dessa maneira e persistir nela tem o apoio e a fundamentação num grupo organizado que elabora padrões de comportamento e cujas regras são controladas pelos outros membros do grupo ao qual pertencem, onde o integrante pode permanecer desde que siga e auxilie a vigiar as regras assim elaboradas, especialmente no que diz respeito às práticas sexuais e a fidelidade ao papel.

Agora, os menores podem e realmente desenvolvem concepções dos seus parceiros sexuais como um desviante sexual, um estranho e tendem a generalizar as categorias diferentes numa ampla denominação de "bichas e viados".

Acusar seus parceiros como desviantes sexuais e tratá-los como tais faz parte daquele processo que também Howard S. Becker preconiza, no qual "... os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicá-lo a pessoas particulares marcando-as como outsiders. Sob tal ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa faz, mas sim a consequência de aplicação por outrem, de regras e sanções ao transgressor..." (Becker, 1966:68).

De acordo com um dos meus objetivos da pesquisa, as categorias de homossexuais, conforme Kitsuse colocou "... é somente quando indivíduos são definidos e identificados por outros homossexuais e recebem o tratamento considerado apropriado por indivíduos assim definidos que surge uma população homossexual para investigação sociológica" (in Becker, 1967:90).

O comportamento homossexual e as relações societais (Kitsuse, 1963) em relação a ele, são conceitualizadas dentro de um modelo de categoria sexual atribuída e a socialização dos indivíduos para aquelas categorias. A atribuição de categorias sexuais provavelmente se dá com o objetivo de prever um complexo de papéis culturalmente prescritos e cujos comportamentos homossexuais estão concebidos como inapropriados para atribuir status sexual aos indivíduos e dessa maneira, teoricamente eles são definidos como desviantes e na prática do relacionamento e intera-

ção na vida cotidiana, nas práticas sexuais, são tratados como tais.

DR considera a questão da sexualidade como algo cultural e que está intrinsecamente relacionado com o processo de socialização e o internamento de valores culturais, porque "... tanto o homossexualismo como o heterossexualismo seriam um produto de condicionamento, que o normal seria fluir para os dois sexos, um ter envolvimento tanto com homem como com mulheres, mas fui condicionado para ter sō relacionamento com homens. Neste aspecto considero-me anormal, assim como o heterossexual. Porque eu acho que as pessoas deviam ser bissexuais. Que se não houvesse um condicionamento em cima dela (da sexualidade da pessoa), assim existiria uma sexualidade aberta. A sociedade não é assim, bissexual, mas mesmo assim eu me considero normal" (como homossexual).

Para NT, percebe sua sexualidade e as práticas sexuais dele como uma escolha consciente, opcional, de um tipo de relacionamento diferente e estende sua análise dizendo que faz parte "de um mundo mais amplo de valores... é uma visão de mundo própria que eu tenho, e a minha construção e eleição de valores particularizados... a rejeição de um modelo heterossexual de um comportamento sexual..." e que vê no sexo "uma das fontes de prazer".

GH, que se concebe a si mesmo como "uma bicha para esvaziar o conteúdo pejorativo do termo", vê nesse comportamento uma atitude política, não sō pela rejeição do modelo de padrões e valores heterossexuais, mas conferindo à sua sexualidade um outro destino e exploração mas que faz parte de uma nova concepção do próprio corpo da pessoa com o qual "você pode fazer e proporcionar coisas fantásticas".

Muitas pessoas entrevistadas que se definiam como heterossexuais e/ou bissexuais vêm nas práticas homossexuais masculinas, o resultado cultural da socialização das mulheres na cultura brasileira, limitando-as e considerando-as como um objeto primordialmente de reprodução sexual acrescido de outra característica cultural brasileira que prevê a iniciativa e a condução de toda atividade sexual como sendo de competência exclusiva do homem. Aqui, a idéia da atividade e passividade é bem atualizada

e devido a esse modelo de comportamento sexual, onde as mulheres, segundo eles, ainda se negam a determinadas práticas sexuais como a felação, sexo oral e anal. Outros negam totalmente tais justificativas dizendo que para tal, poderiam procurar as prostitutas ou exclusivamente diversas categorias de homossexuais como os travestis, e não os menores. Acrescentam outros que muitos são motivados a procurarem os menores, porque a priori, pensa-se que eles não são homossexuais e que portanto os riscos de "contaminação" do rótulo são menores e para outros ainda, as mulheres na cultura brasileira "querem saber logo de compromisso mas sério" e não raro condicionam uma atividade sexual "com casamento e filhos".

Resta verificar ainda, se o modelo da construção social da sexualidade masculina no Brasil, elaborada por Peter Fry, tem aplicação prática ou se ele é atualizado de outra maneira pelos grupos, no que diz respeito a papéis sexuais.

No estudo que Peter Fry fez acerca das mudanças da construção social da sexualidade no Brasil, procurou entender teoricamente a sexualidade masculina e aplicou essas idéias para a sexualidade masculina no Brasil (1976). Ele parte da idéia de elasticidade da sexualidade e de acordo desenvolveu modelos, (sistemas), onde distingue os papéis em termos sexuais, sociais e sociopolíticos. Assim, o Sistema A consistiria de *bichas e homens*, no qual sexualmente se espera dos homens um papel ativo nas relações sexuais. São os insertores. As *bichas* assumem o papel passivo. Socialmente, se espera que os *homens* se apresentem na vida diária como viris, e arrogantes, e das *bichas* se espera que sejam afeminadas. Sociopoliticamente, se supõe que os homens devem dominar os seus parceiros, sejam estes homens ou mulheres. Das *bichas* se espera que sejam submissas. O sistema classificatório desse modelo se apresentaria assim:

Homens: <u>"ativos"</u>	<u>"passivos"</u>
homens	bichas

Sistema B: Homens e entendidos

Aqui existem dois papéis institucionalizados.

Homem: se prefere relações sexuais com mulheres.

Entendido: se a preferência sexual é com outros homens, daria o seguinte sistema classificatório:

	mesmo sexo ou ambos os sexos	sexo oposto
relações sexuais com		
homem	entendido	mulher

Sistema C: Homens, bichas, homossexuais, giletes, nūrias, bofes... Existem muitos papēis possīveis. Os homens são classificados não sō de acordo com sua preferência de parceiros do mesmo sexo, de ambos os sexos, ou de sexo oposto, mas também de acordo com os papēis que eles assumem na preferência do intercuro sexual. Assim:

Homossexual passivo = bicha

Homossexual ativo = nūria ou bofe

Gilete = ambos os sexos

Gilete = ativo e passivo com outras pessoas.

Papel sexual Parceiro	Ativo	Passivo	Ativo e Passivo
Mesmo sexo	Homossexual <i>ativo</i> ou <i>bofe</i>	Homossexual <i>passivo</i> ou <i>bicha</i> ou <i>nūria</i>	Entendido ou Gilete
Sexo oposto	Homem	-	-
Ambos os sexos	Entendido ou gilete ou homossexual	-	Entendido ou gilete ou bissexual

O sistema A seria encontrado em áreas rurais remotas e cidades do Norte e Nordeste do Brasil e apresentaria as seguin-

tes características: as bichas são toleradas e são relacionadas a algumas profissões, como serventes, cabeleireiros, adeptos de cultos afro-brasileiros. Existiria pouca especulação acerca das causas que levam a pessoa a se definir bicha.

O Sistema B, se acharia confinado à vanguarda da classe média das grandes metrôpoles do Rio de Janeiro e São Paulo. Também pode ser observável em centros urbanos menores do interior. As características seriam no sentido de a maioria se definir como *entendidos* e isto não confere estigmas. Muitos se submetem à terapia psiquiátrica e não estão muito preocupados com sua origem, mas como tirar melhor proveito de sua sexualidade.

O Sistema C se acharia presente nas grandes metrôpoles e coexistiria com os Sistemas A e B. Neste sistema os homossexuais são estigmatizados e não raro vistos como doentes que devem ser tratados para voltar à normalidade. Quando não são desprezados são lastimados e tornam-se até objeto de escárnio público ou medo.

No modelo elaborado por ele, e que chamou de Sistema C, envolvendo homens, bichas, homossexuais, giletes, nūrias, bofes, e "basicamente o que ocorreria neste Sistema é que os homens são classificados não somente de acordo com a sua preferência para parceiros do mesmo sexo, ambos ou do sexo oposto, mas também de acordo com os papéis que eles preferem no intercurso sexual".

Arroza com isto que apareceram os termos homossexuais ativo e passivo e que na prática seriam os termos que abrangem as categorias *bichas*, *nūria* e *bofe*, o que é negado por essas categorias em Florianópolis, pois, segundo LD "... não são mais normais, não existe mais isso, é uma coisa de momento, porque no fundo todos gostariam de tomar a iniciativa..." e segundo ZK, "... não tem isso não, porque ninguém é inativo numa transa, não importa o papel que você faz... eu sempre sou ativa, mesmo dando o tempo todo", e VLSP "... tem coisa mais ativa do que uma relação, mesmo você dando... dando eu recebo ao mesmo tempo, eu participo, faço um monte de coisa, meu corpo é ativo, todo ativando na hora..."

Quanto ao termo *gilete*, ele é amplamente usado e tem até conotação valorativa, por pessoas de ambos os sexos, que se dizem normais. Já entre os homossexuais, eles o vêem como um inde-

ciso "... perdendo sempre, não se acertou ainda, é um tarado, quer tudo", mas bem mais tolerado por entendidos, porque, segundo esses, ele "... sabe o que todo mundo precisa e quer satisfazer todo mundo e se realizar ao máximo ele mesmo, não tem fronteiras, cabeça aberta mesmo..."

O *bofe*, diferentemente, não precisa ser homossexual ativo, como Peter Fry classifica, contudo, o termo bissexual existe e é usado.

A denominação *núria* não foi mencionada em qualquer ocasião por estes grupos entrevistados.

EL, "... não gosto do nome de bicha, soa horrível, e dá idéia de um cara sem moral, mas admiro elas porque não leva desaforo pra casa, e, até certo ponto, as pessoas têm receio dela porque não têm nada a perder e pode dizer assim: ah, é?, seu cretino, ontem à noite bem que você gostou e hoje tá aí, quer que eu ligue pra mulherzinha ou prefere o chefinho, *Leila*, inventa qualquer nome na hora e bota o cara em maus lençóis, pode dar a idéia de que transaram realmente. Fala alto, faz escândalo, chora, é capaz de te agarrar no meio da rua..."

O termo *veado*, praticamente não é usado no meio homossexual, mas muito usado no meio heterossexual, por pessoas que se dizem normais. Homossexuais não gostam do termo e acham-no antiquado, fora de moda, no sentido de trapaceiro, também, quase como nome feio, ofensivo e depreciativo. Os menores, contudo, usam o termo no mesmo sentido e com a mesma frequência que o termo *bicha*.

Alguns outros termos como "bicha velha" é muito comum, mas remete a uma discriminação muito grande, faz-se muita chacota, piada e demonstra-se piedade por ela, "... afinal a gente também chega lá..." e ninguém gosta da figura da bicha velha e sem dinheiro. É comum também, a denominação de "bruxa velha", para designar homossexuais idosos e sem atrativos físicos, mas estende-se também para mulheres e homens idosos de modo geral.

Resta a figura do "coronel". É a figura de uma pessoa mais velha, endinheirada, que sustenta, mantém um jovem para fins sexuais.

O *bofe* é o moço, de preferência jovem e bonito "e pode ser completo quando é chocante e fazível, quando é assim, assim,

e pode ser portador de um malão, de uma malinha. O cúmulo é a frasqueira... as tias são as bichas velhas, as vós (avós) são as cansadas. A cansada é a chata... e gilete é plat-plus".

Uma última classificação: o que Peter Fry classificou de *ativo* e *passivo*, de fato, quanto a papel sexual, relacionando-se com o sexo oposto é atualizado em Florianópolis, como *homem*, mas prostituto, uma vez que ele cobra de ambos os sexos para se relacionar, no caso de JHT, que vive exclusivamente deste expediente. Contudo, faz uma ressalva, "... quando quero transar com alguém como homem, procuro uma mulher, amiga, e ela sabe que dela não vou cobrar, é minha amiga..."

Do ponto de vista das pessoas que se definem como normais, o sistema de classificação, os nomes, mudam para as categorias, no caso de JHT, um homem normal o classificou de *gilete*. "... entendido, mas que cobra...", e arriscou "... talvez a gente pudesse dizer também que ele é bissexual, deixando fora a questão do dinheiro, é difícil, porque o cara é um homem que é tanto ativo quanto passivo e ainda por cima transa com homens e mulheres e se deixando pagar, é demais, acho que ele é excepcional, doente mesmo, viu..." Vê-se que não há um consenso sobre o que ele é afinal: "... é ter muita cara de pau, acho que ele só tem isso mesmo na cabeça, né?..."

Peter Fry tinha imaginado este sistema como sendo um fenômeno que se verificaria nas grandes metrópoles, onde coexistiriam os sistemas A e B.

Segundo Carlos Nelson Ferreira dos Santos, os *homossexuais assumidos*: se sentem com menos problemas quanto à sua identidade homossexual e chegam a manipular o seu estigma. Divide-os em *afeminados* e *não afinados*. Já os *homossexuais afinados*: adotam maneira de porte, voz, trajés, movimentos, agem de forma *afetada*, caricatamente feminina. E os *homossexuais não afinados*: mantêm modo e aparência masculina, são capazes de admitir o próprio homossexualismo e participam do mundo e das atividades homossexuais sem fazer grande segredo disto. Com relação aos *homossexuais não assumidos*: considera-os mais ou menos secretos. E conceitua os *mais ou menos secretos*: como aqueles que por pressões sociais diversas, procuram exercer o seu homossexualismo de forma mais reservada possível, correndo um mínimo de risco de

ver seu desvio revelado, procurando preservar a imagem de *normal*.

Os prostitutas são os homens que se prestam à prática de atos sexuais com outros homens em troca de dinheiro ou outra forma de remuneração. Com relação aos papéis que as diferentes categorias utilizam para se distinguir entre si, Carlos Nelson detectou no seu local de pesquisa, (uma sauna em Copacabana) duas categorias principais: bichas e entendidos.

A bicha é uma categoria de uso geral com conotações negativas fortes e seria o homossexual assumido afeminado.

As outras categorias de homossexuais, vêem a bicha como uma espécie de bode expiatório, mas é também uma figura fascinante para os homossexuais, pelo seu aspecto desafiador. A maioria é de baixa classe média.

A outra categoria, a dos entendidos, é aquela que entende o outro homem na cama, sabe o que ele precisa. "Não é como a bicha que só quer bicharia. Um entendido transa e quando tudo termina está tudo bem" (1978). Essa categoria não tem conotação negativa.

Classificou os entendidos em relevados e discretos. Os relevados são homossexuais não afeminados e não se preocupam em dissimular sua condição de homossexuais. Há os discretos (secretos) que mantêm mais ou menos em segredo o seu desvio. Às vezes, são casados e bissexuais.

Apresenta ainda, um outro tipo de assumido, mas que têm receio de tomar iniciativas e não chama muita atenção - são os tímidos.

Um outro tipo, o dos michês, se apresenta distintamente: o rapaz é mantido por uma bicha velha e os prostitutas que já têm relacionamento com os entendidos.

Na conceituação de Carmen Dora Guimarães (1977), o michê é um indivíduo jovem, do sexo masculino, tido como homossexual, que vende os seus serviços sexuais no mercado homossexual, recebendo do homossexual, pagamento em dinheiro.

Voltando para Carlos Nelson, resta o termo de *bruxas*, que ele diz ser usado pelos homossexuais para designar bichas e entendidos velhos, feios, deformados. Contudo, Carlos Nelson usa o termo apenas para entendidos velhos ou obesos.

Finalmente em relação ainda aos grupos de menores, é necessário frisar de novo que todos os entrevistados procediam da mais baixa camada social, a maioria residia temporariamente com os pais, sô com a mãe, ou então tinham estado temporariamente recolhidos aos aparelhos de repressão, abrigo ou recuperação de menores. Todos eles igualmente já estiveram ou ainda estão engajados em qualquer tipo de atividade delinqüencial. É evidente que esses vários grupos de menores têm leis e normas de comportamento que são extensivos a todos os menores delinqüentes e aos grupos individualmente, já que são de natureza de organização e objetivos deviersificados, têm cōdigos de conduta e prescrições particularizadas. Assim, já inseridos em comportamentos que a sociedade ampla conveniu serem atos delinqüentes, criam regras particulares que por sua vez podem ser violadas e a pessoa em questão ser acusada de desvio e tomarem-se as providências "para embalizar o cara de novo" ou então o que costuma suceder é que, após um período de persuasão e tentativa de *recuperação* do infrator, caso reincida ou não volte à normalidade dos dispositivos do grupo como um todo, este acaba sendo desligado do original, para eventualmente se engajar em outro, onde normas que são prescritas no primeiro, são toleradas no segundo.

Assim, de acordo com o modelo desenvolvido por Peter Fry, ele se atualiza em Florianópolis sob certos aspectos, como o de encontrar a categoria *entendido* nas camadas mais altas da sociedade e quase todos disporem de posições valoradas na sociedade, serem profissionais liberais e terem formação acadêmica geralmente de nível superior.

Em Florianópolis, e também no Brasil, a questão do homossexualismo é vista e reprovada tanto moral quanto socialmente. Assim, constituem crimes de ofensa à moral pública, praticar atividades homossexuais em lugares públicos, abertos, locais, esses freqüentados por todas as pessoas. A legislação também prevê que constitui crime praticar atos sexuais com menores e aqui, a questão se agrava por ser duplamente criminosa, isto é, por se tratar de pessoas, menores de idade do mesmo sexo que se relacionam com parceiros sexuais adultos.

A tolerância e a permissividade por parte da "audiência social" é aparente nesse meio social da ilha de Santa Catarina.

A acusação e a atribuição de um status de desviante aos menores como delinquentes de qualquer natureza é processado por um ritual de passagem que marca a pessoa e a coloca numa outra condição. Como K. Erikson colocou, "... as cerimônias que marcam essa mudança de status geralmente têm um número de fases relacionadas. Elas fornecem um palco formal no qual o desviante e a comunidade confrontam-se (no flagrante de um ato considerado delinqüencial e o pronunciamento ou encaminhamento formal do Juiz de Menores do menor apanhado); elas anunciam a natureza do seu desvio (a qualificação do delito e o encaminhamento do menor ao Centro de Triagem ou à FUCABEM); elas o fazem desempenhar um papel que deverá neutralizar os efeitos maléficos da sua má conduta (o papel do menor delinquentes de qualquer natureza, acrescido do delinquentes sexual que é mais estigmatizante ainda)".

K. Erikson continua: "No entanto, uma importante característica dessas cerimônias em nossa cultura é sua quase irreversibilidade..." Essa irreversibilidade da cerimônia de marcação que K. Erikson aborda, constantemente os menores tentam anulá-la na medida que mantêm um controle e uma vigilância rígida das regras do próprio grupo, das regras que governam toda a transação sexual e especialmente um controle severo sobre os papéis sexuais desenvolvidos pelos membros do grupo, isto é, a insistência e a observância do papel de apenas insertor numa relação. Esse comportamento controlador ajuda a manter a coesão, a idéia de *normalidade* das atividades sexuais quanto às práticas e os papéis e da concepção que têm de si mesmos.

"A passagem para a posição de desviante caracterizou -se por uma cerimônia decisiva e muitas vezes dramática. No entanto, o indivíduo deixa o status de desviante sem maior publicidade..."

Os menores estão tão convictos de que, se realmente existe qualquer "marca" ou "rótulo" sobre as suas atividades sexuais consideradas delinqüenciais, este será apagado totalmente "quando eu for maior... servir (prestar serviço militar)... tiver um emprego de salário inteiro", a atividade sexual com homens será encerrada para alguns. (Erikson, 1966:16).

No mundo homossexual adulto em Florianópolis, a bicha, homossexual masculino afeminado (Carlos Nelson Ferreira dos San-

tos, 1978; Carmem Dora Guimarães, 1977) por um lado, é uma das categorias homossexuais mais criticadas, e por outro lado, admirada.

Do ponto de vista dos travestis, por exemplo, "ela é uma mulher pela metade" ao contrário deles, travestis, que se vêem "como mulher total, meu corpo, minha voz, os gestos, as roupas... e a minha cabeça é de mulher..." "porque a bicha "é uma coisa tão indecisa, meio indefinida, porque num momento ela é macho-man, as sim, quê vê, quando ela procura a mim (ZLK, travesti) me paga e é um homem na cama, entendeu ?..." em oposição a outras situações quando ele "age como uma mulher,... não por causa das roupas, da voz, ou da maneiração, viu, mas quando ele procura os guri da praça... procura assim outro cara que vai ser o homem na cama, o ativo, se vai se relacionar, assim, se vai ter sexo com ele...".

Por um lado, a bicha é criticada "porque você pode esperar tudo dela... pode ser trapaceira porque ela sempre pensa em sexo e quer trepar de qualquer maneira... pode passar calote em você...". Nesse sentido, os menores têm até um certo receio na medida em que se trata de homossexuais mais velhos ou daqueles que estão "rondando na praça o tempo todo..." e se não dispõem de informações seguras sobre a sua pessoa. Quando não se trata de homossexuais que se assumem publicamente tais como GH e se auto-denominam de "bicha para esvaziar o conteúdo pejorativo do termo" e na medida que essa atitude é então política, não são os menores como as outras categorias de homossexuais, ou mesmo pessoas que se dizem heterossexuais, dependendo da classe social da pessoa, seus possíveis parceiros sexuais evitam-no "porque ela é um perigo constante... a qualquer momento pode dar escândalo... é instável, emocional... uma insegurança total... roda e bahiana a qualquer hora... te agarra... e como não tem nada a perder, pode te comprometer, entendeu?...". Já por outro lado, é uma das figuras mais invejadas na medida em que ela ascendeu socialmente, como no caso de CZ "... eu sou uma coisa que deu certo..." com entrada livre em todas as rodas sociais e que é tomado como exemplo de sucesso não só financeiro mas também pelas suas atitudes em relação à sociedade, que apesar de freqüentá-la e ser aceito nos mais diversificados grupos sociais, clubes e eventos, é inve

jado pelo seu "deboche, é um escrachado... totalmente louco e anormal..." no sentido que ele tem uma marca, um rótulo próprio que desenvolveu e que foge inclusive à *normalidade* do comportamento de outros homossexuais assumidos publicamente e afeminados, a ponto de ser visto por esses outros elementos como um *outsider* também, em relação ao que o grupo ou o meio homossexual dessa categoria específica considera como comportamento adequado.

Para muitos entendidos que podem buscar parceiros sexuais também entre esta última categoria, o que pude notar das informações do trabalho de campo, procuram pessoas que numa certa medida se assemelham, compartilham valores similares aos seus, no sentido de formação acadêmica, outras interações tais como o gosto pela arte, "que sejam mais requintados... que gostam também de boa comida, bebida fina, de finesses sabe, que tenham viajado, com quem eu posso me comunicar em francês ou inglês, tãen tendendo, assim, uma coisa mais fina, não são a fixação em sexo, viu, outras coisas, música... teatro... arte, arte..."

Conseguir manipular os papéis sexuais e também os sociossexuais (Carmen Dora Guimaraes, 1977) por um lado relaciona a bicha ora a um mundo como o heterossexual e ora a outro mundo, como o homossexual e esta ambigüidade aparente - aparente porque na realidade se trata de tipos de homossexuais diferentes, que desempenham papéis sexuais diversos - na maioria das vezes faz com que as pessoas comuns, que não conseguem e não sabem apreender essa diversidade de papéis e comportamentos, rotulam-nos numa ampla categoria de "bichas, viados", com forte conotação negativa e pejorativa. Os menores, contudo, têm conhecimento perfeito dessa distinção, sabem que realmente existem subcategorias entre aqueles que são denominados amplamente de bichas, mas que, devido talvez à sua identificação deles menores, com as pessoas e o mundo heterossexual, possivelmente numa tentativa reforçadora da sua identidade e autoconcepção de "normais, homens..." insistem nessa ampla classificação.

A mesma análise por parte dos menores pode ser estendida aos entendidos que para eles, encerram a questão dizendo que "... são bichas e não sabem disso...". Do ponto de vista de sua autoconcepção, isto é, de que eles não se constituem em prostitutas e em hipótese alguma, em homossexuais de qualquer catego-

ria, a sua visão também dos entendidos, está adequada. Ainda na sua concepção de *normalidade* dos papéis sexuais. "...qualquer cara que procura outro homem prá transã é uma bicha, assim nê, um viadão, porque isso não é... não é que não é certo, assim, homem com homem, porque no dito (popular) dá lobisomem,... mas sô assim brincadeira de guri, assim umas safadeza entre gente grande também, mas assim sério... daí nê, o cara é bicha..."

O menor LS titubeou muito quando deu seu conceito acerca dessa questão porque inicialmente não sabia como explicar, ou receava que justamente eu perguntasse acerca dele mesmo, mas no fim deu uma explicação suscinta para sua atividade sexual remunerada dizendo "... isso é um negócio... é diferente..." ainda justificando que se constituía numa atividade passageira para ganhar dinheiro "... vou largar isso quando for maior... tiver coisa certa (emprego)... quando vou ser homem (maior de idade)... elemento de respeito... um funcionário assim, então eu largo..."

Para aquelas pessoas que de acordo com Carmen Dora Guimarães (1977) poderiam ser classificadas como *entendidos* não sô de vido ã sua prática sexual e social, ã classe ã qual geralmente pertencem (classe média tradicional) por parte dos travestis por exemplo, estes não se preocupam muito em classificã-los "... por que o que interessa é o freguês... a transa que vou ter com ele..." mas que por parte de outras categorias de homossexuais como as bichas afeminadas ou não "... é um enrustido... é como eu, mas não tem coragem por muitos grilos de se assumir, tem o emprego tal,... tem medo ou vergonha, muitas vezes é o nome da família que ele precisa zelar, essas coisas que comprometem nê..."

Agora, para os próprios entendidos, muitos dos quais, bissexuais, vêem essa questão como "uma irrelevância ... essa mania de sempre dar nome às coisas... olha, eu transo com homem e mulher... mas às vezes eu prefiro sô homens por uma época, outros tempos sô procuro mulheres, então não vejo por causa dessa preferência temporária por um ou outro, ser chamado disso ou daquilo, entendeu... não vejo necessidade disso não... quer ver, há três anos atrás fui vegetariano por quase um ano, depois deixei, isso não quer dizer que ainda sou, foi apenas uma preferência por um tipo de alimentos... a mesma análise posso dar da vontade sexual

da pessoa, entendeu ?..."

NT colocou que é apenas um homem que prefere outro homem na cama...". Para estas pessoas de classe média e para cima e "que podem levar vida dupla" a questão da sexualidade das pessoas não se resolve "dando nome aos bois" mas efetivamente se relacionando com pessoas e desenvolvendo determinadas práticas sexuais que realmente atendem e satisfaçam os desejos sexuais individuais.

Para aquelas pessoas adultas, masculinas, que de acordo com suas atividades sexuais remuneradas poderiam ser identificadas como prostitutas, uma vez que vivem de transações sexuais pagas, estes se vêem, como JHT e JK como "homens que transam com os dois lados" e admitem que são denominados também por giletes. O termo bissexual é pouco empregado para se referir a eles, a não ser em círculos tais como o dos entendidos "... mas é uma questão de nível... usar todos esses nomes vulgares e depreciativos, dá assim uma idéia muito imoral da coisa toda, rebaixa toda a relação a um nível de Sodoma, lembra a cidade bíblica?... tem que refinar mais as coisas..." segundo colocações de NT.

Em relação aos travestis por exemplo, os menores concebem-nos como "... a mais bicha de todas... é uma puta mesmo... uma mulher virada (transformada) pra ganhá dinheiro..." e afirmam não interagirem muito com essa categoria "porque eles querem outra coisa... tão procurando homem que paga pra eles,... é diferente da gente porque nós fizemo quase o contrário né, queremos grana também, mas os caras que querem ser trepado né, o contrário..." como ANG colocou.

As acusações não são feitas somente de uma categoria em relação a outra, mas como já mostrei, pode dar-se dentro duma mesma categoria. Isto vale também para os grupos diferentes de menores que realmente têm características de grupo, não só porque seus membros têm objetivos semelhantes, apesar da diferença interna quanto às atividades específicas dos seus integrantes "para ganhar dinheiro" seja aqui atividade sexual remunerada, revenda ou furto de objetos e mercadorias, mas também porque os elementos interagem no grupo, apresentam outras características de coesão como solidariedade, ajuda mútua, confiança, outoproteção, e outras.

Como para sobreviver como um grupo, o controle mútuo é necessário, podem aparecer acusações de desvio dentro de uma atividade já previamente considerada desviante, porque delinqüencial, pois como mostrei, todos os integrantes ou menores que se relacionam sexualmente com adultos e se deixam pagar, todos os menores de uma forma ou de outra, praticam outros atos considerados delinqüentes e então são dupla ou triplamente acusados como um tipo de desviante social, seja pela sociedade ampla, seja pelo próprio grupo, que estabeleceu as normas de comportamento dentro do grupo delinqüente.

Assim, surgem acusações de desvio da norma sancionada como no caso de um companheiro infringir qualquer dos itens previamente acordados, seja na fase de paquera e negociação inicial, seja na transação em si, ou ainda nas normas que regulam as formas de recompensa ou até o comportamento fora do grupo de "trabalho legal" no estacionamento por exemplo.

De acordo com a caracterização sócioeconômica, populacional e da ocupação do espaço urbano em Florianópolis, mostrado no primeiro capítulo, esses menores na sua maioria absoluta estavam ou estão temporariamente engajados em atividades do mercado informal de trabalho e este, devido às oscilações e ele inerentes, já é uma forma de atividade delinqüencial na medida em que remunera insignificadamente e predispõe a pessoa a se engajar em atividades que a sociedade ampla considera como sendo ilícitas porque não seguem as normas que regulam sobre as formas de apropriação dos bens e do capital na nossa sociedade.

Então, desenvolver atividades que são a priori, consideradas inapropriadas, desaprovadas pela legislação e pelos mecanismos de controle social que rotulam, atribuem um status delinqüencial às pessoas consideradas ou apanhadas como infratores da ordem, em parte faz com que os menores no caso, se organizam, estabelecem normas e disposições próprias e desenvolvam essas atividades proscritas dentro de uma nova ordem, dentro de regras e leis particulares do grupo. Em relação a essas novas normas podem então surgir acusações de infração à regra e a punição está prevista e é acionada. Não são as atividades consideradas como delinqüenciais pela sociedade ampla, mas também atos que o próprio grupo pode considerar como desviantes da norma por eles estabele-

cida, são controladas e rotuladas, passíveis então de punição, que pode culminar com o desligamento do membro do grupo. Nesse sentido os menores reproduzem determinados padrões e modelos da sociedade ampla e esta atitude parece reforçar novamente a idéia de normalidade que tem de si mesmos. Como esses menores pertencem em sua totalidade às camadas mais baixas da sociedade, o que se pode observar contudo nitidamente, é a predominância absoluta de grupos de menores que se consideram homens, pois como já mostrei, estes são desenvolvem um determinado papel numa relação, isto é, o de insertor.

Contrário ao estudo de Reiss Júnior, ter relações sexuais com homens não implica para a minha pesquisa, na perda ou diminuição da masculinidade.

Como também já coloquei, os menores podem ter relações sexuais intragrupo, mesmo aquele constituído só de *homens*, pode "fazer brincadeira" com os menores de grupos "de bichinhas". Deixam claro, porém, que "isso é só de mentira, assim, de besteira mesmo, de bobeira viu, porque entre a gente pode fazê isso, aquilo, mas não com os viado né,...". O grupo que é mais constituído de menores que desempenham vários papéis, estes não são muito reticentes em admitir que "fazem isso porque a gente gosta mesmo, mas daí ninguém cobra nada do outro, porque eu faço nele o que que e eu posso pedi pra ele fazer umas coisas diferentes pra mim..." RJ foi o mais taxativo nessa questão afirmando "se não gostava não ficava nisso né..."

BIBLIOGRAFIA

- ALTMAN, Dennis. Homosexual: oppression and liberation. New York, Avon Books, 1973.
- BECKER, Howard S. Outsiders - Studies in the Sociology of Deviance. London, The Free Press, 1963.
- _____. The other side. London, The Free Press, 1963.
- DOUGLAS, Mary. Witchcraft, Confessions and Accusations. London, Tavistock Publications, 1970.
- Introduction: Thirty years after Witchcraft Oracles and Magic.
 - The context of Witchcraft in Europe.
 - Norman Cohn: The myth of Satan and his Human Servants.
 - Keith Thomas: The relevance of Social Anthropology to the historical study of English Witchcraft.
 - Alan Macfarlane: Witchcraft in Tudor and Stuart Essex.
- ERIKSON, Kai T. Notes on the Sociology of Deviance. In: BECKER, Howard S. The other side. London, The Free Press, 1963.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Vozes, Petrópolis, 1980.
- _____. Vigiar e punir. Vozes, Petrópolis, 1977.
- _____. História da sexualidade I. A vontade do saber, Edições Graal Ltda, Rio, 1975.
- _____. História de la locura en la época clásica. Fondo de Cultura Económica, México, 1967.
- FRY, Peter. Changes in the Social Construction of Male Sexuality in Brazil. Campinas, 1976, mimeo.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Zahar, Rio, 1978.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Zahar, Rio, 1975.
- _____. Manicômios, prisões e conventos. Perspectiva, São Paulo, 1977.
- _____. The presentation of self in every day life. Garden city, New York, Doubleday, Anchor Books, 1959.
- GOLDWASSER, Maria Júlia. O palácio do samba. Zahar, Rio, 1975.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. O homossexual visto por entendidos. Rio, Museu Nacional, 1977 mimeo.
- HUGHES, Everett C. Good people and dirty work In: BECKER, Howard S. s/ed. The other side. London, The Free Press, 1963.

- HUMPUREYS, Laud. Tearoom Trade: impersonal sex in public places. Chicago, Aldine Publishing Company, 1973.
- ISTO É. O poder homossexual. Ano II, nº 53, 28 de dezembro, 1977.
- JOURNAL GAY INTERNATIONAL. nº 1, fevereiro, 1980. Liga Eloinista, Guarulhos, São Paulo.
- _____ . nº 2, 1980. Liga Eloinista, Guarulhos, São Paulo.
- _____ . nº 3, Ano I, s/d. Liga Eloinista, Guarulhos, São Paulo.
- JORNAL DO GAY. Edição Especial, nº 4, 1979. Círculo Carydon, Guarulhos, São Paulo.
- KITSUSE, John I. Societal reaction to the Deviant Behavior: Problems of theory and method. In: BECKER, Howard, s/d. The other side. London, Free Press, 1963.
- LAMPIÃO DA ESQUINA. nºs 1-33, Esquina Editora Ltda, 1978-1980. Rio.
- LEMGRUBER, Julita. Cemitério dos vivos. IUPERJ, Rio, 1980 mimeo.
- LEOPOLDI, José Sávio. Escola de samba, ritual e sociedade. Editora Vozes Ltda, Petrópolis, 1978.
- MATTA, Roberto da. O ofício do etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". In: NUNES, Edson de O. (org.) A aventura sociológica. Rio, Zahar, 1978.
- _____ . Carnavais, malandros e heróis. Zahar, Rio, 1977.
- PEREIRA, Carlos A.M. Desvio e/ou reprodução In: Testemunha Ocular. Tempo Literário, Rio, 1979.
- RECHY, John. As cidades da noite. Editora Civilização Brasileira S/A, Rio, 1964.
- REISS, Jr., Albert. The Social Integration of Queers and Peers. In: BECKER, Howard S. The other side. London, Free Press, 1963.
- SAHLINS, Marshal. Cultura e razão prática. Zahar, Rio, 1980.
- SANTOS, Carlos N.F. dos. Bichas e entendidos, a sauna como lugar de encontro. Rio, Museu Nacional, 1976 mimeo.
- SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e relações sociais. (II Cap.) Rio, Zahar, 1979.
- TIME. How gay is gay. Homosexuality in America, april 23, New York, 1979.
- VEJA. Um gay power ã brasileira. São Paulo, abril (468): 66-70, 24 de agosto de 1977.
- VELHO, Gilberto (org.) Desvio e divergência. Rio, Zahar, 1974.

- VELHO, Gilberto. Acusação: Projeto familiar e comportamento desviante. Rio, Boletim do Museu Nacional, nº 28, junho/78.
- _____. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: FIGUEIRA, Sêrvulo A. (coord.) Sociedade e doença mental. Editora Campus, Rio, 1978.
- _____. Estigma e comportamento desviante em Copacabana. In: Desvio e Divergência. Zahar, Rio, 1974.
- _____. A utopia urbana. Zahar, Rio, 1973.
- _____. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. Boletim do Museu Nacional, nº 31, Rio, janeiro, 1979.
- _____. Nobres e anjos - um estudo de tóxicos e hierarquia. Museu Nacional, Rio, 1975.
- VELHO, Gilberto e MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Organização Social do meio urbano. Anuário Antropológico, Tempo Brasileiro, Rio, 1977.

CLOSSÁRIO

- atividade sexual: Deve-se entender não sō os atos sexuais em si, mas inclusive em todos os tipos de intercurso sexual, como a masturbação, felação, coito anal, e deve-se incluir o voyeurismo, o exibicionismo, sodo-masiquismo e o sexo grupal.
- ativo : É a noção oposta de passivo e de novo, a noção, fora do meio homossexual, é altamente valorativa e reservada tradicionalmente ao homem numa relação sexual. Essa concepção também é inteiramente rejeitada pelas categorias homossexuais e justificada por um t... que disse não haver "... coisa mais ativa do que uma relação sexual, não importando a posição e o papel" previamente convencionados para os parceiros.
- batalha (r) : a) Trabalhar, estar em atividade ou sair para transar.
b) Estou no seu "mettier" à procura de clientes.
- balançou : Deixou a pessoa indecisa, confusa e insegura quanto a sentimentos, atitudes e comportamentos.
- bicha : É uma das categorias de homossexuais masculinos; é um termo de uso geral, mas com fortes conotações negativas, chamar alguém de bicha é ofensivo e estigmatizador.
- bofe : Rapaz, de preferência jovem e bonito. Pode ser objeto de desejo sexual do bicha, por exemplo.
- bico de bule : Pênis diminuto.
- bruxa (velha) : Termo usado pelos homossexuais para se referirem generalizadamente a bichas e entendidos velhos, muito feios, obesos ou deformados.
- caso : a) Ter um caso com alguém = no sentido de manter um romance, um namoro, ou um amante como: ele é meu caso agora.

- b) Significa também no meio homossexual, ter um desentendimento, briga, disputa com alguém, nesse contexto: Tive um caso dos diabos com ela e fechei o pau.
- c) Criar caso com alguém: implicar, fomentar desentendimentos ou brigas; pegar no pê, fustigar, desobedecer ou não, acatar ordens políciais, por exemplo.

comer/dar

: São verbos que indicam as duas opções do coito anal. Refere-se igualmente a relação heterossexual, como: "... a esposa não dá para ele e por isso procura a gente", conforme depoimento de um travesti. Ou nesse contexto: "... ela dá prá todo mundo, como galinha"; ou ainda "F. comeu muita menina o garoto novo". Usa-se também para indicar que um homem desvirginou uma mulher.

clientes

- a) Qualquer parceiro sexual, não importando de qual categoria ou grupo estou ne referindo. Assim, em relação aos travestis, será o parceiro sexual não identificado como homossexual, ou pelo menos não tido como tal. Em relação aos adolescentes, é o parceiro sexual homossexual adulto que remunerará ou gratificará o menor.
- b) É também usado em alguns meios para se referir a uma pessoa que reiteradamente procura, paga, um homossexual para transar com este.

chupar - ser chupado:

São verbos que indicam ações relativas à prática de felação. Ser chupado pode ser altamente proibitivo e estigmatizado, como por exemplo, por alguns indivíduos do grupo de adolescentes e que desempenham somente um papel na relação, isto é, o de insertores. Na linguagem do mundo não homossexual seria o papel de ativo e que estes desempenhariam na relação sexual.

- documento : O termo é usado para se referir aos órgãos sexuais masculinos, com maior frequência em relação aos travestis quando não se tem certeza do seu sexo, mormente em situação de identificação policial.
- entendido : Termo usado pelos próprios homossexuais masculinos para se referirem a si mesmos. Como o termo bicha é estigmatizado e com fortes conotações negativas, o termo entendido ainda não tem tal carga. Ser entendido significa saber, entender o que o parceiro quer na cama. A categoria entendido é ampla, aberta, universal, em contrapartida à bicha que é uma categoria fechada e restritiva, seletiva.
- exposição : Faz parte da operação ver e ser visto. Significa aparecer em determinados locais de encontro e paquera. Expor-se, por exemplo, no micfônio público, faz parte da tentativa de negociação sexual, onde a exposição literal dos órgãos sexuais tem um papel significativo.
- fazer alguém : Ir para a cama com alguém; convencer uma pessoa, prepará-la para determinado fato, atividade ou comportamento. É usado quase no mesmo sentido de "fazer a cabeça de alguém".
- finini : Dinheiro, grana, prata, pagamento, recompensa.
- frasqueira : Pênis pequeno.
- freguês : É também usado como sinônimo de cacho mas é qualquer pessoa que possa vir a se tornar um cliente, um comprador de serviços sexuais.
- gilete : É um indivíduo do sexo masculino que se relaciona sexualmente com ambos os sexos, desempenhando qualquer papel. Chamam-no também, de plat-plus.
- mala : O pênis considerado de tamanho normal.
- malão : Pênis desproporcional; muito grande, descomunal.

- malinha (mattin) : Pênis pequeno
- mercado : a) Experiências e vivências do tipo de atividade desenvolvida, no caso, negociações sexuais dos garotos com parceiros homossexuais;
- b) "conhecer as malandragens do mercado", saber tudo, ser experiente em relação à transa sexual em si mesma;
- c) saber das sutilezas, subterfúgios, evasões da polícia;
- d) conhecer e identificar prontamente as tentativas de engano (passar a perna) por parte dos adultos ou no próprio grupo, ou ainda, em relação às categorias não homossexuais com as quais os grupos transam.
- michê : É o prostituto na linguagem homossexual. O michê não se vê como homossexual.
- núrias : O mesmo que bofe. O termo núria não aparece em nenhuma ocasião no trabalho.
- odara : A mesma coisa que malão.
- passivo : Uma classificação feita por pessoas de fora do mundo homossexual e se refere ao papel sexual que tradicionalmente se confere à mulher uma relação sexual. A noção implica não somente a posição física de subjugação que ela ocuparia na relação, mas também na sua participação insignificante na mesma. Por esse ponto de vista se acredita que ela não participa da mesma, apenas recebendo e não retribuindo ou atuando para a condução de todo o desenrolar da relação. Isso implica também na noção de que a iniciativa, as atividades pré-sexuais quanto ao ato, como a bolinação e o manuseio ao homem inteiramente. Essa noção de ativo/passivo é totalmente refutada pelas categorias ho

mossexuais, dizendo que essa classificação "é um didatismo idiota de vocês cientistas que não atuam nada".

- paquera (flerte): São os entendimentos, as negociações entre pessoas que pretendem estabelecer um contrato sexual ou romântico. A paquera não exige troca de linguagem falada entre os interlocutores, mas são usados mais gestos, olhares, expressões faciais e corporais, movimentos do corpo, acenos, mímica.
- pedaço : a) A parte, a região da cidade, o local da praça, rua ou outro lugar público ou não, onde um grupo ou um indivíduo está para desenvolver o seu trabalho.
b) Ter inveja do pedaço: o corpo da pessoa ou a própria aparência física ou a indumentária dela.
- pegar - pegação : Se refere a bolinar, manusear o corpo de alguém ou esfregar-se nele, colocar a mão diretamente sobre as nádegas ou órgãos sexuais de outra pessoa, mas sem a intensão de masturbar o outro indivíduo.
- peixeirinho : Denominação pejorativa para designar os habitantes nativos da Ilha de Santa Catarina, de origem açoriana, cuja atividade principal é a pesca, no momento.
- pintar : Aparecer, surgir, comparecer, ir a um lugar. Usa do no sentido de "não pintou nada hoje", isto é, não apareceu nenhum freguês.
- quebra-louça : Relação sexual de dois homens, mas sô de frente, sem penetração anal. É mais uma brincadeira, um jogo sexual.
- suruba (fazer suruba): É a prática do sexo grupal, com mais de duas pessoas. Na suruba, pode-se executar todas as práticas sexuais imagináveis ao mesmo tempo e com as mais diversas composições quanto a parceiros e práticas e papéis.

- tia (avô) : Bicha velha.
- trabalhos : a) lugar onde se dá a paquera e a negociação inicial;
 b) usado também no sentido da atividade sexual em si;
 c) utilizado em certos meios de determinadas religiões de origem africana, onde trabalho significa fazer ou ter recebido uma boa ou má intervenção dos espíritos, orixás, um mal feito que exige a intervenção de outro orixá ou preto(a) velho(a) para anular ou contrabalançar esse trabalho feito.
- transar : a) sair ou estar trabalhando no seu metier;
 b) fazer uma negociação, por exemplo, sexual ou namorar;
 c) estar numa situação boa, legal;
 d) estar ou ser colocado numa situação difícil, delicada, em encrenca.
- tregar - trepadinha: a) relacionar-se sexualmente com alguém e não é verbo de uso exclusivo no meio homossexual.
- armar o açucareiro : Colocar as mãos na cintura desafiadoramente.
- cacho : O caso, o romance, a transa com alguém.
- fazer o anel : O mesmo que zuelar e fazer a tomada.
- fazer a tomada : O mesmo que zuelar.
- iddi : Cũ, ânus, bunda.
- mona : Entendido, gay, moça.
- ocô : Rapaz, homem.
- pivô : dar uma voltinha de manequim, desmunhecar, dar na vista.
- zuelar : Praticar o ato sexual com outro homem.